

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA — UFU

VICTORIA VELLOZO MELO

**O INVISÍVEL SALTA AOS OLHOS:
emoções dolorosas e a vida afetiva das universitárias**

UBERLÂNDIA

2023

VICTORIA VELLOZO MELO

**O INVISÍVEL SALTA AOS OLHOS:
emoções dolorosas e a vida afetiva das universitárias**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Márcio Ferreira de Souza

UBERLÂNDIA

2023

VICTORIA VELLOZO MELO

**O INVISÍVEL SALTA AOS OLHOS:
emoções dolorosas e a vida afetiva das universitárias**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Uberlândia.

APROVADA EM: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Tulio Cunha Rossi
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina de Paula Martins
Universidade Federal de Uberlândia

UBERLÂNDIA

2023

“Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.”

bell hooks

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Vera e Daniel, que com todo o amor do mundo nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Mãe, obrigada por ser minha força e acalantar meu coração de um jeito que só você sabe fazer, em meio às tempestades você é meu porto seguro. Pai, obrigada por ser a luz que ilumina meu caminho, minha referência e o maior incentivador dos meus estudos. Sua filha agora é uma cientista social.

Ao meu irmão Venâncio, meu melhor amigo e a melhor companhia que poderia ter na vida. O amor que sinto por você é o mais bonito que já vi. Sempre disposto a me ouvir e me aconselhar, eu sou o que sou hoje por sua causa. Bini.

Honro o fechamento deste ciclo agradecendo imensamente às minhas amigas Marcela Diniz, Lívia Jäger, Thalia Marques, Livia Bacci, Gabriela Albuquerque, Laís Oliveira, Nathiele Macedo e Tuila Tachikawa. E claro, ao meu amigo Zé Neto. Quando nem eu acreditava na minha força, vocês estavam lá por mim me mostrando o contrário. Vocês fazem parte da minha história e vou levá-los no meu coração para o resto da vida. Crescer dói, mas de mãos dadas é mais fácil.

Gostaria de agradecer ao meu orientador Márcio, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia, além do projeto de pesquisa “Investigações sobre a humilhação como fenômeno social: bases teóricas, epistemológicas e empíricas”. Também à Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

À todas as meninas que aceitaram participar da entrevista e se sentiram à vontade para compartilhar suas histórias de vida comigo. Aprendi muito com cada uma de vocês.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu mentor espiritual, que me manteve firme e vibrou por mim durante toda essa jornada. Há muita força no invisível e eu sei pois posso sentir.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a trajetória afetivo-sexual das universitárias, com o intuito de compreender como as mulheres na faixa etária da juventude significam suas relações afetivas com o sexo masculino. Nosso objetivo é teorizar sobre a presença de emoções dolorosas (culpa, medo, vergonha, ódio, humilhação, etc) como um indicativo de conflito e desigualdade nas relações de gênero. Através do trabalho etnográfico, visamos tomar a Universidade Federal de Uberlândia como nosso laboratório de análise, aplicando as ferramentas da teoria bourdieusiana — habitus, capital, campo e sofrimento/violência simbólica — à realidade em questão. Para realização das entrevistas narrativas semi-estruturadas, demos preferência às estudantes que atuam enquanto membros de entidades acadêmicas de diferentes cursos, tais como os Centros e Diretórios Acadêmicos, Associações Atléticas Acadêmicas, Baterias Universitárias e Repúblicas Estudantis.

Palavras-chave: Sociologia das Emoções; Juventude; Adolescência; Violência Simbólica; Violência de Gênero; Universitárias; Pierre Bourdieu

ABSTRACT

The current work seeks analysing the affectionate-sexual trajectory of the female university students, with the intent of pursuing how women at this age of youth signify their affectionate relationships with the opposite sex. Our objective is to theorize about the presence of hurtful emotions (guilt, fear, shame, hate, humiliation, etc.) as an indicative of conflict and gender inequality. Through ethnographic work, we seek to have Uberlândia's Federal University as our analysis lab, applying Bourdieu's theoretical tools — habitus, cultural capital, field and suffering/symbolic violence — to the reality in question. To accomplish the semi-structured narrative interviews, we preferred female students that actively are members of academic entities of different graduations, such as Academy Center and Directory, Academic Athletic Associations, University Bands and Student Republics.

Keywords: Emotion Sociology; Hurtful emotions; Academic field

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
1.1 Gênero e sexualidade	12
1.2 Juventude	16
1.3 Sentir para entender: um olhar sociológico sobre as emoções	18
CAPÍTULO II	
2.1 O conceito de Habitus e Capital	26
2.2 A teoria dos campos	30
2.3 Condições de campo: sofrimento/violência simbólica	32
CAPÍTULO III	
3.1 UFU, integração e competição: uma etnografia no campo universitário	36
CAPÍTULO IV	54
4.1 A experiência familiar: ainda vivemos como nossas mães?	55
4.2 A experiência passada: emoções dolorosas e as marcas da adolescência	62
4.3 Emoções e o corpo-para-o-outro: uma ferida aberta?	71
4.4 A condição da jovem universitária	77
4.5 “A violência física foi a que menos me machucou”: sobre a persistência das emoções dolorosas	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXO A - Roteiro de entrevistas	104

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar sobre a trajetória afetivo-sexual de estudantes universitárias, com o intuito de compreender como as mulheres na faixa etária da juventude significam suas relações amorosas. Nos interessa aqui, averiguar a existência de situações de sofrimento emocional ao longo de suas experiências afetivas. Ancorada em uma perspectiva sociológica, meu objetivo é teorizar sobre a presença de emoções dolorosas (BOURDIEU, 2015) — tal como a culpa, medo, vergonha, ódio, humilhação etc. — como um indicativo de conflito e desigualdade nas relações de gênero. Através da bibliografia escolhida, é possível compreender que o modo como as mulheres sentem suas emoções, não deve ser resumido a um fenômeno psíquico ou individual, mas sim um resultado da internalização das estruturas sociais de dominação. Portanto, a pesquisa tem como alicerce conferir a importância das emoções dentro do aspecto social, como sendo uma contribuição valiosa ao conhecimento. Em especial, aos estudos de gênero que se destinam a compreender a subjetividade das mulheres e as violências a que são acometidas.

O campo universitário é o espaço onde realizei a observação. Aqui situo a especificidade organizacional da Universidade Federal de Uberlândia como um espaço privilegiado para a análise das emoções, dado que o viver da experiência universitária propicia aos agentes diversas formas de integração que são movidas pela afetividade entre alunos. Estes tradicionalmente se reúnem em coletivos e co-criam o que podemos chamar de “comunidade de afetos”, um lugar de pertença capaz de privilegiar a construção de uma “cultura emotiva” (Koury, 2018)

Meu esforço consiste em tomar a Universidade Federal de Uberlândia como laboratório de análise, ao aplicar as ferramentas da teoria bourdieusiana — habitus, capital, campo e sofrimento/violência simbólica — à realidade em questão. Posto isso, primeiro analiso como se estabelece a lógica que fundamenta as relações no campo universitário, para depois tratar da vida emocional das universitárias em suas relações íntimas com o sexo masculino.

Observei que tradicionalmente os estudantes da instituição são movidos pela afetividade, quando decidem se reunir em coletivos em prol da universidade. Mas ao mesmo tempo, este também é um campo de lutas, onde o que está em jogo é a honra e o prestígio desses grupos que competem entre si. Para realização das entrevistas, dei preferência às estudantes que atuam enquanto membros de entidades acadêmicas de diferentes cursos, tais como os Centros e Diretórios Acadêmicos, Associações Atléticas Acadêmicas, Baterias Universitárias e Repúblicas Estudantis.

No ano de 2015, o Instituto Avon e o Data Popular divulgaram a pesquisa “Violência contra a mulher no ambiente universitário”, que analisa a percepção e comportamento dos jovens diante do tema.

O levantamento ouviu 1.823 universitários das cinco regiões do país, sendo 60% mulheres e 40% homens. Entre as entrevistadas, 67% já sofreram algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) no ambiente universitário. Destas, 56% já sofreram assédio sexual e 28% já sofreram violência sexual (estupro, tentativa de abuso enquanto sob efeito de álcool, ser tocada sem consentimento, ser forçada a beijar veterano).

Posto isto, meu objetivo primário gira em torno de investigar como as mulheres universitárias vivenciam sua sexualidade e as relações afetivas com o sexo oposto. A partir disso, averigüei as assimetrias entre estes dois polos e as nuances da violência simbólica de gênero vivenciadas em sua trajetória afetivo-sexual — desde a adolescência até a imersão no campo universitário — dando ênfase sobre o aspecto das emoções e possíveis situações de abuso emocional.

Meu intuito foi o de realizar uma análise qualitativa através de entrevistas, na intenção de investigar a história destas mulheres, o sentido que dão a experiência da juventude e quais são as disposições que orientam sua maneira de sentir, pensar e agir, portanto i) averiguar sobre suas trajetórias de vida até o ingresso na universidade e após ingressar no campo universitário; ii) delimitar quais pontos diferem a vivências de suas mães das suas; iii) indagar sobre o início de suas atividades sexuais — que acontece em geral, na adolescência; iv) investigar a produção de sentidos em torno da sexualidade vivida pela juventude no mundo contemporâneo; v) mediar perguntas às entrevistadas sobre seu histórico de relacionamentos afetivos e suas experiências emocionais até então; são alguns dos pontos sobre os quais discorro a partir das entrevistas.

A hipótese central do trabalho destaca a presença das “marcas da adolescência”¹ na socialização dos corpos femininos, portanto busco investigar se o conflito e a presença de emoções dolorosas nas relações afetivas podem ser observados antes mesmo das jovens

¹ Sobre esta expressão, destaco o trabalho ilustre da rapper Dina Di, do grupo Visão de Rua. Apesar da cena rap ser considerado um espaço majoritariamente masculino, foi uma das primeiras mulheres a quebrar com este paradigma, e a forma sensível - e ao mesmo tempo imponente - com que ela expressa sua vivência através das letras foi de extrema importância para que eu pudesse enxergar um horizonte em que as emoções são sim uma parte importante de qualquer experiência da vida em sociedade e não devem ser menosprezadas. Em suas letras o ponto chave que pude identificar é que os processos pelos quais ela passou para se tornar a mulher forte, determinada e de “gênio forte”, eram frutos de um sofrimento interno e de experiências que a fizeram crescer antes do tempo. Posto isto, a cantora fala sobre as “marcas da adolescência”, que denotam por exemplo a experiência fracassada de ter se envolvido afetivamente com um homem maior de idade quando tinha apenas treze anos.

ingressarem na universidade, no período da adolescência - algo que traria consequências na maneira como as jovens concebem a si mesmas, as suas relações com o outro e com o mundo. Assim sendo, busco investigar se as jovens já entram neste campo de lutas carregando “sequelas” emocionais que podem vir a ser perpetuadas ao longo da experiência universitária e das relações íntimas que estabelecem nesse espaço.

Posto a relevância de todos os fatos acima mencionados, isto nos dá embasamento e produz um terreno fértil para a investigação que pretendo trilhar. Dentre os benefícios que a pesquisa pode proporcionar, destaco que o levantamento, seguido da teorização sobre as relações íntimas das universitárias da Universidade Federal de Uberlândia produz uma forma de conhecimento capaz de enriquecer os debates sobre o tema e pensar novas formas de enfrentamento sobre estas questões.

Acredito que a partir da teorização sobre o significado que as mulheres na faixa etária da juventude atribuem às suas relações afetivas e os abusos que podem ocorrer no contexto de suas relações, é de grande valia tanto para a comunidade universitária, mas também para a sociedade como um todo. Por vezes, a violência simbólica e o abuso emocional sofridos pelas mulheres são silenciados, tendo em vista que é comum não serem exteriorizados para ninguém. Acreditamos que, através do levantamento de dados e das entrevistas, será possível produzir o (re)conhecimento necessário, capaz de enriquecer os debates sobre o tema e pensar novas estratégias de enfrentamento.

O presente trabalho é estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, realizo uma análise bibliográfica dos conceitos de gênero e sexualidade, juventude e sociologia das emoções, onde busco defender a ideia de que é preciso sentir, para entender.

No segundo capítulo, foco no método que vai ser utilizado para a análise de resultados, a partir da teoria de Pierre Bourdieu. No terceiro capítulo, realizo uma etnografia no espaço da Universidade Federal de Uberlândia, compreendido através do conceito de “campo universitário”, demonstrando que ali há uma lógica de competição e integração.

No quarto capítulo, analiso sete entrevistas narrativas semi-estruturadas que realizei no período do primeiro semestre de 2023 com estudantes da universidade. Realizo as análises utilizando principalmente os escritos de Anthony Giddens (1992), Simone de Beauvoir (2009) e Gilles Lipovetsky (1997).

CAPÍTULO I

1.1 Gênero e sexualidade

Tendo em vista que é de nosso interesse discorrer sobre os esquemas de dominação na relação entre mulheres e homens, bem como sobre a violência que emerge da desigualdade de gênero, é preciso esclarecer primeiramente acerca do próprio conceito de “gênero” e quais são as bases teórico-metodológicas que inauguraram esta nomenclatura dentro das Ciências Sociais. Lucília Scavone (2008) nos atenta a compreender mais amplamente o contexto de emergência desses estudos, “que se constituíram em um contexto que lhes foi propício e contíguo com os movimentos sociais”, simultaneamente quando as mulheres reivindicavam seus direitos nos Estados Unidos e na Europa nos anos 1960. Com efeito, em meio a esta subversão de valores, as lutas políticas que estavam sendo travadas naquele momento proporcionaram um solo fértil para que tais discursos fossem agora objetos de investigação no âmbito científico.

A autora nos lembra que foi a filósofa existencialista Simone de Beauvoir que “lançou a primeira semente para os estudos de gênero”, em sua obra *O Segundo Sexo*, de 1949. Sua célebre frase “não se nasce mulher: torna-se mulher” denuncia que os dados biológicos — bem como os elementos psíquicos e os da economia — não são capazes de explicar o papel submisso das mulheres. Na verdade, é com base nas construções sociais e da própria cultura que encontramos as ferramentas para explicar tal enunciado.

Beauvoir inicia sua obra retomando a categoria da alteridade, uma qualidade fundamental da consciência humana que pressupõe o “eu” em relação ao “outro”, e retoma a alegação de Lévi-Strauss: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sobre a forma de sistemas de oposições”. Aliás, o próprio enunciado dessa constatação já apresenta o problema fundamental fomentado pela autora, o fato de “o homem” representar o todo, uma nomeação que carrega em si a neutralidade, a ponto de dizermos “os homens” para denominar os seres humanos em geral. Posto isto, ela questiona: “o que é uma mulher?”

Segundo Beauvoir, historicamente, a mulher não é considerada um ser autônomo, ela é definida em relação ao outro. Ela é o segundo sexo, e não o absoluto. “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele [...] a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela.” (2009, p. 16-17).

O princípio da alteridade não constitui apenas a diferenciação entre os sexos, mas também, por exemplo, ao povo de uma tribo quando percebe o restante das pessoas que não pertencem àquela aldeia como “os outros”; ou os cidadãos de um país que consideram “os outros” como os estrangeiros, da mesma forma que o povo judeu é “o outro” para o antissemita e o negro para os racistas brancos. A oposição de todos os exemplos citados remonta a um acontecimento histórico. “Foi um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte: a diáspora judaica, a introdução da escravidão, as conquistas coloniais” (2009, p. 20). No entanto, quando paramos para recapitular de onde vem a subordinação das mulheres, tal ocorrência não provém de um acontecimento. Não houve um tempo em que as mulheres eram seres autônomos e, devido a um acontecimento, passaram a serem vistas como inferiores: “compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito [...] Resta explicar por que o homem venceu desde o início.” (BEAUVOIR, 2009, p. 22)

Mais tarde, o texto da historiadora Joan W. Scott, *Gênero: uma categoria de análise útil para análise histórica* (1986), acaba por se tornar um clássico dentro deste debate, quando a autora nos apresenta “uma importante reflexão sobre a relação direta e explícita entre gênero e poder, constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças entre sexo, como uma forma primeira de significar as relações de poder” (HOLLANDA, 2019, p. 11). É Scott quem mais precisamente faz uma reflexão abrangente sobre a definição de “gênero” e como essa nomenclatura dá sentido à organização do conhecimento que visa compreender o funcionamento das relações sociais humanas.

Influenciada por Jacques Derrida e Michel Foucault, Scott visa desconstruir o uso vicioso da ideia de gênero incumbida apenas ao estudo das mulheres, como se as duas palavras fossem sinônimas, o que acaba por restringir o seu significado. Scott inicia sua argumentação fazendo referência ao uso gramatical do termo “gênero”, que possui um caráter de classificação dos fenômenos. Ela também aponta que este uso surgiu como uma alternativa “à rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT *apud* HOLLANDA, 2019, p. 50).

A teoria de gênero de Joan Scott é uma abordagem crítica e interdisciplinar que visa desnaturalizar as identidades de gênero de seu caráter absoluto, onde ela busca examinar as maneiras pelas quais elas são construídas e mantidas por meio de práticas e discursos sociais. Isso permite uma análise mais profunda das relações de poder na sociedade e pode ajudar a informar estratégias para a transformação social. Além disso, ao longo do ensaio, ela enfatiza a importância de se examinar o gênero em relação a outras categorias de análise, como classe

e raça, para entender a complexidade das relações de poder na sociedade, além de frisar a importância de uma abordagem interdisciplinar para a análise de gênero, que envolve a colaboração entre diferentes campos de estudo.

Posto isto, o cerne da definição de gênero para a autora perpassa quatro pontos que estão ligados entre si: a) os símbolos que evocam a representação da mulher em diferentes contextos e culturas, como por exemplo a imagem de Eva e Maria sendo a representação tradicional de mulher; b) os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, científicas e educativas; c) a concepção política sobre a natureza da repressão; d) a identidade subjetiva, de modo que os teóricos possam “examinar as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas” (SCOTT apud HOLLANDA, 2019, p. 67-69).

Quando levamos em consideração a assimetria de poder entre o feminino e o masculino, construídas historicamente, a esfera da sexualidade e os padrões socioculturais que envolvem a lógica dessas relações entre os sujeitos assume importância para a compreensão dos aspectos “gendrificados” que constituem a realidade social.

Guacira Lopes Louro (2018, p. 30) discorre ainda que “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções. Processos profundamente culturais e plurais”. Mary Neide Figueiró (2003) acrescenta que “a sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de querer bem, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual” (FIGUEIRÓ, 2003, p.2).

A obra “A história da sexualidade” de Michel Foucault (1977) nos faz adentrar a um aspecto que pressupõe o poder de controle dos corpos e a repressão da sexualidade, desde o século XVII e, de forma mais acentuada, a partir do século XIX. Considerando que o processo de formação da sociedade ocidental foi fortemente influenciado pelo cristianismo, e em conjunto com os dispositivos médicos de categorização (em especial da psiquiatria), deu origem a um discurso que considerava o sexo como algo profano, à medida que diferenciavam “a sexualidade normal” daquela que poderia ser considerada como patológica. Assim, “o sexo, nas sociedades cristãs, tornou-se algo *que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso*. Podia-se falar de sexualidade, mas somente para proibi-la” (RIBEIRO, 1999).

À luz dos escritos deste autor, Trindade e Ferreira (2008) fazem ainda um recorte sobre

A sexualidade, a feminina em especial, [que] foi, e ainda é, apesar de atualmente vivemos sob outros padrões de moral, ética e comportamento, objeto de interdição em vários campos. [...] A mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob a sua tutela, em primeira instância do pai e em segunda do marido, com sua sexualidade normatizada pelos padrões Cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora.

É inegável que a noção de controle e pudor sobre essa esfera é um fato histórico marcante, ainda que no mundo contemporâneo tais preceitos estejam paulatinamente sofrendo transformações e a maneira como as pessoas vivenciam suas experiências sexuais têm, cada vez mais, sendo pautados pela liberdade como seu principal norteador.

A respeito disso, em “A transformação da intimidade”, Anthony Giddens (1992) argumenta que a forma como entendemos e experimentamos a sexualidade foi radicalmente transformada na era moderna, ao passo que a intimidade está se deslocando de relacionamentos estruturados por instituições como o casamento e a família, para relacionamentos mais individuais e baseados em escolhas pessoais. Ele argumenta que essa transformação é resultado da combinação de fatores como a crescente liberdade sexual, a mudança na economia e no trabalho, e a revolução tecnológica. Junto a isto, este cenário também traz novos desafios e preocupações, como a incerteza em relação ao futuro das relações pessoais, o aumento da solidão e da ansiedade em relação ao amor e ao sexo.

Um conceito bastante relevante que Giddens nos oferece e que é de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa, é a noção de “sexualidade plástica”. De acordo com o autor, a sexualidade plástica se refere à maneira como as pessoas estão experimentando e expressando sua sexualidade de maneiras mais flexíveis e individualizadas do que as gerações anteriores. Ele argumenta que a revolução sexual e a liberdade sexual das décadas de 60 e 70, nas sociedades ocidentais, levaram os indivíduos a seguir normas sociais menos rígidas e institucionalizadas sobre o comportamento sexual. Assim, o que se observa é que as pessoas agora têm mais autonomia na escolha dos parceiros, a frequência, o tipo de atividade sexual e a forma como se identificam em termos de orientação sexual.

Por conseguinte, através desses processos e em conjunto com a disponibilidade de métodos de contracepção, por exemplo, a sexualidade está cada vez mais desvinculada da procriação. Ao invés disso, ela se tornou uma questão de prazer e satisfação pessoal.

Maria Luiza Heilborn (2006) discute sobre a sexualidade enquanto objeto da análise, dado que o estudo desta esfera põe em evidência a ideia central de toda teoria sociológica: a relação entre sociedade e indivíduo. Além de como são constituídos, produzidos e (re)produzidos os vínculos entre estes dois pólos. Por conseguinte, ela denota que

Os roteiros sexuais espelham as múltiplas e diferentes socializações que uma pessoa experimenta em sua vida: família, tipos de escolas, acesso a distintos meios de comunicação, redes de amizade etc. Esses roteiros são especialmente relevantes na fase em que a sexualidade se torna uma questão muito importante: na adolescência/juventude, quando se dá o início da vida sexual com parceiro e, a seguir, na passagem à vida adulta. [...] E todas essas dimensões interiorizadas pelos sujeitos desempenham um papel relevante na maneira que cada um vive sua biografia sexual, orientadas pelos roteiros sexuais. (Heilborn, 2006, p.48)

Dessarte, é possível concluir que uma investigação acerca da sexualidade traz à baila uma percepção social da esfera íntima de onde pretendemos inteirar-nos sobre a construção da subjetividade (a realidade interior) presente nas relações de gênero. Zeldin (1991) propõe uma análise da sexualidade com ênfase no papel investigativo acerca da esfera das emoções, a partir da qual “uma história das emoções abriria a perspectiva de uma clarificação e de uma pesquisa aprofundada acerca do comportamento e da atitude de emoções particulares” (Zeldin, 1991, p. 348).

1.2 Juventude

Os jovens são sujeitos sociais que a depender do meio em que estão inseridos, são capazes de construir modos determinados do que significa a juventude na contemporaneidade. Quando o assunto é a juventude, podemos assumir este termo em sua pluralidade, ao invés de caracterizarmos apenas como um aglomerado homogêneo de indivíduos que se enquadram em uma determinada faixa-etária.

Dayrell (2003) vai citar os estudos de Mellucci e Fabbrini (1992), quando definem o início da juventude – a adolescência – como um momento de maturação biológica, com

transformação corporais e psicológicas, que faz aflorar determinadas potencialidades — como por exemplo a busca de independência por parte da família, que perde a função de protetora em prol de uma noção de autossuficiência. Dessa forma, puxando para a esfera do social, Dayrell pontua que

A adolescência representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, dos referenciais sociais e relacionados. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida (2003, p. 42).

Historicamente, de acordo com o autor, as imagens a respeito da adolescência e da juventude tendem a conduzir um entendimento limitante e prejudicial para a construção do conhecimento acerca dessa temática, visto que por vezes dificultam a compreensão do jovem em sua totalidade, bem como o significado que esses agentes dão a experiência da juventude e os motivos que os levam a ser o que são naquele momento. Quando defende este argumento, o autor cita por exemplo as tendências de compreender a juventude como uma condição de transitoriedade, no qual o jovem ainda é um “vir a ser”, ou seja, que estes indivíduos se encontram na intersecção entre a infância e a vida adulta, e por isso suas ações presentes não possuem uma grande significância. Nega-se o presente vivido, dado que toda importância está naquilo que eles virão a ser no futuro, quando a maturidade chegar. Adotar essa perspectiva nos levaria a pensar que o indivíduo só pode ser entendido como um sujeito absoluto a partir do momento em que chega à idade adulta.

Outra tendência muito comum que o autor cita diz respeito a um olhar romântico sobre a juventude, suscitado a partir dos anos mil 1960, graças sobretudo ao avanço da indústria cultural. Quando tentamos nos transportar para essa época, ancorados ao conhecimento midiático do que tradicionalmente simboliza este momento na história, é comum que venhamos a pensar nas tendências da moda e nos adornos chamativos que diferenciavam grupos *punks* dos movimentos *hippies*. Além do cenário da música da época e os festivais que reuniram milhares de jovens da contracultura que reivindicavam a paz e o amor, mas também “sexo, drogas e rock n roll”. À vista disso, Dayrell argumenta que a partir dessa perspectiva romantizada, os símbolos da cultura juvenil da época seriam remetidos a “um tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamentos exóticos. Um tempo para o ensaio do erro e para as experimentações irresponsáveis” (2003: 41). Ele também põe

a vista uma perspectiva da juventude como um período de conflito e crises em todos os âmbitos, como por exemplo na autoestima, como também um momento de distanciamento do seio familiar.

Sobre essas imagens, a partir do momento que nos condicionamos a esses modelos socialmente estabelecidos, se corre o risco de analisar o jovem e o período da juventude como algo negativo e limitado.

Portanto, pretendemos conceber a juventude como parte de um processo de constituição dos indivíduos, mas que possui especificidades diversas a depender das variantes (classe, gênero, raça, etc), e é totalmente influenciado pelo meio social, que leva em conta toda a gama de trocas que determinados meios são capazes de proporcionar. Assim, “a juventude constitui um momento determinado, não se reduz a uma passagem: ela assume uma importância em si mesma.” (DAYRELL, 2003:42)

1.3 Sentir para entender: um olhar sociológico sobre as emoções

Vi o amor, o ciúme, a superstição e a cólera nas mulheres levados a um ponto que o homem jamais sentirá

Diderot, *Sur les femmes*

A categoria de análise das emoções como objeto de investigação dentro das Ciências Sociais, em especial da sociologia, admite os fenômenos emocionais como uma ferramenta bastante útil para a apreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Koury (2004) denota que as relações sociais que se estruturam e manifestam mediante a interação dos atores sociais são objeto de estudo nesta subárea e “são produtos ou produzidas pelo movimento social ou institucional gerador da crise ou tragédia, onde a emoção é medida teórica e metodologicamente através do artifício do sofrimento social vivenciado pela população exposta” (2004, p. 7-8)

Proveniente de um movimento de crítica às concepções teóricas que relegaram para o segundo plano a ação individual — que concebiam que uma investigação dos aspectos sociais só era epistemologicamente relevante se levado em conta os elementos propriamente estruturais — a sociologia das emoções surge como uma alternativa, uma nova forma de olhar para o objeto dando ênfase

quanto ao processo analítico da subjetividade como fonte e forma da expressão e construção social. Os processos analíticos novos partiram do pressuposto de que era preciso se dar uma atenção maior para as categorias do self com relação à formação, consolidação e movimento das estruturas sociais. Enfatizaram o estabelecimento de canais entre as dimensões micro e macrossociológicas, e a necessidade de entender os fenômenos emocionais como fenômenos sociológicos” (KOURY, 2004)

Jacques Barbalet (2001) salienta que as experiências emocionais são diferentes a depender de sociedades e culturas distintas. O autor ainda reforça com destreza o fato de que tratar as emoções apenas em termos psicológicos é uma maneira limitada de compreender a estrutura social, como historicamente somos levados a pensar. Tais abordagens dão pouco encorajamento à uma compreensão sociológica das emoções.

Lindner (2013) utiliza em seus escritos os maiores contextos culturais moldados ao longo da história humana como lente para compreender a esfera das emoções, especialmente no que se refere à análise dos conflitos étnicos. Em sua trajetória acadêmica, começou seu trabalho sobre a humilhação em sua pesquisa de doutorado, sobre as matanças genocidas que ocorreram em Ruanda, em 1994, na Somália, em 1988 e sobre a Alemanha Nazista.

É interessante a autora destacar que sua própria vida foi profundamente afetada por essas transições históricas que ela se dedicou a estudar. As emoções e os conflitos estão presentes dentro destas transições vividas pela humanidade e “da mesma forma, todos os pesquisadores, incluindo os pesquisadores sobre emoção e conflito, e os seus leitores, não vivem em uma bolha. Todos são parte de contextos sociais.” (2013, p. 824)

Ela denota um aspecto de grande valia para nosso estudo

As emoções foram usadas como ferramentas secretas na dinâmica de poder do passado. Quem está no poder manipula as emoções para vencer conflitos preventivamente, antes que elas possam entrar abertamente em erupção. O poderoso, assim como os “sucessivamente enganados” e sem poder, têm grandes dificuldades em compreender essa manipulação, principalmente porque, como mencionado anteriormente, ela é secreta e se é normalmente cego para esse tipo de manipulação. Todo mundo é, até certo ponto, vítima, os sem poder tanto quanto os poderosos nasceram em contextos culturais e sociais preexistentes que os moldaram e os definiram. (2013, p. 824)

Ademais, colocamos em destaque o trabalho de Jaggar (1997) quando a autora aproxima a categoria de análise das emoções na epistemologia feminista, na contramão do que a tradição filosófica ocidental, que considera o fenômeno das emoções como sendo, por si só, um potencial de falha prejudicial às teorias do conhecimento. Tradicionalmente é a razão e não a emoção que assume o caráter de faculdade indispensável para a ciência. Por conseguinte, a autora destaca que

O racional tem sido posto em contraste com o emocional e esse par contrastado tem sido, por sua vez, vinculado a outras dicotomias. [...] A razão não só se opõe à emoção, mas é associada ao mental, ao cultural, ao universal, ao público e ao masculino. Enquanto a emoção é associada ao irracional, ao físico, ao natural, ao particular, ao privado e, obviamente, o feminino. (1997, p. 153)

Logo, é de nosso interesse que emoção e razão não sejam concebidas enquanto elementos que se contrapõem, mas que pelo contrário, se intercalam na medida em que são usadas para a “identificação dos problemas considerados dignos de investigação, na seleção das hipóteses dignas de verificação e na solução dos problemas considerados dignos de aceitação” (JAGGAR 1997, p.169)

Pretendemos demonstrar que as emoções são e devem ser compreendidas enquanto construções socioculturais. Se tomamos aquilo que é culturalmente difundido no Brasil (pois pode ser que este padrão não se apresente em outras partes do globo) podemos exemplificar que historicamente os indivíduos aprendem a expressar suas emoções mediante o que é (ou não) apropriado dentro da sociedade e da cultura em que estão inseridos.

No caso das mulheres, especificamente, não ensina-se que as jovens devem sentir medo ao andarem sozinhas pelas ruas à noite? Que devem sentir vergonha caso seu corpo não se enquadre nos padrões de beleza estipulados? Que devem se sentir culpadas caso usem roupas curtas e sejam assediadas por um estranho? Que devem exibir um sorriso complacente mesmo em situações aborrecedoras a fim de evitar o desconforto de terceiros?

Estas são questões provocativas que emergem quando nos debruçamos sobre aquilo que interliga o indivíduo a uma realidade estrutural de caráter androcêntrica. Entendido isto, iremos, no entanto, estreitar nosso objeto de análise, propondo uma investigação do movimento relacional dos indivíduos e da troca simbólica entre parceiros que alocam-se

sobre as mesmas situações socioculturais. Koury (2004) nos alerta que o caminho sociológico para indagação deste sistema relacional

procura ir além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoais. Parte do subjetivo, que movimenta o ator social à ação, mas não se restringe ao estritamente subjetivo, e sim às formas relacionais que assumem as ações sociais quando direcionadas objetivamente para um outro que as recebe e as organiza em forma de uma nova ação e das alianças possíveis, como resultados da troca entre os parceiros (KOURY, 2004, p. 12-13)

Através de um entendimento emocional dos parceiros envolvidos na troca, o autor nos convida a investigar os embates que emergem dessa relação, sendo “o conflito o objeto por excelência da análise das emoções”

A partir da teorização sobre os aspectos emocionais, nos cabe aqui o papel de averiguar se, de fato, as mulheres possuem uma inclinação à experienciar uma gama de emoções dolorosas quando estabelecem um relacionamento afetivo com o sexo masculino. Não pretendemos adotar uma visão fatalista de que necessariamente toda relação se concretiza tendo em si um potencial de sofrimento. Assim como existem emoções penosas, também há aquelas que despertam um sentimento pleno de harmonia. Contudo, nosso foco está nas circunstâncias turbulentas das relações e se os conflitos verificados na trajetória emocional dos atores são um indicativo da violência invisível, capaz de moldar configurações de relações cuja regra é aceitar a dor e encará-la como um fator natural. Aceitar os limites impostos pela força do poder simbólico é - nas palavras de Bourdieu, “contribuir muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação” (2015, p. 51), ainda que resulte na internalização do conflito.

Não se pretende aqui insinuar, como o próprio Bourdieu também frisou, que as mulheres são as próprias causadoras de sua dominação. Que por livre escolha aceitam circunstâncias que a menosprezam devido ao fato de, no fundo, gostarem deste tipo de masoquismo sentimental tão “espontâneo” para o sexo feminino. Pelo contrário, a conclusão que queremos chegar é que a experiência subjetiva das relações de dominação só é eficaz pois historicamente a representação que se tem do ser feminino é sempre inversamente proporcional ao masculino, tanto que se faz como natural e intrínseca nas disposições do agir,

sentir e pensar dos próprios agentes e que se escondem por trás da face de emoções dolorosas.

Aliás, Heleieth Saffioti frisa igualmente:

Pode-se afirmar que via de regra, os homens dispensam às mulheres um tratamento de não-sujeito e, muitas vezes, as representações que as mulheres têm de si mesmas caminham nesta direção. [...] Entretanto, esta discussão não autoriza ninguém a concluir pela cumplicidade da mulher com o homem na violência de gênero. (SAFFIOTI, 1997, p. 70)

Para teorizar sobre a violência de gênero, a socióloga Heleieth Saffioti (1997) denota que a subjetividade feminina é construída através das relações sociais e busca erradicar este raciocínio via categorias binárias de compreensão. A autora nega a dicotomia vítima ou algoz. Para ela, o que existem são relações sociais violentas. De acordo com sua perspectiva, realidade interior X realidade exterior não possuem existência autônoma e nem são termos relativos que se contrapõem, à medida que “homens e mulheres fazem história, produzindo objetivações através de suas práticas sociais e, simultaneamente, apropriando-se de seus resultados, isto é, reapropriando-se subjetivamente da história que fazem” (DORAY, 1989 *apud* SAFFIOTI)

Em novembro de 2018 a Secretaria de Saúde do Distrito Federal lançou o “violentômetro”, uma régua apresentando diferentes graus de agressões para que as mulheres possam reconhecer e identificar os primeiros sinais de violência. Ela é dividida em três seções: a primeira, alerta para que tomem cuidado quando seu parceiro começar a fazer piadas ofensivas, chantagear, mentir/enganar, ignorar/dar um gelo, ciumar, culpar, desqualificar, ridicularizar/ofender e humilhar em público — e advertem que a partir daí a violência tende a aumentar para o segundo nível. São parte do segundo nível os atos de intimidação, ameaça, controlar/proibir de ver amigos e família, destruir bens pessoais e brincar de bater ou empurrar — neste nível intermediário alertam para que a mulher “reaja e não se destrua”. O terceiro nível envolve agressões físicas, ameaças com objetos ou armas, forçar uma relação sexual, causar lesão corporal grave e ameaçar de morte. Ao todo são 28 níveis que avançam progressivamente até que a consequência fatal possa vir a se concretizar: o feminicídio.

O que queremos chamar atenção é que estes atos progressivos primeiramente passam pela experiência emocional da pessoa envolvida, onde as ações hostis de seu

companheiro agridem psicologicamente o *self* antes de se traduzir em manifestações visíveis de abuso de poder. É o que podemos chamar de violência psicológica ou agressão emocional, que de acordo com a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, é entendida como

qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (BRASIL, 2006)

Ao amarramos o raciocínio dos autores citados acima, quando afirmam que durante muito tempo a esfera das emoções foram comumente menosprezadas por se tratar de algo feminino ou que o dominante nem sequer assume que o dominado as possui — pois os indivíduos em questão são vistos como um não-sujeito — conseguimos formar um nó que interliga aquilo que é interno ao que é exterior e estruturado socialmente. É quando damos ênfase ao sentir dos sujeitos que desvelamos a existência do conflito enquanto ainda há tempo de evitar o fim trágico. O ápice da violência de gênero é o feminicídio. Mulheres mortas já não podem falar ou se expressar, esse direito foi retirado delas da forma mais brutal. No entanto, aquelas que sofrem ainda são capazes de demonstrar quando estão coagidas, culpadas, envergonhadas, humilhadas ou ansiosas.

Em *A Dominação Masculina* (2015), Pierre Bourdieu discorre sobre a hierarquia existente entre homens e mulheres na sociedade cabila. Segundo ele, nos mais diversos espaços sociais existem configurações que acabam determinando a maneira de pensar, agir e sentir dos agentes (ou seja, o seu habitus), e dessa forma, a maneira como eles atuam e conduzem suas práticas é diretamente ligada à internalização dos valores que estruturam aquele determinado campo. Em outras palavras, os indivíduos se adequam ao meio em que estão inseridos, pois são coagidos, pressionados ou compelidos a adotar a postura que se espera deles dentro daquele espaço.

Quando Bourdieu pressupõe que a raiz de toda violência simbólica está nos símbolos e signos culturais, isso diz respeito a um sistema de divisão antagônico do mundo,

onde a divisão das coisas e das atividades (sexuais ou não) são dadas segundo esquemas de oposição entre o masculino e o feminino. O que ele observou na sociedade cabila e que está intrinsecamente presente nas sociedades androcêntricas até hoje, é que a realidade social é compreendida através de esquemas de pensamento que categorizam o mundo de forma homóloga e correspondente – como exemplo disso são as oposições alto/baixo, em cima/em baixo, na frente/atrás, direita/esquerda, claro/escuro, fora (público)/ dentro (privado) e até mesmo razão (masculino)/ emoção (feminino).

Quando tomamos de exemplo a diferença entre os sexos masculino e feminino, o que percebemos é que ao longo da história essas diferenças foram utilizadas como justificativa natural para a dissemelhança socialmente construída entre os gêneros. O que Bourdieu interroga é a forma como a dominação masculina está tão ancorada em nosso inconsciente que mal a percebemos, e é justamente isso que faz a violência simbólica operar de uma maneira artilosa — através de coações morais e também emocionais.

Bourdieu enfatiza que o reconhecimento sobre as situações de dominação sofrida pelo sexo feminino se dá a partir de emoções dolorosas. É durante a inquietação gerada por tais emoções o exato momento em que a fronteira mágica do poder, que até então atuava invisível a olho nu, é desvendado e enfim percebido. Isso se dá através de emoções corporais como a vergonha, a humilhação, a timidez, a ansiedade e a culpa

Emoções que se mostram ainda mais dolorosas, por vezes, por se traírem em manifestações visíveis, como o enrubescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou raiva onipotente, e outras tantas maneiras de se submeter, mesmo que de má vontade ou até contra a vontade, ao juízo dominante, ou outras tantas maneiras de vivenciar, não raro com conflito interno e clivagem do ego, a cumplicidade subterrânea de um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais (BOURDIEU, 2015, p. 51)

São estas algumas maneiras pelas quais as mulheres se veem em uma posição de inferioridade perante o juízo dominante que rege as relações e que como bem alerta o autor, as consequências deste tipo de violência não são desarmadas através da conscientização sobre as conflitualidades ou pelo exercício da vontade, “porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)”.

Posto isto, a base teórica que escolhemos para desenvolver nossa análise sobre as emoções perpassa a metodologia empreendida pela sociologia de Pierre Bourdieu. É sobre as especificidades desta metodologia que trataremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

Objetivamos esclarecer os principais conceitos utilizados pelo sociólogo Pierre Bourdieu, cuja metodologia de análise será a base primordial de nossa investigação. Aqui faremos uma revisão teórica sobre o que cada um deles representa, para que mais tarde possamos aplicá-los em termos de dados empíricos, com base em nossas observações e coleta de dados. Formalmente, Bourdieu (*apud* MATON, 2018) nos oferece a seguinte equação:

$$[(\text{habitus}) (\text{capital})] + \text{campo} = \text{práticas}^2$$

Com foco nisto, este capítulo foi dividido em quatro seções. Na primeira seção busca esclarecer o conceito de habitus e capital, mais especificamente o capital simbólico. A segunda seção tratará da discussão sobre a teoria dos campos. Por fim, iremos esclarecer sobre o conceito de violência simbólica/sofrimento. Partindo desses pontos, será possível construir um substrato teórico suficiente para avançar na discussão sobre as práticas que pretendemos analisar.

2.1 O conceito de *Habitus* e *Capital*

A noção de habitus é um conceito fundamental para entender como os indivíduos são moldados pelas estruturas sociais e pode ser entendida como a marca do social internalizada no indivíduo. Isso nos ajuda a formular uma noção de que as ações individuais não são puramente fruto da vontade ou que essas ações refletem uma escolha espontânea. Vale ressaltar que as raízes deste conceito remontam à noção de *hexis*, que vêm da filosofia aristotélica acerca da teorização sobre as virtudes, que têm como pressuposto um “estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta” (WACQUANT, 2007).

Ao longo das obras de Pierre Bourdieu, o autor retoma tal princípio e o transforma em uma categoria bastante útil dentro da sociologia e que representa uma ruptura filosófica que colocava em primazia a força da estrutura sobre o indivíduo, mas também as ações do indivíduo em prevalência sobre a estrutura. Podemos considerar o sociólogo como um

² “Podemos enunciar essa equação desse modo: nossa prática é resultado das relações entre nossas disposições (habitus) e nossa posição num campo (capital), dentro do estado atual do jogo nessa arena social (campo) [...] Portanto, as práticas não são simplesmente o resultado de nosso habitus, e sim de relações entre nosso habitus e nossas circunstâncias atuais. Dito de outro modo, nós não podemos compreender as práticas dos atores em termos apenas de seu habitus - o habitus representa simplesmente uma parte da equação; a natureza dos campos onde ele está ativo é igualmente crucial.” (MATON, 2018, p. 76)

“exterminador de dualismos”, pois consegue delimitar um meio termo entre essas duas visões, sem subestimar uma sobre o outro. Dito isto, Loïc Wacquant (2007) esclarece que este é um conceito criado com o intuito de extrapolar dualidade entre objetivismo x subjetivismo, ele é

uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.”

Posto isto, podemos conceber o habitus como um conjunto de disposições duráveis adquiridas pelos indivíduos através da socialização e da experiência cotidiana, que orientam as ações e as percepções sobre o mundo. Quando falamos em termos de “disposições”, isso

exprime, em primeiro lugar, o *resultado de uma ação organizada*, apresentando então um sentido muito próximo ao de palavras tais como estrutura; designa, por outro lado, uma *maneira de ser*, um *estado habitual* (em particular do corpo) e, em particular, uma *predisposição*, uma *tendência*, uma *propensão* ou uma *inclinação* (BOURDIEU, 1983b: 61n20 [1972a: 393n39] *apud* GRENFELL, 2018.)

Tais inclinações de gosto seriam, então, moldadas por fatores como a classe social, o sistema educacional, a cultura, o gênero, a religião e outras instituições sociais. Ele funciona como um filtro mental que molda a forma como as pessoas percebem, avaliam e reagem ao mundo ao seu redor. Ademais, explica como os indivíduos reproduzem as estruturas sociais existentes, mantendo a ordem social e reforçando as desigualdades.

Segundo Bourdieu, o habitus é incorporado pelos indivíduos de forma inconsciente e naturalizada, tornando-se uma espécie de "segunda natureza", ou uma propriedade dos indivíduos. As disposições do habitus são internalizadas pelos indivíduos desde a infância e orientam suas ações em um movimento de regularidade.

De modo simples, o habitus enfoca nossos modos de agir, sentir, pensar e ser. Ele captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos nossa história para nossas circunstâncias atuais e então como fazemos escolhas de agir de certos modos e não de outros. Esse é um processo contínuo e ativo — nós estamos envolvidos num processo permanentemente de fazer a história, mas não sob condições que criamos completamente. Nossa posição na vida em qualquer momento dado é o resultado de inúmeros eventos no passado que moldaram nosso caminho. Esse conjunto de escolhas depende de nosso contexto atual (a posição que ocupamos num campo social em particular), mas, ao mesmo tempo, as escolhas que são visíveis para nós e as que não enxergamos são o resultado de nossa jornada do passado, pois nossas experiências ajudaram a moldar nossa visão. (MATON, 2018, p. 77)

Dito isto, aqui frisamos que o aporte científico que tal conceito representa é de fundamental importância para a análise que discorreremos ao longo dos capítulos seguintes. Cabe aqui frisar que há um enfoque não apenas na maneira como os indivíduos modulam o seu “agir” e o “pensar” — que à primeira vista pode nos remeter ao caráter objetivo da ação —, mas também nos remete ao “sentir”, à esfera dos sentimentos que da mesma maneira, são igualmente moldados pelo social. Isso nos abre portas para refletir sobre este aspecto que por vezes é desqualificado no meio científico. Em breve retomaremos a discussão.

Atento agora à noção de capital. Não é incomum que a primeira impressão que tenhamos quando ouvimos essa palavra, seja a perspectiva das trocas mercantilistas do sistema capitalista. Ou que quando pensamos em “poder”, essa relação possa nos remeter ao poder econômico. É em virtude dessa limitação que Pierre Bourdieu se debruçou a entender as diferentes relações de poder existentes na sociedade, a fim de apreender o conceito de capital em um sentido mais amplo

De fato, é impossível explicar a estrutura e o funcionamento do mundo social a não ser que reintroduzamos o capital em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela teoria econômica. A teoria econômica permitiu que nela se enxertasse uma definição da economia das práticas que é uma invenção histórica do capitalismo; e ao reduzir o universo das trocas à troca mercantil, que é objetiva e subjetivamente orientada para a maximização do lucro, ou seja, de *interesse (economicamente) pessoal*, ela

implicitamente definiu as outras formas de trocas como não econômicas, e, portanto, desinteressadas. Em particular, ela define como desinteressadas as formas de trocas que garantem a *transubstanciação* através da qual os tipos mais materiais de capital — aqueles que são econômicos no sentido restrito — podem se apresentar na forma imaterial do capital cultural, ou do capital social, e vice-versa (BOURDIEU, 1997c: 46 [1983] *apud* GRENFELL, 2018, p. 136)

Visto isso, ele argumenta que na sociedade contemporânea as relações de poder deixaram de estar vinculadas à posse do dinheiro, mas derivam de uma complexa articulação de elementos simbólicos, em seus aspectos imateriais. O aspecto econômico seria, assim, apenas um exemplo de como funciona o complexo sistema de trocas dentro de uma sociedade (ainda que seja a mais importante).

Com efeito, ele argumenta que os indivíduos e grupos sociais possuem diferentes tipos de capital que são acumulados ao longo do tempo e são exemplos disso, 1) o próprio capital econômico, que refere-se à riqueza material, bem como o dinheiro, as propriedades e os investimentos financeiros; 2) o capital cultural, que diz respeito ao conhecimento e as habilidades adquiridas através da educação e experiência. Isso inclui habilidades linguísticas, dotes artísticos, conhecimento literário, científico e cultural em geral; 3) o capital social, referente às redes de relações privilegiadas e conexões que um indivíduo detém em sociedade, como por exemplo as amizades, associações profissionais, contatos de negócios; 4) o capital simbólico, que é relativo à reputação, prestígio e notoriedade que um indivíduo ou grupo desfruta em sociedade, e essa categoria está relacionada à maneira que a sociedade valoriza certas atividades e práticas.

Assim, esses diferentes tipos de capital interagem uns com os outros e são usados pelos indivíduos e grupos para obter vantagens e sucesso na vida social. A posse de um tipo de capital pode ajudar a acumular outros tipos, criando uma vantagem competitiva para aqueles que possuem mais capital. No entanto, o cerne da questão analisada nas obras do autor, diz respeito à distribuição desigual de capital na sociedade, sendo este o fruto da desigualdade social e as bases da ideia de violência simbólica.

O capital simbólico é o conceito que iremos priorizar na presente pesquisa, dado que ele nos remete à capacidade que os indivíduos (ou grupos) têm de acumular a honra, o prestígio e o reconhecimento em um determinado campo. Ele está relacionado à dimensão mais simbólica da vida social, ou seja, com a importância que os agentes dão a certos bens

culturais, símbolos e valores que podem ser acumulados de diversas maneiras, seja por meio da posse de bens culturais valorizados, como obras de arte, livros, música, ou por meio da participação em práticas culturais consideradas influentes, tal como frequentar universidades renomadas, fazer parte de grupos sociais conceituados.

Nesse sentido, Moore (2018, p. 137 *apud* GRENFELL) destaca uma questão importante sobre as duas formas distintas de como o capital simbólico pode ser aplicado e compreendido. O primeiro deles diz respeito ao caráter dos gostos, valores e estilos de vida compartilhados por determinados grupos sociais, um habitus compartilhado que configura status à determinadas práticas em detrimento de outras por serem considerados superiores em relação a estas, na medida em que confere privilégios sociais. Quanto ao segundo, o autor faz menção “ao pertencimento social por si só (o pertencimento a algum grupo de status particular per se) não se traduz automaticamente num habitus que confere capital simbólico de modo uniforme a todos os membros”.

Ademais, para resumir as formas de capital simbólico, o mesmo autor tipifica as seguintes características que podemos abstrair deste tipo específico de capital. Tal noção segue as seguintes premissas: a) elas são objetificadas ou incorporadas; b) elas são adquiridas ao longo do tempo; c) elas são adquiridas através de um processo sistemático de inculco; d) elas expressam o habitus (externo) do agente de inculco e do seu campo; e) elas trazem valor ao agente dependendo do grau de “boa formação” de seu habitus pessoal (interno) em relação ao do campo de inculco; f) elas diferem em termos de sua capacidade de transferência entre os campos. (MOORE *apud* GRENFELL, 2018, p. 152-153).

Como bem falamos, é na assimetria da distribuição e acumulação do capital que configura as bases da desigualdade social entre diferentes classes. Com efeito, Bourdieu (2001, p. 294) discorre que “Dentre todas as distribuições, uma das mais desiguais e, em todo caso, a mais cruel, é decerto a repartição do capital simbólico, ou seja, da importância social e das razões de viver”. Seria esta a razão de certos grupos suburbanos e desafortunados, por exemplo, serem vistos com um olhar estigmatizado e de infâmia, pois carregam a maldição de um capital simbólico negativo. (BOURDIEU, 2001, p. 295)

2.2 A teoria dos campos

No ramo das Ciências Sociais, em especial na área de microssociologia, nosso ofício traduz-se na busca de compreender as interações que se estabelecem entre as pessoas, o sentido de suas ações e também nos cabe analisar quais fenômenos sociais estão envolvidos neste processo. No entanto, Pierre Bourdieu nos alerta sobre a necessidade de especificarmos

nossos objetos e também que apenas observar o que acontece ou o que é dito é uma metodologia insuficiente. É preciso, antes, situar o espaço social onde essas interações ocorrem, na busca de identificar a lógica interna dos interesses que estão em jogo.

O campo é uma parte de um trio de ferramentas teóricas fundamentais. Junto com seus colegas, o habitus e o capital, ele oferece uma abordagem epistemológica e metodológica para uma compreensão sensível à história particular da vida social. O campo não foi desenvolvido como uma “grande teoria”, mas como um meio de traduzir problemas práticos em operações empíricas concretas. (THOMSON *apud* GRENFELL, 2018, p. 95)

Podemos compreender o campo como um espaço social centrado, ou nas palavras de Bourdieu, um “microcosmos relativamente autônomo” (BOURDIEU, 2004, p.18). Esse conceito se tornou uma alternativa efetiva para uma leitura da realidade social a partir das particularidades de cada caso, no lugar de compreender a estrutura social de modo homogêneo e universalista. Ao realizar uma operacionalização de pesquisa baseada em um recorte particular do todo social, tal estratégia permite ao pesquisador ampliar suas lentes sobre as práticas ali observadas.

Por exemplo, se o que se pretende é analisar os fenômenos emergentes na vida política, as formas de interação que sucedem desse espaço não serão igualmente aplicáveis à dinâmica das práticas da vida artística ou da vida jurídica. O que podemos afirmar é que em cada um desses campos conferem regras distintas, a depender do que se espera dos agentes que estão ali envolvidos — os interesses sociais são sempre específicos a cada campo e, portanto, não se reduzem a um interesse econômico.

Contudo, o que cada um desses microcosmos tem em comum é que eles podem ser compreendidos como um espaço onde lutas são travadas, tal como uma arena, onde o sucesso ou o fracasso de um indivíduo pode ser medido a depender tanto das suas habilidades e talentos sociais, quando da posição que ocupa dentro daquele campo.

Em inglês, a palavra “campo” [“field”] pode muito bem conjurar uma imagem de uma campina. Talvez seja o início do verão, e a campina está cheia de flores e capins silvestres envoltos por uma massa escura de árvores. Em francês, a palavra para esse tipo de campo é *le pré*. Entretanto, Bourdieu não escreveu sobre *les prés* bonitos e benfazejos, e sim sobre *le champ*, que

é usado para descrever uma área de terra, um campo de batalha e um campo de conhecimento. (THOMSON, apud GRENFELL, 2018, p. 96).

Além de compararmos esta noção com uma arena ou um campo de batalhas, outra correlação que o sociólogo francês também utiliza para exemplificar o termo, é a metáfora do jogo — onde a realidade social pode ser compreendida em termos das competições que são travadas (as disputas pela acumulação de capital, que como vimos, é distribuído de forma desigual), onde existem regras previamente estabelecidas (as convenções sociais daquilo que se espera daqueles indivíduos) e onde existe sempre um vencedor e um perdedor. Logicamente, a lógica do jogo, bem como as estratégias adotadas pelos agentes para alcançar a vitória, não são racionalmente calculadas

As ações sociais levadas a cabo pelos agentes no mundo social e seus espaços específicos não significam, contudo, que eles realizem cálculos e se orientem com base numa lógica racional, ainda que este tipo de lógica também integre as lógicas da ação. O sentido do jogo, ou a habilidade de se mover e jogar no espaço social deve ser considerado, em primeiro lugar, como sentido prático, um modo de conhecimento pré-reflexivo das formas de conduta que é internalizado pelos agentes e tende a funcionar como se fosse um instinto natural ou dom (CATANI, 2017, p. 241)

Ademais, cabe lembrar que ele não é uma realidade estática, mas ao contrário, uma realidade dinâmica mantida em movimento justamente pelas disputas e competições em que se engajam os agentes ali posicionados. Todo campo funciona a partir de uma forma específica de capital simbólica disputada no seu interior — de tudo aquilo que pode ser mobilizado ali como uma ferramenta simbólica de autoridade, poder e prestígio.

2.3 Condições de campo: sofrimento/violência simbólica

Na leitura sobre as sociedades contemporâneas e com a ajuda das ferramentas citadas acima, a noção de violência simbólica é o conceito que alimenta todas essas análises na obra de Pierre Bourdieu. (BOURDIEU & WACQUANT, 2005a [1992:2] *apud* GRENFELL). O ato de perceber as disparidades existentes na prática, entre uma classe e outra, é o quociente de uma sociedade onde existem dominantes e dominados. Com efeito,

esta é uma condição observável dentro do campo, na medida em que isso implica numa distribuição desigual dos capitais dentro dele, seja ele econômico, cultural ou simbólico.

Tais hierarquias são produzidas sem que haja o uso explícito de uma força física, mas se inscreve através da linguagem e da classificação simbólica dos elementos, discursos e valores que constituem a realidade social. Em síntese, “as categorizações compõem e ordenam o mundo e, portanto, constituem e ordenam as pessoas dentro dele” (SCHUBERT, 2018, p. 235). O problema central desta perspectiva, no entanto, encontra-se na naturalização dessa arbitrariedade, como se esta fosse a ordem natural das coisas e não um sistema que se reproduz e se mantém desta forma justamente pois é de interesse dos dominantes que assim seja. Posto isto, a violência, bem como o sofrimento que ela causa, é fruto do desconhecimento sobre os sistemas de classificação — quando fazemos uma leitura naturalizada da dominação — quando na verdade ela é um fenômeno “culturalmente arbitrário e histórico” (SCHUBERT, 2018, p. 235). Por exemplo, a ideia de que homens são, por natureza, mais agressivos e autoritários do que as mulheres, ou que determinadas raças ou classes sociais são superiores a outras.

É por isso que podemos compreender este fenômeno como uma forma não percebida de violência, ou uma violência invisível, e cabe ao ofício do sociólogo o papel de desvendar aquilo que está invisível aos olhos, bem como a maneira pela qual este sistema se perpetua. É isso que faz este tipo de dominação ser tão competente, dado que a eficácia de sua sistematização se dá de um modo que as próprias classes dominantes não precisam empregar grandes malabarismos para se fazer absoluta aos demais. O próprio ato de “deixar o sistema que dominam agir livremente para exercer de modo durável a dominação” (BOURDIEU, 2009: 217 [1980: 223] *apud* GRENFELL, 2018) já é o suficiente para que ela se cumpra.

Essa é uma forma de dominação sutil, e por isso abre brechas para que seja interpretada como irreal, algo que parte de um fragmento ilusório da realidade, dado que a violência material é um dado perceptível — e a violência simbólica seria algo menos óbvio. É por isso que a noção de “sofrimento” se apresenta como um fato irrefutável, dado que ele é uma consequência tanto da violência física, quanto da esfera invisível da opressão.

O sofrimento é o resultado de ambas as formas de violência. As origens sociais desse sofrimento são frequentemente desconhecidas e internalizadas pelos membros da sociedade, um fato que serve apenas para exacerbar o sofrimento e perpetuar sistemas simbólicos de dominação. Desse modo, a

violência simbólica tende a ser “um meio de opressão mais eficaz, e nesse sentido, mais brutal”. (BOURDIEU. In: BOURDIEU & EAGLETON, 1996d: 270 [1992] apud GRENFELL, 2018)

Ademais, algo que está implícito quando falamos de violência simbólica e que se apresenta como um outro mecanismo de eficiência de sua gestão, é o fato de os próprios dominados serem coniventes com a reprodução da dominação a qual são submetidos. É a própria naturalização das práticas que produz este fenômeno, pois à medida que os indivíduos não encontrem encorajamento para contestar o *status quo*, fica ainda mais usual reproduzirem os valores que os mantêm em uma posição de inferioridade. Ademais, este tipo de violência é muitas vezes mascarada por discursos científicos que se apresentam como neutros ou legítimos, dificultando que as classes subordinadas questionem sua veracidade.

Para citarmos um exemplo, talvez a esfera da vida social que Pierre Bourdieu mais se debruçou a analisar seja referente ao campo da educação. Em *Escritos de Educação* (2008), quando ele decide transpor essa condição de campo para a escola a fim de compreender como as desigualdades sociais são perpetuadas dentro deste espaço — que em tese carrega os princípios da democratização da transmissão do conhecimento — mas que na prática, verificam-se ressalvas quanto a isso. Ele percebeu que o ensino não é transmitido da mesma forma para todos os alunos como a escola faz parecer, na medida em que os estudantes pertencentes às classes sociais mais favorecidas já trazem de berço uma herança — o capital cultural.

A própria cultura, em uma sociedade que é dividida por classes, se transforma em uma espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as hierarquias: ela se transforma em um instrumento de dominação. Além disso, as classes dominantes impõem às subordinadas o que seria uma “cultura boa”, dando-lhe um valor incontestável, e é na escola onde esses valores são dissimuladamente repassados, contribuindo para que os valores dominantes sejam reproduzidos como tal. Dessa forma, a instituição acaba ainda que de forma velada, favorecendo alguns estudantes em detrimento de outros. Os desfavorecidos, seriam justamente aqueles alunos que não tiveram contato, através da família, com o capital cultural dominante - seja na forma de livros ou pela falta de acesso a lugares facilmente acessíveis aos estudantes mais ricos, como por exemplo visitas em museus ou o aprendizado de uma segunda língua. Dessa forma, acabam por ser marginalizados dentro do contexto educacional, pois não dominam os mesmos códigos culturais que a escola valoriza e isso pode ser entendido — pelos professores e pelos próprios alunos — como sendo culpa do

próprio indivíduo, que a dificuldade seria resultado de uma falta de inteligência. É essa exclusão do estudante menos favorecido, em conjunto com a convivência de tal prática inculcada no próprio indivíduo, que configura a violência simbólica seja uma condição de campo exercida inconscientemente no espaço educacional e que é passível de causar sofrimento àquele que não se enquadra no padrão que a escola exige.

A dominação simbólica [...] é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela” (BOURDIEU. In: BOURDIEU E EAGLETON, 1996d: 270 [1992] Ela está em toda parte porque todos nós vivemos em sistemas simbólicos que, no processo de categorizar, impõem hierarquias e modos de ser e conhecer o mundo que distribuem desigualmente o sofrimento, e limitam até os modos pelos quais podemos imaginar a possibilidade de um mundo alternativo. Ela também não está em lugar nenhum porque, por sua gentileza e sutileza, nós não reconhecemos a sua própria existência e muito menos o modo como ela está na raiz de muita violência e sofrimento. (SCHUBERT, 2018)

Portanto, se submeter a uma posição de subjugação não é uma ação racionalmente calculada. Ela acontece quase que sem percebermos e muitas das vezes seus efeitos mais perceptíveis são diagnosticados após já terem sido crivados e internalizados.

CAPÍTULO III

3.1 UFU, integração e competição: uma etnografia no campo universitário

Ter como ofício produzir uma ciência da sociedade, implica dizer que as experiências vividas pela pessoa do sociólogo transformam-se em um instrumento bastante útil de investigação da própria realidade social na qual está inserido. Ser uma universitária que pretende discorrer sobre as relações que se fundam dentro do campo universitário, significa dizer que em algum momento desta vivência surgiram indagações sobre as interações simbólicas que ocorrem neste espaço e toda a gama de disputas que são travadas num ambiente onde “integração” e “competição” caminham de mãos dadas.

Tendo em vista que o intuito é o de compreender as relações afetivas que se estabelecem entre os jovens no contexto universitário, me parece insuficiente focar apenas em uma investigação sobre as práticas dos agentes separadamente — no caso, as práticas sexuais das mulheres universitárias com seus pares. Interpretar o que se é dito e observar o que acontece (THOMSON, apud GRENFELL, p. 95) Antes, concebemos que estes agentes estão inseridos em um espaço social bem delimitado e que possui suas próprias regras de conduta, bem como uma organização interna de funcionamento — que deve ser levada em consideração para compreendermos como se dá a lógica operacional do campo em questão.

Posto isto, este capítulo é o resultado da observação participante que realizei durante minha graduação na universidade. Através de um esforço sistemático de exercício da imaginação sociológica (MILLS, 1972), o objetivo neste capítulo é pôr à prova o arcabouço de ferramentas metodológicas da teoria bourdieusiana — campo, habitus, capital e violência simbólica — ajustados à realidade social da Universidade Federal de Uberlândia, e para tornar nossa etnografia mais completa, iremos contar com trechos das entrevistas mediadas às alunas que compõem os grupos que iremos analisar.

A partir da teoria de Pierre Bourdieu, podemos entender o campo como um espaço social estruturado de posições ocupadas pelos agentes que ali residem. Assim, podemos conceber esses espaços tal como uma arena ou um campo de batalhas - lembrando sempre que ela não é uma realidade estática, mas ao contrário, realidades dinâmicas mantidas em movimento justamente pelas disputas e competições em que se engajam os agentes ali posicionados.

Vimos anteriormente que, a depender da especificidade do campo, este espaço possui regras e confrontos característicos. Por exemplo, o que mobiliza um artista — e a maneira como mobiliza — nada tem a ver com o que mobiliza e a maneira como o faz — um

político. Os interesses sociais dos agentes são sempre específicos a cada campo, portanto, o estudante universitário é dotado de um *ethos* que corresponde com aquilo que se é esperado dele naquele espaço, mesmo que pessoas de outros campos possam não compreender o que está em jogo ali, ele possui importância por si só, pois é composto por membros que possuem os mesmos ideais compartilhados. Posto isto, as práticas e as estratégias desses agentes alocados só serão compreensíveis se relacionados com as regras daquele sistema.

Todo campo funciona a partir de uma forma específica de capital simbólica disputada no seu interior — de tudo aquilo que pode ser mobilizado ali como uma ferramenta simbólica de autoridade, poder e prestígio. Dessa forma, Thomson (2018, p. 111) acrescenta que “apesar de o jogo jogado nos campos não ter nenhum vencedor definitivo, ele é um jogo infundável e isso sempre tem o potencial de mudança a qualquer momento”.

Quando colocamos a realidade social da Universidade Federal de Uberlândia sob a lente da teoria bourdieusiana, isso nos convida a pensar quais são os tipos de batalhas disputadas neste cosmos. Quais são os grupos? Como se dá a distribuição do prestígio entre os grupos? O que está em jogo? A violência simbólica se expressa sob que forma?

Ao longo de sua carreira Pierre Bourdieu se dedicou à produção de obras sobre o sistema de ensino francês, bem como “as formas de reprodução social e os interesses acadêmicos e políticos nele imbricados” (MACHADO, 2013) entre elas destacamos *Les héritiers* (1964), em conjunto com Jean-Claude Passeron, onde o autor foca nas atitudes de estudantes e professores universitários e através de estudos empíricos verifica a perpetuação das desigualdades sociais no meio acadêmico, dado que alunos de diferentes classes sociais entram na universidade já trazendo de berço certos privilégios e as inclinações culturais que são exigidas neste meio, enquanto aqueles que não dispõem de tal herança encontram-se a alguns passos atrás na competição pelos altos títulos científicos.

Em *Homo Academicus* (1984) ele se debruça a compreender a estrutura do campo acadêmico francês, a fim de visualizar quais são os interesses, os conflitos e relações de forças presentes no interior da instituição. Machado (2013) frisa aos leitores que apesar do autor estar analisando empiricamente o meio acadêmico francês, nós pesquisadores brasileiros podemos aproveitar essa obra como um guia para estudar a história do nosso próprio campo com todas as suas particularidades e recortes variados.

Também destacamos a obra *La noblesse d'État: Grandes Écoles* (1989), onde ele empreende o conceito de *esprit de corps* (espírito de corpo) para denominar os sentimentos de afeto, de solidariedade e de admiração que derivam da identificação e organização de um grupo dentro da universidade, entre sujeitos que partilham de ideais semelhantes.

Cito tais estudos pois acredito que as pesquisas sobre o campo universitário podem seguir diversos recortes de análise sobre essas instituições, visto que este é “um espaço social institucionalizado que constitui-se em um locus de relações que envolve como protagonistas agentes que possuem delegação para gerir e produzir políticas universitárias, isto é, uma modalidade de produção consagrada e legítima ” (CATANI, 2013, p.)

Acredito que com o conceito de *sprit de corps*, em conjunto com o apontamento de Machado (2013), fica possível vislumbrar um horizonte em que essas noções possam ser aplicadas ao nosso campo para desvendar as práticas dos membros que o compõem, em uma análise sobre a esfera mais subjetiva da vida dos estudantes, com base nas relações que eles estabelecem com os outros, dado que compreendemos que a experiência universitária propicia aos agentes diversas formas de integração que são movidas pela afetividade entre alunos.

Sobre o “espírito de corpo”, Bourdieu destaca que dentro das universidades existe uma consagração de grupos através de um nome, e este atua como um marcador simbólico. O fundamento desta unidade afetiva nasce do poder de agregar sujeitos cuja identidade está formada numa coincidência dos esquemas simbólicos de visão e divisão do mundo social.

Segundo o autor,

A constituição do espírito de corpo deve-se à consagração social outorgada pela nomeação que funda uma verdadeira solidariedade de interesses simbólicos, moldando a identidade individual e coletiva. Em síntese, ela é um sentimento de solidariedade com o próprio grupo, seu nome, sua honra, mas também com seus membros, o que comanda a submissão às exigências da reprodução do corpo, quer dizer, de sua identidade, daquilo que o constitui como tal. (Bourdieu, 1985)

A partir dessa sentença, é tradicionalmente perceptível na UFU uma integração de alunos reunidos em coletivos, cujos laços que os agregam possuem naturezas distintas em prol do funcionamento da universidade, mas sobretudo, também interpretamos essas organizações como unidades que co-criam aquilo que podemos chamar de “comunidade de afetos” — um local de pertencimento ao meio em que estão inseridos, capaz de privilegiar a construção de uma “cultura emotiva” (KOURY, 2018) juvenil. É por isso que considero a universidade como um espaço privilegiado para a análise das emoções experienciadas na juventude.

Destacamos alguns desses coletivos que compõem a UFU, tais como os Centros e Diretórios Acadêmicos, o Diretório Central dos Estudantes (DCE)³, as Associações Atléticas Acadêmicas, as Baterias Universitárias e as Repúblicas Estudantis.

A importância dos Centros e Diretórios Acadêmicos é que estas são entidades que representam todos os estudantes de um determinado curso, a fim de listar quais são as demandas de cada instituto, garantir um debate com os alunos sobre os problemas enfrentados durante a graduação e pensar em estratégias para a solução destes. São pautas das discussões propostas por estes grupos, por exemplo, temas vinculados à grade horária curricular dos cursos, mas também atuam na mediação da relação entre alunos e professores do instituto ou na regulamentação de questões burocráticas e administrativas. Ele é um verdadeiro fiscalizador das atividades do departamento a qual pertencem e os estudantes que se põem à frente dessas questões são aqueles que representam os discentes nos departamentos, colegiados e congregações das Comissões Próprias de Avaliação (CPAs)

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAA) são um órgão que tem por objetivo a coordenação de práticas esportivas dentro da universidade. É uma maneira de incentivar, mas também integrar os alunos da instituição em prol de uma causa maior: o esporte. Ao contrário da lógica dos Centros e Diretorias acadêmicos, essas associações normalmente não agregam estudantes de um único curso, mas são compostas por estudantes de cursos distintos, que representam uma mesma área. Por exemplo, na A.A.A Humanas reúnem-se os cursos de Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Saúde Coletiva e Tradução.

Já as Baterias Universitárias são coletivos de percussão que surgiram com o intuito de animar a torcida e incentivar os atletas a darem o melhor de si nos jogos universitários. Elas se inspiram nas escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo e na composição desses grupos encontramos ritmistas que tocam instrumentos como tamborim, surdo, chocalho e repique. Podemos conceber esses coletivos como uma parte que tem o papel de representar as atléticas, mas devido a força dessas entidades dentro da universidade - inclusive, foi na Universidade Federal de Uberlândia que a primeira bateria universitária do Brasil foi fundada, no ano de 1969 - esses grupos também disputam entre si em competições próprias de baterias.

³ Era de nosso interesse entrevistar uma universitária que compõe o Diretório Central dos Estudantes, até porque essa entidade diz respeito às lutas propriamente políticas que são travadas dentro da universidade, algo que seria extremamente enriquecedor para o nosso trabalho. No entanto, após muitas tentativas, infelizmente não foi possível concretizarmos a entrevista. Talvez porque tentamos contato durante o processo eleitoral de construção das chapas e a estudante estava com pouca disponibilidade de tempo em sua agenda para conversarmos.

Ao adentrarmos o espaço da UFU, podemos observar que as cores das Baterias Universitárias, por exemplo, dão uma identidade visual a esses grupos. Através da diferenciação simbólica de seus membros, é possível perceber a qual nicho os estudantes são pertencentes.

Eu acho que principalmente aqui dentro do *(a entrevistada se referiu à entidade nomeando as cores que compõem a imagem visual da bateria)*, eu não sei muito como é as outras entidades, os outros cursos, mas aqui a gente tem muita liberdade de falar o que pensa, de expressar o que sente, expressar as nossas vontades. A gente tem muita liberdade de conversar um com o outro, de contar as coisas. E isso é muito diferente do meu ensino médio. No meu ensino era muita gente de Uberlândia, não tinha gente de fora. Já tinha um grupo de amizade deles formado, já tinha as panelinhas formadas, então eu não tinha muita liberdade de ser eu mesma ou de escolher como eu queria conviver com as relações, as pessoas. Aqui eu tive muito disso, muita liberdade. Isso aí foi pra mim o essencial. (ENTREVISTADA, 2023)

Isso acontece pois um dos aspectos da cultura juvenil, segundo Maffesoli (2004),

é considerar formação de grupos heterogêneos, que foram denominados de “micro-tribos”, entendendo que se revestem de características comuns, tais como: sentimento, comportamento ético e forma de comunicação [...] Nas “tribos”, os jovens ancoram-se na segurança do grupo, assim como adota para si os deveres, os códigos de honra e as obrigações determinadas pela própria tribo.

Lembro que logo na primeira semana de aula, na recepção dos calouros, as falas dos veteranos - dentro e fora do curso - salientaram sobre as diversas entidades que compõem a instituição e a importância de “viver a universidade para além da sala de aula”, seja como membros do centro acadêmico, na gestão das Associações Atléticas ou das Baterias Universitárias, por exemplo. Eles frisaram que participar dessas organizações iria propiciar aos recém ingressantes uma consciência de que a juventude possui papel ativo na gestão do espaço acadêmico, na medida em que atuam em prol da universidade e dos universitários. Além de favorecerem uma relação de pertencimento com o local, como uma espécie de rede

afetiva com a qual o aluno tem a possibilidade de formar vínculos de amizade e se sentir mais integrado ao meio.

Acho importante destacar que essas falas ocorreram na semana de recepção dos calouros, pois este é um evento que configura a primeira inserção de novos agentes (ou novos jogadores) dentro do campo. Existe uma diferença quanto a posição social que os veteranos ocupam em relação aos calouros (ou bixos). Os primeiros são aqueles que já estão familiarizados com a lógica do campo, eles já adquiriram experiência nesse cosmos e, conseqüentemente, contam com uma maior acumulação de capital simbólico. Ou um certo “prestígio”, como podemos dizer. São justamente aqueles alunos que possuem uma posição de destaque nas entidades — por exemplo, é o presidente de uma dessas associações — que vai palestrar aos recém ingressantes sobre a notoriedade de seu grupo. Os estudantes novatos, ainda são uma “tábula rasa” ou uma folha de papel em branco na instituição. A eles precisa ser ensinado como se organiza o espaço, quais são as regras do jogo e os caminhos para adquirir influência no meio conforme as suas aptidões. Por exemplo, aquele estudante que desde a adolescência mostrava vocação para os esportes, possivelmente vai se interessar em se tornar um atleta que representa seu curso nas competições, ou aquele que compunha o grêmio estudantil no Ensino Médio, pode ver no Diretório Central dos Estudantes uma porta de entrada para a atuação política organizada.

Há uma discrepância entre essas duas categorias de estudantes, pois os veteranos naturalmente apresentam maior confiança na maneira com que se expressam. Eles possuem uma fala eloquente que denota segurança sobre a função que possuem dentro do campo e se portam como sendo mais experientes no jogo. Já os calouros possuem expressões corporais mais tímidas, parecem desajeitados e até um pouco envergonhados. Uma criatura inocente e indefesa, que ainda possui “brilho nos olhos” dado que ainda não estão exaustos de tanto estudo e das rigorosas exigências do ensino superior. Podemos considerar que eles são tratados com um certo desdém, numa posição de inferioridade aos demais. É comum ouvir veteranos dizerem as frases “bixo é tudo burro” ou “bixo não manda em nada, só obedece”.

O ritual de iniciação dos novos estudantes se dá através do “trote”, um momento de comemoração por estarem ingressando nessa nova fase, mas que a própria etimologia da palavra já denuncia uma relação de poder: a expressão “trote” vem de “trotar”, uma domesticação vexatória aplicada a cavalos. Uma maneira saudável de aplicar esse rito consiste em dinâmicas, como por exemplo, pedir dinheiro no semáforo com o rosto pintado de tinta ou com o corpo sujo de farinha e ovos. Eles também podem usar placas que sinalizam

que são bixos e bixetes. Em determinados cursos, no primeiro dia de aula, existe o apadrinhamento e nomeação de apelidos para os calouros, escolhidos pelos veteranos.

No entanto, há diversos relatos de trotes abusivos nas universidades brasileiras, que inclusive já resultaram em mortes, internações ou na própria desistência do curso pelos estudantes — são abusos que consistem em humilhar os alunos com agressões físicas e psicológicas, ou os obrigando a ingerir uma grande quantidade de bebida alcoólica contra a sua vontade. Acredito que na UFU podemos observar uma recepção consciente e saudável para todos os envolvidos, mas os exemplos contrários comprovam que, assim como em qualquer âmbito da sociedade, estes espaços são passíveis de abuso nas relações de poder.

Aqui não temos o histórico de atos violentos em sua forma mais explícita, felizmente, mas dado que a gênese de toda violência simbólica se dá através da classificação das pessoas e das coisas como inferiores ou superiores — e é isso que difere os dominados dos dominantes — não seria esta distinção entre calouros e veteranos um exemplo sutil de dominação, logo na primeira inserção dos agentes no campo? Dando continuidade a essa provocação, será que conseguimos identificar outra lógica semelhante de distinção entre as partes que compõem a universidade?

Se pararmos para revisitar um fato que compõe a historicidade da UFU, destaco um ponto que inclusive já foi motivo de pautas ao decorrer dos anos na universidade e durante muito tempo repudiado pelos estudantes da instituição. Dentro os coletivos citados, existe uma entidade cujo hino possuía falas que denotam a sua superioridade em relação aos outros cursos. Se fosse apenas isso, ainda estaria dentro dos padrões de normalidade, já que estamos falando de um campo de lutas e é natural que os grupos reafirmem o seu valor em relação aos outros. No entanto, os motivos de tantas críticas é porque a canção reproduzia falas preconceituosas de machismo e homofobia:

Eu não gosto da Educa

E nem de musculação

Isso é coisa pra maluco

Pra viado e sapatão

E a nossa medicina

Virou lugar de mulher velha

E o seu futuro

Vai ser cuidar de gonorreia

E as meninas lá da artes
Com todas elas já transei
Lá não existe homem
Porque é curso só pra gay

[...]

E a turma da odonto
Que só tem mulher gostosa
Elas gostam da (*nome da entidade*)
E a gente mete, mexe e goza

Aqui no nosso campus
Também tem muita cuzão
Eles são tudo uns bosta
E fazem computação

Paremos para avaliar onde está o machismo e a homofobia nessas sentenças. Primeiro a orientação sexual é colocada como um tom pejorativo de desqualificação. Também há um vestígio de dominação simbólica na maneira como categorizam as mulheres dos diferentes cursos da instituição, elencado a uma exaltação do poder e da honra do grupo, quando se referem ao ato sexual como um ato de possuir e colecionar mulheres. Algo que denota a concepção masculina do ato sexual como um desejo de posse (BOURDIEU, 2015). Isso aparece como uma maneira de “contar vantagem” a respeito das suas “conquistas” sexuais, ou seja, afirmar que já haviam transado com “todas” as mulheres: um claro sinal de objetificação do corpo feminino, além de que as mulheres passam a ser consideradas como um símbolo que confere poder e virilidade a esse grupo que, teoricamente, as possui. Eles também classificam aquelas mulheres que são as mais bonitas, num movimento de exaltação, mas que logo as coloca numa posição de subjugação, pois são consideradas como um objeto passível de ser usado para a satisfação masculina.

Felizmente, até porque o campo é um espaço passível de transformações a todo instante, nos dias atuais os estudantes que compõem a entidade já não cantam o hino nos eventos universitários. Essa foi uma pauta discutida internamente pelos seus membros, onde

optaram por retirar as partes ofensivas do hino. É interessante notar que na medida em que novos agentes agregam este espaço - estudantes calouros que substituem os veteranos, já que estes concluem a graduação e abandonam o campo - houve uma renovação não apenas dos integrantes, mas também das ideias e valores que são elencados pela entidade.

Se analisarmos que o coletivo em questão é formado por cursos cuja presença de estudantes do sexo masculino é majoritariamente maior que a do sexo feminino, isso pode explicar o porquê do discurso ter sido naturalizado e aprovado em seu ato de fundação. Além de que, se fizermos um recorte temporal, vemos que hoje o debate e enfrentamento de questões discriminatórias em relação às minorias é infinitamente mais imponente do que há décadas atrás. Hoje, é perceptível que mais mulheres estão integradas nesse espaço e inclusive compõem cargos de destaque dentro da entidade.

Até foi por isso que eu criei esse grupo (no whatsapp) das meninas (da entidade), pra gente ter uma comunicação mais aberta. Porque quando eu entrei não tinha mulher, aí até se criar uma intimidade... agora se você já tem um grupo, todo mundo ali tem intimidade [...] A gente discute muita coisa interessante lá. Porque os meninos aqui... homem não pensa muito nas coisas né. Antigamente, quanto ao hino, era bem pior. Hoje em dia a gente já evita, nas arquibancadas a gente controla. Tenta controlar a galera, porque as pessoas não tem noção do que falam. Então esse grupo serve como uma força, um lugar pra gente também dar opinião, fazer nossa opinião valer. Hoje é muito mais tranquilo. (ENTREVISTADA, 2023)

É notável que os estudantes levam as competições a sério e existem rivalidades consagradas dentro da instituição. Anualmente, ocorrem as Olimpíadas Universitárias da UFU, um evento de confraternização esportiva que no último ano reuniu ao todo 20 Associações Atléticas Acadêmicas. Durante cinco semanas, mais de 2400 atletas representaram suas atléticas em 14 modalidades, tais como Atletismo, Basquete, Futsal, Vôlei, Xadrez - mas também nos jogos eletrônicos, mais conhecidos como eGames.

Algo que é considerado tradicional na cultura universitária da UFU é o evento que celebra a abertura das Olimpíadas realizado pela DIESU, no Ginásio Sabiazinho. Este é um momento que costuma emocionar os telespectadores. É quando o laço de integração afetiva entre os estudantes pode ser visto em sua forma mais pura. No início do evento cada uma das atléticas é chamada para se apresentar e desfilar pelo ginásio, compondo um agrupamento de

todos os seus integrantes e mais àqueles que compõem a bateria que representa a associação, por exemplo. Outro momento que é muito esperado nesse evento são as apresentações de dança dos grupos de Cheerleader da UFU, que são as animadoras de torcida.

No momento em que todas as atléticas se reúnem, uma ao lado da outra, após suas entradas triunfais que são regidas por uma música de abertura, danças, pessoas vestidas de mascote, entrando no ginásio dando “estrelinhas” e também incentivando suas baterias a tocar mais alto. Rapidamente, das arquibancadas conseguimos enxergar grandes manchas de cores formadas pelos estudantes que vestem as cores da associação que representam. Acredito que é neste momento em que o conceito de “espírito de corpo” pode ser visto a olho nu. Este evento simboliza o momento de integração que precede as competições nas quadras, pistas e campos. Podemos observar a rivalidade se fazendo presente nessa atmosfera quando algumas atléticas são vaiadas e a torcida grita frases como “UFU integração, tirando a Medicina todo mundo é irmão”. Me vem à memória inclusive, uma cena que aconteceu em uma das edições anteriores que assisti, onde a atlética da Medicina se posicionou no ginásio dando as costas para o amontoado de alunos de outras associações, eles estavam virados de frente para o rumo da sua torcida nas arquibancadas - um gesto simbólico de que eles se fecham em seu próprio grupo e não pretendem seguir a lógica da integração.

Em comemoração da 10ª edição do evento no ano de 2019, o Canal da UFU produziu um mini documentário para lembrar a história das Olimpíadas Universitárias da UFU desde sua formação, onde entrevistaram alguns ex-atletas de diversas atléticas.⁴ Uma das interlocutoras conta sobre as manifestações organizadas por estudantes em frente a reitoria em 2009, que reivindicavam por mais incentivo e verbas para a valorização do esporte universitário: foi onde pela primeira vez na história, os cursos de Educação Física, Engenharias e Medicina (três atléticas que representam o pilar das grandes rivalidades que existem entre cursos) decidiram se juntar em prol de uma causa maior. Nas filmagens eles ostentam dezenas de medalhas conquistadas nas competições e também grandes troféus de campeão. Esta é uma representação palpável de todo o capital simbólico que é acumulado através das vitórias nos jogos olímpicos. Em atléticas mais antigas vemos as salas - reservadas à delegação — abarrotada de troféus, tanto das Olimpíadas internas quanto dos jogos onde os cursos da UFU competem com universidades da região, principalmente do triângulo mineiro e do interior de São Paulo.

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=mNL2c8hZEUC&ab_channel=CanaldaUFU

O que eu tenho foco na atlética em si é no atletismo. Tem outros esportes que eu vou só pra completar o time, mas meu foco é o atletismo. [...] Tem os tempos de competição, no início do ano tem o Agita UFU, só pra integrar as atléticas da UFU. Tem o CIA, tem o LIU, as Olimpíadas Universitárias, que é o mais importante pra gente, é quando a gente quer dar o nosso nome entre as atléticas da UFU, acho que a nossa competitividade com a galera da UFU é bem maior. (ATLETA ENTREVISTADA, 2023)

Minha observação participante obviamente se estendeu para as quadras. Decidi ir assistir os jogos vestindo uma roupa de cores neutras, que não identificassem a qual curso eu pertencia, pois assim teria mais facilidade para me camuflar nas torcidas organizadas para experienciar, de fato, a experiência de torcer de forma camaleônica para uma entidade a qual simpatizo — não necessariamente a do meu curso — e assistir, além do jogo em si, a maneira como eles torcem. Os jogos são tensos, pois além de dominar as jogadas e técnicas que são exigidas, os atletas também precisam ter uma inteligência emocional bem exercitada para não se deixar levar pelas vaias e as músicas que a torcida de seus adversários cantam para incentivar sua equipe, mas também usam de zombarias para desestimular seus oponentes.

A grande final do handebol masculino saiu como eu planejava e tive a oportunidade de ver uma disputa entre duas atléticas que são tradicionalmente rivais: Engenharia versus Medicina. Eu e minha amiga decidimos nos estabelecer junto à torcida da Engenharia, pois iríamos assistir um de seus amigos jogar e, afinal, era contra a Medicina: como iríamos nos integrar àqueles que não integram? Conforme o jogo se passava, a torcida ficava mais calorosa e durante alguns minutos parecia que eu era engenheira de coração, desde criancinha. De fato, algumas das frases entoadas pelo time adversário causavam um desconforto, pois era comum eles gritarem em plenos pulmões “o sonho do seu pai é ter um filho médico”, “engenheiros se formam para ser motoristas de uber” ou que — no caso, isso foi referido a atlética das humanas — “com seu salário de professor de cursinho não dá nem pra pagar uma consulta médica”.

Desse discurso conseguimos extrair a posição de superioridade que os (futuros) profissionais da medicina acreditam ter sobre as demais áreas, visto que o diploma de médico é um grande agregador de status na sociedade, devido a maneira como o nível de capital cultural dessa profissão é altamente valorizado. Algo digno de orgulho para os pais e prestígio quanto a seus filhos, quando estes optam por seguir uma carreira onde a garantia de uma alta posição na sociedade é praticamente garantida, pelo menos, no imaginário do senso

comum. Além dos altos salários, que configuram a acumulação de capital econômico, algo que os difere da posição desvalorizada que os professores ocupam no mercado de trabalho, por exemplo. Ou que os engenheiros agora se tornam motoristas de Uber, pois as oportunidades de emprego estão escassas, mesmo para profissionais formados na área. Portanto, não é apenas o capital simbólico representado pelas medalhas e troféus nas disputas internas que distinguem a honra dos vencedores e dos perdedores. Também há outras variáveis envolvidas nessa classificação, que perpassa aquilo que agrega valor dentro desse campo específico, mas também aquilo que é considerado digno de prestígio fora dele.

Meses após as olimpíadas, fiz uma observação participante em outro evento em que as entidades da UFU competiriam entre si. Desta vez, foi no Desafio de Baterias organizado pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), onde para nossa sorte, simultaneamente estava ocorrendo o InterReps, que é a competição entre as repúblicas.

Quando observamos as práticas das micro-tribos da UFU em suas redes de sociabilidade nas horas de lazer, percebemos que a vestimenta típica de um universitário é caracterizada pelo uso de coletes personalizados e nos pés normalmente calçam chinelos de dedo. Há inclusive um fato curioso que pode gerar a incompreensão dos leitores, do tipo “por que as pessoas fazem isso?”, mas uma determinada entidade é conhecida pela prática de morder chinelos havaianas e arrancar pedaços até destruí-los. Eu não sei responder quando isso surgiu e muito menos qual o porquê, mas aprendi que quando eles estão reunidos em uma confraternização, o ideal é calçar um sapato fechado.

Os universitários também costumam usar um tirante sob o peito, que é uma espécie de faixa a tiracolo com a qual carregam canecas também personalizadas, usadas tanto para tomar suco no Restaurante Universitário, quanto nas festas para evitar o desperdício com copos descartáveis.⁵ Nesses eventos é comum que os universitários pintem seus corpos com tinta guache com as cores de sua tribo. Além disso, cada delegação possui um nome específico para a bebida tradicional que será servida, é o que os estudantes denominam como “Goró”: uma mistura de vodka, suco em pó e água para a diluição, armazenado em grandes galões de água e repostos de hora em hora.

Voltando à competição, foi possível perceber a agitação e nervosismo daqueles ritmistas que iriam se apresentar. Alguns conhecidos chegavam e mostravam o quanto estavam tremendo, que não conseguiram dormir direito a noite devido a ansiedade e que

⁵ Esses itens são semestralmente disponibilizados para encomenda pelas entidades acadêmicas, a depender dos eventos universitários que se sucedem. É através da organização de festas que as entidades acadêmicas arrecadam dinheiro para eventos futuros e para a confecção dos uniformes e demais itens.

haviam se dedicado muito nos ensaios da bateria nas semanas que precederam o evento. Após as apresentações, o que se fazia presente era o sentimento de alívio após uma missão devidamente cumprida e todos os membros reuniam-se num abraço grupal, carregando seus instrumentos.

Já a disputa do InterReps não é para principiantes. Eu já sabia como funcionava a dinâmica dos jogos etílicos pois estava acostumada a torcer nas edições anteriores. Uma amiga que estava me acompanhando não teve estômago para assistir a disputa de “MaraToma”, uma modalidade que consiste em uma maratona de quem bebe mais. Há a formação de duplas entre os moradores das repúblicas e, de mãos dadas, eles percorrem uma ponta a outra do espaço — marcada pela presença de duas mesas com copos cheios de bebida em cada extremidade. Os ganhadores são aqueles que percorrem a dinâmica no menor tempo e são desclassificados aqueles que soltam a mão de sua dupla. Esta pode ser considerada uma prática bem nojenta, já que vomitar não é um critério que configura a eliminação.

Quando falamos sobre a cultura universitária, as repúblicas estudantis são um micro espaço interessante para nossa análise sobre o campo acadêmico, pois é possível conceber as repúblicas como um local de extensão da lógica que vigora na universidade.

A Universidade Federal de Uberlândia é um dos pólos nacionais de grande imigração científica, muitos dos jovens que entram na universidade experimentam suas primeiras vivências de moradia emancipada do ciclo familiar e optam por morar em uma república estudantil, dado que essa é uma alternativa bastante rentável de moradia, pois as despesas são divididas entre muitas pessoas.

As repúblicas estudantis, ao senso comum, são conhecidas por serem espaços de libertinagem e de curtição, ligadas, muitas vezes, a festas e drogas ilícitas. No entanto, reduzir a experiência da vida na república à “irresponsabilidade” retira dessa vivência todo o seu teor simbólico. Para além disso, as repúblicas são locais de habitação coletiva; espaços de socialização e companheirismo em que a coabitação de várias pessoas com histórias diferentes, cria experimentações e pontos de vista só possíveis dentro da lógica proposta pelas moradias estudantis.

Minha adaptação foi bem tranquila, mas foi porque cheguei morando em república. Eu morava na [nome da república], e eu vim com uma amiga minha que era [da minha cidade] e também tava morando comigo. Aí as meninas lá de casa já conheciam tudo e incluíam a gente na rotina que já tinham. Então tudo que a gente precisava, tinha alguém ali pra acolher. Eu

nunca me senti sozinha, foi um acolhimento muito bom. Morar em república me ajudou muito nisso, porque se não fosse isso eu com certeza teria ficado um pouco perdida, sabe. Porque eu sentia muito isso do pessoal que entrou. (ENTREVISTADA, 2023)

Os jovens, para Maffesoli, organizam-se em tribos por características compartilhadas – no caso das repúblicas, estes jovens possuem características semelhantes entre si pois compartilham da mesma experiência, que é sair da casa dos pais, de sua cidade natal, para se dedicar a formação profissional na graduação. Sendo assim, o pertencimento a essa tribo influencia diretamente na representação de seus papéis sociais, fabricando impressões sobre si e as encenando para os outros, reforçando o seu caráter mais coletivo do que individual. Os atores incorporam ideais e comportamentos do grupo para serem integrados dentro da república e, efetivamente, serem reconhecidos como tal fora dela.

Um fato interessante sobre ser uma cientista social e que também é compartilhado com outras colegas de curso, é que ao frequentar qualquer ambiente novo e que extrapola os limites do que estamos acostumadas, a máxima é a mesma: “Estou aqui pela experiência etnográfica”. Inclusive, algumas das contribuições contidas no presente trabalho foram retiradas de um artigo que eu e meus colegas produzimos em 2018, na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, onde deveríamos realizar uma observação participante em algum local de nossa preferência e entrevistar os membros. Escolhemos o ambiente de uma república estudantil masculina, cujo título do artigo foi denominado “Repúblicas Estudantis: da hierarquia ao prazer”.

Lembro que minha primeira inserção num ambiente de repúblicas se deu no segundo ano de faculdade, quando me relacionei com um integrante de uma das repúblicas tradicionais. Qual foi a minha surpresa quando conheci a casa e me deparei com todas as paredes desenhadas, uma mesa de sinuca no meio da sala e aproximadamente dez homens com quem meu namorado dividia moradia. Na época haviam cinco novatos que haviam chegado naquela mesma semana e era possível perceber o quanto eles ainda estavam ariscos e arredios, se familiarizando com a nova realidade. Andavam sempre juntos e por essa razão até hoje são reconhecidos como “os cinco irmãos”⁶. Eles pareciam tão desajustados longe do seio da família, jogados naquela selva de latas de cerveja empilhadas e bitucas de cigarro. Felizmente, a ambientação foi um sucesso com o passar dos dias.

⁶ Essa é inclusive uma expressão característica dos calouros no primeiro semestre da faculdade. Percebe-se que eles costumam andar em grupos com muitas pessoas, também calouros.

A distinção dos calouros dentro das moradias também assume um papel importante de classificação, bem como na universidade em si. É no primeiro semestre que o jovem incorpora os ideais da casa e das repúblicas em geral: solidariedade, companheirismo, autonomia e, conseqüentemente, aprender a lidar com a autogestão. Para isso, são subordinados às tarefas da casa e aos desejos dos membros mais antigos. Nas primeiras semanas de aula, é comum avistarmos jovens com os cabelos raspados de maneira desuniforme ou tingidos com as cores da república. Além disso, os membros mais velhos também incentivam os novatos a usarem roupas espalhafatosas, como um vestido com a estampa “de oncinha”, por exemplo. Quando isso acontece, quem está de fora já sabe: trata-se de um “bixo”.

Na república onde fizemos nossa pesquisa, percebemos que as tarefas de casa eram diferenciadamente atribuídas conforme a hierarquia de veteranos e bixos. Enquanto os veteranos se preocupavam com questões burocráticas, negociações, redes sociais, os bixos realizavam os “serviços pesados”, por exemplo, se deslocar até as lotéricas para pagar as contas da casa, ir no mercado, limpar as áreas compartilhadas, etc.

Na época, quando perguntamos sobre os trotes dos bixos, o membro mais velho da república afirmou terem ocorrido grandes mudanças no decorrer do tempo em que morou na casa. Ele conta que há anos atrás, quando ingressou, os trotes eram mais pesados. Os veteranos eram, em palavras mais amenas, mais insensíveis do que os que estão lá hoje e usavam os trotes também como forma de seleção de moradores para a república.

Então, quando eu entrei era um pouco diferente do que é hoje. Pegava muitos bixos e era um pouco mais pesado, a gente sofria um pouco mais. Era uma parada meio que pra selecionar a galera que agüenta a pancada mesmo, porque era bem treta”. (MORADOR DE REPÚBLICA MASCULINA, 2018)

Ele também narrou que, enquanto veterano, quando percebe que os bixos deixam de realizar o trabalho que é esperado deles na república, utiliza uma técnica para disciplinar este calouro e “colocá-lo no seu devido lugar”. Uma das formas de exigir disciplina dentro da casa era feita através do “Corotário”, uma bebida feita com ingredientes “nórdicos”, segundo o interlocutor e criador da receita original — que havia sido preparada seis meses antes.

É um “disciplinador”. Um disciplinador serve pra quando um bixo tá muito folgado e cê quer que ele... beba aquilo, tá ligado? Cê pega aquilo na mão e dá pra ele beber e é isto. Aí é um drink que a gente colocou corote de mendigo e alho [...] É. Alho. O alho tem que curtir, tem que dar uma savorização um tanto quanto rebuscada. Aí a gente também colocou gengibre, pimenta do reino, bacon, sangue de carne, e... deixa eu ver... mais umas três ou quatro coisas que tinha na geladeira. (MORADOR DE REPÚBLICA MASCULINA, 2018)

Anualmente, o Grêmio das Repúblicas Associadas de Uberlândia (GRAU) costuma organizar um campeonato de jogos entre as repúblicas, o InterReps - sendo uma das principais razões de sua existência e institucionalização. Essas competições - que incluem as modalidades de jogos étlicos e campeonato de videogame, por exemplo - também agrega um determinado poder simbólico aos seus ganhadores, que ostentam troféus e a certeza após diversas vitórias consecutivas, de que o posto de maior república de Uberlândia havia sido garantido devido ao êxito nas competições.

[...] querendo ou não a gente acaba funcionando meio que como uma entidade acadêmica também, entende? É um pouco mais leve... um pouco mais suave, porque a gente não tem nenhuma responsabilidade direta com a UFU. Tipo, a gente só tem responsabilidade com a nossa casa. Diferente dos DA's, que de vez em quando promovem algumas palestras, alguns eventos acadêmicos mesmo... a gente não tem isso, mas a gente funciona não muito diferente disso. (MORADOR DE REPÚBLICA MASCULINA, 2018)

No entanto, ser apenas a namorada de um dos membros da república e observar como esses jovens experienciam essa vivência ímpar parecia insuficiente. Além de que uma das críticas ao nosso trabalho foi que nós enfocamos demais sobre a categoria da "hierarquia", mas esquecemos de falar sobre o prazer — hoje vejo que a escolha por esse recorte foi guiada por um senso comum, influenciados pelas produções de cinema Hollywoodianas que retratam esses espaços como um lugar de exaltação de uma sexualidade livre, por exemplo.

Eu acho que os homens têm muito essa visão de república feminina. Aí tem várias pessoas aqui na UFU mesmo, que você fala que mora em república e

a galera fica “isso é uma zona?”. Às vezes eles sexualizam muito as meninas que moram na república. [...] Uma vez um motoboy foi entregar comida e ele perguntou “o que é aí?” e eu falei “a gente mora junto” e ele falou “um monte de mulher morando junto? [com um tom malicioso] (ENTREVISTADA, 2023)

Após conhecer as dinâmicas, os ritos, a organização das moradias masculinas, no fundo eu também desejava morar em uma república de mulheres. Participar como um membro ativo, e não uma espectadora. Seria esta uma oportunidade para tecer análises sobre a vida não apenas sexual, carregada de estereótipos, mas a vida emocional das universitárias e suas relações afetivas?

A experiência de ser uma moradora na república estudantil se concretizou no ano de 2021, no período da pandemia.⁷ Logo percebi que, ao passo que a república masculina parecia ter um caráter anárquico e sem a imposição de muitas regras — com exceção daquelas que traduziam a hierarquia existente entre bixos e veteranos — uma das diferenças em comparação à república feminina é que as tarefas eram muito bem organizadas e não existia punição mediante o seu descumprimento. Havia placas espalhadas pela casa para sinalizar, por exemplo, os dias da semana que a coleta de lixo orgânico e reciclável passavam pela rua, mas também um cronograma para dividir as tarefas de limpeza igualmente. Um verdadeiro senso de coletividade foi adquirido ao conviver com mais cinco mulheres e era possível conciliar as responsabilidades acadêmicas com as festas no final de semana (bons tempos!) — na medida do possível.

Algo que merece ser salientado era como os vínculos de amizade com as meninas funcionavam como uma rede de apoio, com quem podíamos compartilhar nossas inquietações nos dias difíceis e também ouvir conselhos de quem já havia passado por situações semelhantes — seja nas questões acadêmicas, familiares ou de relacionamento. De fato, sair da casa dos pais e arriscar a vida em outra cidade para estudar, à primeira vista parece desafiador, mas o acolhimento dos amigos é uma garantia de que não estamos sozinhos.

Eu indicaria pra todo mundo que vem pra faculdade, porque é um ambiente que você tem contato com outras pessoas, que têm vivências diferentes e vão estar sempre lá te ajudando. São mulheres assim como você, então

⁷ Mais uma vez ancorada à máxima da experiência etnográfica, ter a oportunidade de dividir moradia com outras mulheres de diferentes cursos da UFU carregava uma importância como pesquisadora. Obviamente eu não fui guiada apenas por isso, tinha toda a afetividade envolvida, pois já conhecia as garotas (mas apenas por contatos breves em festas).

muitos problemas elas vão entender porque passam a mesma coisa que você passa. Então eu acho incrível. É até engraçado, porque todo mundo menstrua muito perto. Aí fica tudo igualzinho, sabe. (ENTREVISTADA MORADORA DE REPÚBLICA FEMININA, 2023)

Portanto, minhas observações sobre o campo universitário até aqui nos levaram a concluir que este é um espaço onde as relações de afetividade entre os alunos são guiadas através da lógica da “integração” e do “conflito”, numa via de mão dupla. Em minha etnografia busquei fazer uma análise da conduta dos agentes dentro do campo, ou seja, do *habitus* dos estudantes (a maneira como eles pensam, agem e sentem nesse espaço); busquei analisar que tipos de disputas são travadas ali; os fatores que determinam o prestígio de certos grupos sobre outros; e principalmente, de que formas a violência simbólica pode ser percebida nesse espaço - através dos esquemas de classificação que categorizam quem são os inferiores e os superiores, os dominantes dos dominados, os vencedores dos perdedores, etc. Sabemos, sobretudo, que os esquemas de dominação estruturais externos ao campo, também se reproduzem dentro dele.

Agora que já compreendemos a cultura emotiva da qual os universitários fazem parte, chegou a hora de estreitar o nosso foco. Chego ao ponto principal de minha pesquisa, que é investigar o *habitus*, a vida emocional das universitárias e os sentidos que elas atribuem às suas relações íntimas, especificamente, com o sexo masculino. Posto isto, a pergunta que faço é: de que maneira a violência simbólica pode ser percebida ao longo da trajetória afetivo-sexual das universitárias? Como o conflito se faz presente dentro das relações de gênero? A lógica da “integração” e “competição” também se aplica à esfera íntima?

CAPÍTULO IV

Neste capítulo irei explorar, agora individualmente, o que as mulheres universitárias têm a dizer sobre suas experiências de vida antes e depois de entrar na universidade. Optamos por uma amostra de 7 mulheres estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, que compõem diferentes cursos da instituição e a maioria delas é parte integrante de alguma entidade estudantil as quais nos debruçamos a compreender no capítulo anterior. Friso que o fato de não participar de uma entidade acadêmica não foi um critério de exclusão para realização das entrevistas. Ademais, decidi nomear as entrevistadas através de nomes fictícios escolhidos aleatoriamente, pois dessa forma é possível garantir o anonimato e o sigilo. Na transcrição das entrevistas mantive a escrita coloquial, exatamente da forma como elas narraram.

É importante salientar que as entrevistas semiestruturadas contaram com perguntas divididas em 3 eixos diferentes.

O primeiro diz respeito às informações pessoais — como idade, raça, orientação sexual, status de relacionamentos — mas também às questões referentes ao núcleo familiar, na intenção de averiguarmos se seus pais eram casados ou divorciados; como se dá a relação entre o pai e a mãe entre si; se suas mães tiveram as mesmas oportunidades profissionais e de estudo e também perguntamos sobre o histórico das vivências de relacionamento de suas mães.

No segundo eixo decidi explorar a experiência passada das jovens, isto é, sobre a adolescência vivida e como elas compreendiam a si mesmas nesse período. Além disso, demos enfoque às suas primeiras experiências afetivo-sexuais na faixa etária dos 12 aos 18 anos⁸, tais como a perda da virgindade; o primeiro namoro (caso houvesse) e se neste período as garotas haviam experienciado relações/situações que lhes causaram prejuízos emocionais e de autoestima.

O terceiro eixo foi dedicado à experiência no tempo presente, já na Universidade Federal de Uberlândia. Parte das respostas atribuídas a este eixo foram vinculadas à nossa etnografia, descrita no capítulo anterior, quando as garotas discorreram sobre a entrada no campo universitário e a organização das entidades das quais fazem parte. Neste quarto capítulo iremos relatar mais precisamente sobre as experiências afetivo-sexuais das jovens, agora no campo universitário. Meu esforço consiste em analisar a maneira como as jovens

⁸ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade.

organizam as suas disposições do “sentir”, em relação a si e ao outro; quais são as maiores inquietações/conflitos que enfrentam e, também, mapear as emoções dolorosas que se fazem presentes nos seus relacionamentos com o outro.

4.1 A experiência familiar: ainda vivemos como nossas mães?

Optei por iniciar a análise dando um enfoque sobre o arranjo familiar das entrevistadas, dado que historicamente a família é considerada a primeira instituição a qual os indivíduos, em geral, são inseridos dentro da sociedade. É por esse motivo que a família é considerada a base, ou seja, a primeira instituição formadora do indivíduo enquanto ser social e que vai dar sustentação à performance desse indivíduo nas demais domínios ao longo de sua vida (LASCH, 1991).

Como nos lembra Pereira (2008, p. 43)

A família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1984, refere a família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros.

O interesse por analisar a experiência no seio familiar também é diretamente influenciada pelos escritos de Pierre Bourdieu, principalmente no que diz respeito à trajetória educacional dos agentes sociais, dado que é através da família que são repassadas as heranças culturais que irão garantir o êxito (ou fracasso) profissional, a depender das exigências demandadas no sistema educacional — desde o ensino infantil até o ingresso em uma instituição de ensino superior. De acordo com o autor,

Cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar [...] Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre sujeitos de diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p 41-42)

Em *Escritos da Educação* (1998) Bourdieu vai discorrer sobre a influência do capital cultural transmitido pelos pais no que diz respeito ao êxito escolar do indivíduo. Mais do que um produto de ordem estritamente econômica, ele demonstra que o sucesso daqueles que são considerados “bons alunos” está diretamente ligado a um fator cultural, como por exemplo, se os pais desses alunos eram diplomados ou não. Ele cita por exemplo que “um jovem de camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais do que um filho de operário” (1998, p. 41). Também é interessante que o autor faz uma amostra com estudantes do curso de medicina, e nota que varia de 1 a 4 o número de parentes desses estudantes que frequentaram o ensino superior, ou seja, isso demonstra o quanto essas famílias apresentam uma situação cultural bastante próspera, refletida nas inclinações intelectuais de seus descendentes.

Dado que a pesquisa tem um caráter de gênero, as perguntas que direcionamos às entrevistadas sobre a família dizem respeito mais precisamente sobre as oportunidades que suas mães obtiveram ao longo de suas vidas - isso porque aqui a mãe representa a referência feminina dentro da família. Dado que o objeto de estudo são as jovens universitárias, nada mais justo do que indagar se suas mães também foram universitárias, além de identificarmos quais são os fatores que diferenciam as experiências da mãe para a filha.⁹

Seguem alguns trechos das entrevistas:

Eu acho que eu tenho bem mais oportunidades que minha mãe teve na época dela, de estudo e tal. Minha mãe não se formou, não tem graduação. Agora que ela tá querendo fazer uma, mas EAD e tal. Porque na época dela não teve oportunidade de fazer, pois tiveram que começar a trabalhar muito novos. Tanto ela quanto meu pai, e graças a Deus eles me deram uma vida em que eu não precisasse começar a trabalhar muito cedo e que eu pudesse focar agora 100% na faculdade. Que é uma faculdade integral, não tem nem como trabalhar (MARIANE, 2023)

Eu tive bem mais oportunidade que ela. Ela fez até pós-graduação, mas foi por conta própria. Eu consigo a ajuda deles, acaba que se tem uma certa facilidade. (ROBERTA, 2023)

⁹ Segundo Guedes (2018), desde os anos 1970 e graças ao processo de democratização do acesso a diferentes níveis de ensino pela população brasileira, foi observado um fenômeno em que a expansão da escolaridade no Brasil tem maior intensidade no contingente populacional feminino.

Eu acho que eu tenho muito mais oportunidade que a minha mãe. Ela também fez [curso em universidade] federal e tudo mais. [...] Mas ao mesmo tempo, ela tinha que trabalhar. Ela trabalhava em dois empregos. [...] Eu faço sei lá, um *freela* de vez em quando. Faço alguma coisa mas não é a mesma coisa. Pra mim é bem mais fácil (ERIKA, 2023)

A minha mãe também entrou pra faculdade, ela não fez uma faculdade federal igual é aqui, mas ela fez em [nome da cidade]. E assim, até no quesito de relacionamento a gente é bem parecida (PAOLA, 2023)

Nas falas das entrevistas podemos notar que a conciliação entre estudos e trabalho é um marcador bastante presente quando tratamos das oportunidades educacionais de suas mães. É possível perceber que mesmo naquela família em que os pais tiveram que começar a trabalhar muito jovens e por isso não ingressaram no ensino superior, eles optaram por não perpetuar esta mesma lógica em relação à seus filhos. Não foi possível verificar se isso se deve ao fato de que a família atualmente possui boas condições financeiras ou que esses pais ascenderam de classe social através do trabalho — proporcionando assim oportunidades diferentes para seus descendentes — mas é notável que a ascensão através do estudo é valorizada por essas famílias, mesmo que não tenham tido essa alternativa quando jovens.

Mesmo entre aquelas mães que frequentaram o ensino superior, as condições pelas quais essa experiência se sucedeu são diferentes das de suas filhas, visto que (em alguns casos) não contaram com o auxílio financeiro da família na época. Assim, podemos observar uma certa facilidade em termos materiais quanto ao progresso no meio acadêmico entre as gerações.

Isso é bem engraçado, porque a gente fala tanto dos nossos pais a vida inteira, mas a gente vai crescendo e vai virando eles. A minha mãe sempre estudou, minha avó era professora, então ela sempre estudou em escola particular igual eu. Ela fez faculdade de psicologia numa faculdade particular e não terminou, porque ela engravidou de mim. Mas hoje a minha mãe é fotógrafa e artista. E ela sempre teve isso dentro dela, então ela sempre me incentivou muito a fazer o mesmo. (MELISSA 7, 2023)

Ao tratar da herança cultural transmitida pela família, a entrevista com Paola chama a atenção pois verificamos que a vocação para o ramo artístico se apresenta como um produto do capital cultural que foi repassado de mãe para filha. Nota-se também que a entrevistada se referiu ao fato da mãe de sua mãe ter sido professora, o que contribuiu para uma linhagem familiar onde as oportunidades educacionais fossem repassadas de maneira parecida.

No entanto, a estudante afirma que mesmo com oportunidades semelhantes, o contexto estrutural de onde experienciaram essas vivências é responsável por uma mudança significativa dos valores elencados pela mãe em relação ao mundo.

Minha mãe é fotógrafa, mas eu brinco que ela é a artista mais quadrada que eu conheço, porque ela é mega conservadora. Mas eu acho que isso também foi algo que ela absorveu estruturalmente da vida. [...] Meu padrasto é rico e pecuarista, então minha mãe virou uma “bolsonete”¹⁰. Fotografa tudo, super a favor da arte, ama MPB, mas ela é bem da quadradinha. Mas eu sinto que é até por uma necessidade. Eu falo que as experiências que a gente tem, elas transformam muito nossos pais. Eu acho que minha mãe nunca passou pela cabeça dela que não é porque ela não era racista que ela não tinha preconceito de raça, até eu ir lá e falar com ela. Eu só soube disso porque eu estou fazendo uma universidade pública, então eu acho que apesar das mesmas oportunidades, os nichos e as coisas pelas quais a gente se propõe fizeram com que a gente tivesse experiências diferentes. Hoje ela é uma pessoa que ouve muito mais, apesar de ser resistente em algumas coisas (MELISSA, 2023)

Ainda que a inclinação para os dotes artísticos represente um *habitus*, isto é, uma predisposição pessoal e de gosto — que foi transmitida para sua filha a partir da disponibilidade de capital cultural acumulada por aquela família — o contexto objetivo em que cada uma esteve inserida ao longo da vida traduz-se em esquemas de pensamento distintos. Ao que parece, o fato de a mãe ter estudado em uma universidade particular e sua filha em uma universidade pública, fez com que, na percepção da entrevistada, as experiências objetivas do processo educacional e da vida acadêmica que cada uma vivenciou (em épocas diferentes) tivesse proporcionado visões de mundo que se contrapõem.

¹⁰ Termo que caracteriza o fato dela ser uma mulher que apoiava a candidatura de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais.

A maneira como os agentes internalizam as estruturas sociais objetivas nos remete diretamente ao conceito de *habitus*, no sentido abordado por Bourdieu. Este conceito nos permite pensar como as circunstâncias sociais acabam por ser sedimentadas, incrustadas e refletidas na forma como o indivíduo enxerga e se porta perante a sociedade. Isso porque

O *habitus* fornece, ao mesmo tempo, um princípio de socialização e de individualização: *socialização* porque nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares; *individualização* porque cada pessoa, tendo uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas (WACQUANT, 2007, p. 67-68)

Observo até aqui as heranças familiares transmitidas em termos de oportunidades de ensino entre as gerações. Neste subtópico cuja pergunta norteadora é “ainda vivemos como nossas mães?”, busquei compreender a socialização primária que envolve a experiência dentro da instituição familiar e a relação das mulheres universitárias mediante à condição da mãe, aquela que é a referência feminina dentro do espaço familiar.

No que diz respeito à esfera das emoções — à maneira de sentir e se relacionar afetivamente com o outro — a investigação empírica também buscou compreender o histórico de relacionamentos das mães de nossas entrevistadas. O intuito era o de perceber se as heranças familiares também são internalizadas pelos sujeitos na maneira como se relacionam afetivamente. Sendo assim, faço a pergunta: o que as jovens têm a dizer sobre o histórico de relacionamentos de suas mães? Será que esses relacionamentos foram harmônicos ou conflituosos?

Acredito que o interesse por explorar essa questão ao longo da pesquisa empírica, tenha sido influenciado pela obra de Anthony Giddens, *A Transformação da Intimidade* (1992). No decorrer de sua análise sobre a sexualidade, o amor e o erotismo nas sociedades modernas, ele faz longas referências à obra de Emily Hancock, *The Girl Within* (1990), onde a autora disserta sobre a história de três mulheres no que diz respeito às suas experiências românticas. Ela observou que, para ambas as mulheres, o casamento representou uma verdadeira armadilha na qual se lançaram deliberadamente e que resultou em um fracasso absoluto. O interessante é que as mulheres lançaram-se a essa doce ilusão, numa tentativa de ruptura dos valores que tradicionalmente eram vinculados ao casamento. Elas queriam se

distanciar da condição de suas mães, tendo como intuito “libertar-se da vida que suas mães viviam, identificadas por elas como a domesticidade confinada” (GIDDENS, 1992, p. 67).

Isso serviu como uma espécie de provocação legítima mediante o tema que objetivava explorar e, para minha surpresa, os resultados obtidos nas entrevistas denunciam circunstâncias conflituosas na condição afetiva das mães. Vejamos,

Ela namorou duas vezes antes do meu pai. Ela conta que um deles foi um relacionamento muito abusivo, de saírem ambos no tapa, sabe? Ele era muito possessivo, e é isso que eu sei (ALINE, 2023)

Desde que ela se separou do meu pai, ela vem engatando em diferentes relacionamentos. Desde muito nova eu sempre via ela com um cara, e por exemplo, eu nunca gostei muito de chamar “ah é meu padrasto”. Não gostava disso, aí tinha cada complicação. Tinha um cara que não gostava de mim. Teve outro que era mais novo, ele não aceitava minha mãe ter uma filha. [...] A minha mãe sempre teve problema com relacionamento, ela nunca parou com ninguém. Com o meu pai foi muito complicado, era uma relação bem tóxica, muito tóxica mesmo. Muito ciúmes de ambos os lados, ele causava ciúmes nela e eu vivi muito disso, inclusive a minha tia mesmo fala que o relacionamento tóxico que eu tive foi muito parecido com o que a minha mãe teve com o meu pai. (PAOLA, 2023)

O meu pai foi um pai muito presente pra mim. Muito carinhoso, mas a relação dele com a minha mãe era muito problemática. [...] Ele também é acumulativo negativo. Então se você faz alguma coisa que ele não gosta, ele não fala. Ele guarda e depois pune. Então eu cresci muito com essa concepção de amor. Dessa coisa punitiva. Eu fui descobrindo que meu primeiro relacionamento mais sério, quando eu entrei na faculdade, ele é igual ao relacionamento dos meus pais. Então, graças a Deus que o negócio acabou a tempo, sabe? Essa questão da agressividade física, moral, esse lugar de controlar. E do medo também, porque eu cresci com medo do meu pai e da minha mãe. (MELISSA, 2023)

Todas as relações da minha mãe foram abusivas e tóxicas. Principalmente a atual, e é uma questão delicada também, porque a relação atual dela é com o pai da minha irmã mais nova. Ela tá com ele já tem muitos anos [...] E ela

sabe que ele é podre. [...] Ela já tentou se separar muitas vezes dele e ele sempre dá um jeito de puxar ela pra traz. Suga ela emocionalmente, financeiramente. Eu acho que ela tem medo de ficar sozinha. Se a gente puxa o histórico, o pai do meu irmão é horrível também. São caras que só tiram proveito, sabe? [...] Enquanto tá confortável e não tem que assumir responsabilidade nenhuma, eles estão ali, mas na hora que é pra assumir algum papel, desaparecem. A situação do meu pai e do meu irmão, que são pais diferentes, é a mesma história. [...] Tava com a minha mãe enquanto ela ainda não tinha engravidado. (ERIKA, 2023)

Além do conflito, que aparentemente caracteriza a natureza de alguns desses relacionamentos, é possível destacar um ponto presente nas falas de nossas interlocutoras que permite correlacionar denominadores comuns entre as experiências relatadas: duas delas citam que viveram namoros abusivos muito parecidos com o relacionamento de seus pais.

Em um estudo de caso realizado por Sant'Anna e Penso (2018) denominado *A Transmissão Geracional da Violência da Relação Conjugal*, as autoras investigam a seguinte questão levando em conta as dessemelhanças dos papéis estereotipados de gênero, que são intimamente vinculados a uma concepção patriarcal do papel da mulher e do homem dentro da família. Ao tratar da violência contra a mulher como um problema social e da saúde pública, elas compreendem que essa diferenciação dos papéis de gênero é transmitida pelas famílias através das gerações. Da mesma forma, também apontam para uma perpetuação de padrões de relacionamentos violentos no que envolve essa transmissão geracional.¹¹ Ademais, também podemos encontrar explicações sobre essa herança familiar violenta quando Falcke e Féres-Carneiro (2011) e Bucher-Maluschke (2003) afirmam que, sendo a instituição familiar a base da socialização do indivíduo, quando os filhos presenciam situações abusivas no relacionamento de seus pais, isso se torna a principal referência sobre o significado de uma relação amorosa. É esse vínculo amoroso dos pais, marcado pelo conflito, que pode vir a servir de modelo para seus descendentes.

¹¹ A argumentação teórica das autoras sobre o tema passa pelas obras de Saffioti (1999, 2004), Carter e McGoldrick (2001), Bucher-Maluschke (2003), Gomes (2005), Ribeiro e Bareicha (2008), Flood e Pease (2009), entre outros.

4.2 A experiência passada: emoções dolorosas e as marcas da adolescência

Com 16 anos uma mulher já passou por penosas provações: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras inquietações, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas, encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a guardar cuidadosamente seus segredos (BEAUVOIR, 2009, p. 465)

Tomar a adolescência como objeto de investigação sociológica nos permite compreender a experiência passada dos agentes sociais. Acredito que este aspecto, que traduz-se em um resgate da experiência vivida, é algo que a teoria bourdieusiana também desenvolve através do conceito de habitus e por isso se mostra tão importante dentro da pesquisa. Haja visto que,

O habitus captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos essa história para nossas circunstâncias atuais e então como fazemos escolhas de agir de certos modos e não de outros. Nossa posição na vida em qualquer momento dado é o resultado de inúmeros eventos no passado que moldaram nosso caminho. [...] as escolhas que são visíveis para nós e as que não enxergamos são o resultado de nossa jornada do passado, pois nossas experiências ajudaram a moldar nossa visão. (MATON apud GRENFELL, 2018, p. 77)

Posto isto, achei interessante investigar sobre as primeiras experiências das nossas interlocutoras — isso inclui a primeira relação sexual e o primeiro namoro, por exemplo. Quando fui a campo, na medida em que as meninas iam relatando suas experiências de relacionamento com o outro, suas falas não se limitavam a esse caráter da alteridade, dado que também discorriam sobre como elas enxergavam a si mesmas nesse período. Mais que isso, elas expressaram como se sentiam durante a adolescência, compreendida por Simone de Beauvoir como “a idade ingrata”.¹² Através das respostas que obtive e, como bem lembra a hipótese do trabalho, foi possível perceber que as primeiras emoções dolorosas as quais as jovens tiveram conhecimento se deram no decorrer dessa faixa etária: frases como “o tal do

¹² BEAUVOIR, Simone, “Compreende-se que a idade ingrata seja para a menina um período de desnorteamento doloroso. Ela não quer continuar criança. Mas o mundo dos adultos parece-lhe assustador ou tedioso.” *O Segundo Sexo*, 2009, p. 62

adolescente sofre”¹³ e “ser adolescente é uma merd”¹⁴” denunciam que este é um período turbulento no que envolve a socialização das jovens mulheres.

Historicamente, os estudos sobre a faixa etária da adolescência articulam essa experiência com processos puramente fisiológicos e psicológicos. Ainda que existam diversos estudos sobre a questão da juventude e sobre os jovens, pouco se fala sobre o período que caracteriza a saída da infância — onde há um desligamento simbólico da instituição família — até a constituição do agente enquanto um sujeito relativamente autônomo (PAPPÁMIKAIL, 2011). Na verdade, “têm-se sugerido ao longo de anos de pesquisa inúmeras pistas sobre o que é *ser-se* jovem (entre identidades e performances diversas), faltando em nosso entender perceber como se *tornam* jovens” (PAPPÁMIKAIL, 2011).

Quando Pappámikail (2001, p. 86) discorre sobre as tendências da psicologia para tratar sobre a adolescência, ela denota que

A adolescência deriva da palavra latina *adolescere*, que significa *adoecer*, embora seja composta por duas palavras (*ad* e *alescere*) que querem dizer *para* e *crescer*, respectivamente. Em suma, palavra e conceito parecem estar afinados na ideia de que para *crescer* é preciso *sofrer*. Acrescentaríamos que, implícita nessa ideia de sofrimento inescapável, está também a ideia de uma ruptura (geracional) cujo palco primeiro seria a família: a afirmação de si andaria a par da afirmação de uma identidade geracional diferente da da geração precedente.

Ao dissertar sobre a experiência de formação da mulher, Simone de Beauvoir (2009) vai dedicar um capítulo para caracterizar a situação da jovem. A autora vai frisar que a puberdade, sem dúvidas, modifica o corpo, as emoções e também a maneira como a jovem compreende a si mesma¹⁵.

É nesse período em que ela, progressivamente, vai se distanciando da condição de criança. Este é caracterizado como um momento de rupturas e renúncias de seu antigo eu, é

¹³ Entrevistada 1

¹⁴ Entrevistada 7

¹⁵ BEAUVOIR, Simone, “A crise menstrual é dolorosa: dores de cabeça, dos músculos e do ventre tornam penosas e até impossíveis as atividades normais; a esses incômodos acrescem-se muitas vezes perturbações psíquicas; nervosa, irritável, é comum que a mulher passe mensalmente por um estado de semi alienação [...] fazem do corpo uma barreira entre a mulher e o mundo [...] Através dessa carne dolente e passiva, o universo inteiro é um fardo por demais pesado. Oprimida, submergida, ela se torna estranha a si mesma pelo fato de ser estranha ao restante do mundo.” 2009, p. 433

quando se espera dela uma incorporação dos papéis sociais de gênero que lhe são atribuídos. Beauvoir (2009, p. 435) aponta que é por volta dos 13 que os meninos desenvolvem sua agressividade, seu poder, e o aprendizado da violência enquanto características inerentes da masculinidade, através de esportes que exigem a força bruta e o gosto por desafios. Ao mesmo tempo, é nesse período em que a menina será incentivada a um papel de docilidade e à resignação, pois a sociedade reserva a ela um espaço generificado separado dessas atividades de reafirmação da honra.

Quanto aos impulsos eróticos, também é aproximadamente nessa idade em que o desejo do menino será compreendido como um sinal de sua transcendência, um sinal de êxito quanto ao desenvolvimento de sua masculinidade. Se pararmos para analisar a nossa própria cultura (há um tempo não tão distante), não nos surpreende que a experiência do menino perder a virgindade seja fortemente incentivado pela figura paterna. Tradicionalmente, é comum ouvirmos histórias onde a consagração desse ato pelo menino, só é findado pois é o próprio pai quem leva o filho a um bordel, para perder a virgindade com uma “mulher da vida”, uma prostituta. Este é um motivo de orgulho, pois representa a primeira conquista do homem. A conquista daquele corpo feminino, lido enquanto um objeto de desejo e que é passível de ser comprado.

Beauvoir vai dizer que os desejos das meninas muitas vezes carregam um caráter vergonhoso¹⁶. Elas não desfrutam desse incentivo à manifestação de seus desejos. Pelo contrário, espera-se que ela se contenha e não demonstre suas reais vontades, pois caso contrário não será digna de respeito — sob o risco de carregar um estigma de promiscuidade e desvalor.

Vejam os seguintes trechos de uma de nossas entrevistas, quando perguntamos sobre a experiência de perder a virgindade:

Eu me senti muito culpada, mas muito culpada mesmo. Eu tinha 15 anos, era uma idade relativamente normal pra você perder sua virgindade e era uma pessoa que eu gostava, que eu confiava, que eu não me arrependo. Só que as pessoas falaram muito pra mim que era errado. Fizeram um Instagram na época pra me ameaçar. Eu não sei se eu sei quem eu era quando eu tinha essa idade, porque eu tava só tentando ser para os outros. E

¹⁶ BEAUVOIR, Simone, “Da mais servil à mais altiva, todas aprendem que para agradar é preciso abdicar. Suas mães a aconselham a não mais tratar os rapazes como colegas, a não darem os primeiros passos, a assumirem um papel passivo [...] Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas probabilidades de sedução.” 2009, p. 439

a minha vida sempre virava palco: “olha só, a [fulana] deu, olha como ela é biscate”, falavam coisas assim. Essa coisa do instagram, a pessoa criava uma conta e excluía. E hoje em dia eu acho que era um amigo meu que era afim de mim na época. Era uma conta com um monte de letra, um monte de número, aí quando eu entrava lá tava escrito “[fulana] vagabunda”. Depois ele criava outro, “[fulana] sua puta”. Aí ele criou pela quarta vez e me mandou uma mensagem direta, falando que minha hora tava chegando, que ele ia contar tudo para os meus pais. Que eu era uma vadia, uma vagabunda, que todo mundo ia ficar sabendo quem eu era de verdade. Eu fiquei muito em pânico. Depois passou, mas eu lembro que foi um pesadelo pra mim na época. Eu lembro que eu não sentia só medo, eu sentia muita culpa (MELISSA, 2023)

Aqui vemos uma clara demonstração das emoções dolorosas que se fizeram presentes logo no início das atividades sexuais de nossa interlocutora. A jovem relata que apesar de estar confortável, certa de seus desejos e de que aquela era uma pessoa confiável para se relacionar, o julgamento vindo dos outros fez com que essa experiência — tão natural e saudável, de desabrochar da sexualidade — se tornasse um fardo. Era como se aquilo fosse errado, um absurdo. Algo que a desmoralizou enquanto ser humano e que é passível de ser recriminado. É aí que observamos a dissemelhança quanto aos papéis de gênero que são atribuídos a homens e mulheres, visto que para o homem a consumação do ato sexual é considerada uma conquista louvável. Para a mulher, um ato de concessão a ser condenado.

Em resumo, Simone de Beauvoir demonstra que não são propriamente as dores e as inquietações suscitadas pela puberdade que fazem a jovem experimentar conflitos internos e o estranhamento de seu corpo. Na verdade, “é em grande parte a angústia de ser mulher que corrói o corpo feminino”.

Para a jovem, há um divórcio entre sua condição propriamente humana e sua vocação feminina. É por isso que a adolescência é para a mulher um momento tão difícil e tão decisivo. [...] Dividida entre o passado e o futuro, um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser indivíduo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a se assumir como objeto passivo. [...] Eis o angustiante dilema em face do qual a mulher em formação se debate. Oscilando do desejo à aversão, da esperança ao medo, recusando o que

almeja, está ainda em suspenso entre o momento da independência infantil e o da submissão feminina: é essa incerteza que lhe dá, ao sair da idade ingrata, um gosto ácido de fruto verde. (BEAUVOIR, 2009, p. 440)

Assim, é possível concluir que durante a socialização feminina, o processo de construção de si experienciado na adolescência é em grande parte caracterizado pela incerteza e pelo conflito que emerge de uma sensação de indeterminação. Como alertam Dayrell e Pappámikail, não é por isso que o período da adolescência deva ser reduzido unicamente ao conflito, mas de fato, as circunstâncias dolorosas advindas do processo de transformação que representa esse estágio da vida, são capazes de nos fornecer uma leitura sobre o passado dos nossos agentes sociais — e a maneira como esses acontecimentos passados ainda repercutem em suas circunstâncias atuais.

Destaco algumas colocações de Simone de Beauvoir no que diz respeito à condição feminina em sociedade, no entanto, seria incoerente deixar de mencionar que não existe uma fórmula única, absoluta de se reconhecer enquanto mulher e de caracterizar como se dão essas experiências. Se levarmos em conta a época em que *O Segundo Sexo* foi escrito e as circunstâncias que fizeram a autora analisar a condição feminina da forma como a fez, muito disso está ligado ao contexto em que ela própria esteve inserida. Em 1949, os debates sobre a intersecção de outros fatores sociais no estudo da opressão feminina ainda não estavam em voga, e nem mesmo se compreendia que a identificação com o gênero feminino não estava necessariamente vinculada ao sexo biológico.

Quando perguntei às interlocutoras sobre a adolescência vivida, uma delas faz um breve relato sobre o processo conturbado da construção da identidade, onde alega que naquela época era literalmente outra pessoa, visto que ainda não tinha passado pelo processo de transição de gênero. O que conseguimos verificar é que existia um irreconhecimento de si, relacionada a experiência da não cis-generidade:

Não era exatamente eu, né. Estava dentro do armário ainda, então foi um processo muito complicado, muito conturbado de tentar me esconder (ROBERTA, 2023)

Este processo de tentar se esconder é uma circunstância bastante simbólica no que envolve a relação com o corpo, pois como argumenta Chiland (2014),

A identidade sexuada começa a se construir concomitantemente ao sentimento da continuidade de existir, o *self*; na adolescência, ela se confirma. Na maioria das vezes, ao pensar na puberdade, que marca uma censura na vivência do corpo próprio, o que se visa, com relação às mudanças da puberdade, é a repercussão da possibilidade de uma sexualidade completa e fecunda sobre a identidade [...] Em alguns sujeitos estas mudanças pubertárias desencadeiam uma verdadeira crise dramática. (CHILAND; DOUEK, 2014)

Outra entrevistada demonstra que a experiência passada foi atravessada por um outro marcador social além da categoria de gênero, a questão racial. Essas duas categorias intercalam-se e demonstram que o sexismo e o racismo tendem a discriminar indivíduos de diferentes formas. Isso permite ampliar nosso olhar através da análise interseccional, pois como nos lembra Crenshaw (2002), a interseccionalidade é

(...) uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002)

Esse é um outro ponto importante da minha vida. Porque a família do lado da minha mãe é toda branca, eu sou a única negra da família porque eu puxei a família do meu pai. Na escola também, todas as minhas amigas eram brancas e tinham várias questões que atravessavam isso. E sempre que eu queria falar sobre, eu não tinha com quem falar porque não eram pessoas que passavam pelo que eu passava. Eu sentia. Eu sabia o que tava acontecendo, sempre consegui mapear muito o que me atravessa de forma negativa e positiva. Eu sabia o que era, mas pelo fato de não ter com quem externalizar aquilo só me afundava. (ERIKA, 2023)

Ela demonstra que a passagem pela adolescência foi fortemente marcada pela conscientização de que ela passava por experiências diferentes das outras meninas com quem convivia, mas o fato de não conseguir externalizar o que sentia a prejudicava internamente, pois aquelas pessoas não iriam compreender o que nem mesmo ela compreendia na época.

Não era possível construir um local de troca que possibilitaria o real entendimento daquilo que a atravessava de forma negativa. Isso demonstra que ser mulher passa por uma interseccionalidade que vai além do gênero, mas perpassa também por questões como raça, etnia, identidade e sexualidade.

O relato de outra das minhas interlocutoras, sobre a experiência de iniciação às atividades sexuais, possibilita enxergar uma relação de poder entre ela e seu companheiro da época, que perpassou a questão da idade. Como uma espécie de hierarquia entre homens mais velhos e mulheres mais jovens

Minha primeira vez com 17, com meu ex namorado, mas tipo, sexual de tipo oral e essas coisas, foi com 13. Não foi muito porque eu queria, foi mais por uma pressão psicológica do menino que eu ficava na época, porque ele dizia “ah, eu sou mais velho que você e eu tenho outras necessidades” “se você não fizer isso a gente vai terminar”. Mas tipo, é bem paia pra mim até hoje, fico assim de fazer essas coisas. (ALINE, 2023)

Percebe-se que o fato dele ser mais velho que a garota demonstra uma relação de dominação, pois essa dissemelhança de poder serviu como uma estratégia de manipulação psicológica para que ela satisfizesse suas vontades. Este caso se assemelha muito com o relato de Melissa, como demonstrei anteriormente, na medida em que o primeiro ato sexual foi marcado pela questão da ameaça, isto é, por dinâmicas de humilhação. Uma delas teve sua dignidade ameaçada após a consumação sexual, a outra, a ameaça se fez presente previamente, em forma de chantagem, pois as consequências (no caso, o término do relacionamento) seriam sentidas caso ela não cedesse aos seus desejos.

Visto que estou me referindo às marcas da adolescência e às experiências dolorosas suscitadas nesse período passado, estendo minha discussão para tratar da violência invisível presente nos primeiros namoros. Assim consegui verificar se desde suas primeiras experiências afetivas já era possível observar a existência do conflito nas relações íntimas com o sexo oposto. O interesse por puxar o histórico de namoros das nossas interlocutoras na adolescência, diz respeito a um tema que, apesar de conter diversos estudos científicos que demonstram sua relevância internacionalmente, ainda é pouco difundido no Brasil: a violência no namoro.

Andrade e Lima (2018) fazem uma revisão da literatura sobre essa temática e demonstram que de acordo com o CDC (*Centers for Disease Control e Prevention*) dos

Estados Unidos, a incidência da violência nos namoros adolescentes referem-se a quatro pontos que merecem ser destacados: 1) violência física, quando o parceiro usa da força física contra o outro; 2) trata-se da esfera sexual, que consiste em forçar o parceiro(a) a relacionar-se intimamente sem consentimento; 3) a violência psicológica ou emocional — ameaçar, insultar e controlar o parceiro(a); 4) perseguição — quando o ato de assediar constantemente o parceiro(a) provoca medo ou ansiedade na vítima. O CDC alerta ainda que a vivência de um namoro violento nesses parâmetros pode desencadear sintomas como depressão, ansiedade, abuso de álcool e drogas, comportamento antissocial e ideação suicida.

As autoras apontam ainda para a visão da Organização Mundial de Saúde (OMS) a esse respeito, que considera a violência no namoro entre jovens como uma forma prematura da violência conjugal.

Vejamos alguns relatos que compilamos de nossas entrevistas,

A primeira experiência foi péssima, horrorosa. Foi quando eu tive o meu primeiro quadro de depressão na vida porque ele era extremamente abusivo, não me deixava sair de casa se ele não tivesse. Se eu não falasse com ele o tempo inteiro era porque eu tava fazendo alguma coisa errada. Eu me afastei até da minha família e eu não percebia (ERIKA, 2023)

A interlocutora demonstra a incidência da violência psicológica/emocional, traduzida no ato de seu parceiro tentar controlar suas vontades. Essa tentativa de controle está intimamente ligada ao desejo de posse sobre o outro, e normalmente isso se apresenta de uma forma velada: é através da desconfiança que ele demonstra seu descontentamento, então a parceira buscará ceder às suas exigências na tentativa de evitar um conflito maior. Como, por exemplo, evitar sair de casa. Concebo que esta não é uma resposta racionalmente calculada pela “vítima”, dado que chegou a um ponto em que ela havia se afastado até de sua família, sem perceber. Nesse caso, a violência invisível só pode ser mais claramente percebida quando a interlocutora entrou em um quadro de depressão - uma das consequências advertidas pelo CDC.

Duas interlocutoras enfocam sobre o ato de se sentirem constantemente culpadas em seus primeiros relacionamentos,

O primeiro namoro foi muito traumatizante porque eu tinha 13 anos e ele tinha 16. Tipo, não é muito, mas naquela época era diferente. Aí foi bem

conturbado, muito paia, ele era muito possessivo. Se vitimizava muito, me culpava por tudo. [...] Eu me sentia inútil, porque eu não conseguia falar o que eu queria. Eu me sentia muito mal porque era tudo culpa minha. Como se eu fosse um zero à esquerda, não servia pra nada (ALINE, 2023)

A gente terminou quando eu fui pra Porto Seguro, aí eu acabei ficando com outras pessoas lá e eu terminei com ele por causa disso. [...] Queria ter esse espírito livre e viver minha vida, mas acabei chateando ele. E isso pesou durante muito tempo na minha cabeça, eu ficava me culpando. Do tipo, “eu não mereço mais o amor de ninguém”. Até porque o pessoal começou a julgar muito. Porque é aquilo, o homem faz a mesma coisa e tão cagando. Aí a mulher faz e pensam “nossa, que escrota”. [...] Até o início do meu outro relacionamento, teve uma época que eu chorava e falava “você não me conhece, eu posso fazer merda com você”. Então isso querendo ou não me pesou por um tempo. (LARISSA, 2023)

A culpa é uma das emoções dolorosas, que Bourdieu menciona no reconhecimento da violência simbólica de gênero. No último trecho a entrevistada relata inclusive que muito desse sentimento de culpa foi suscitado pelo julgamento alheio, dado que categoricamente, o ato de terminar um relacionamento e ficar com outras pessoas não seria repudiado se fosse um homem quem o praticasse. Afinal, não há nada de absurdo no fato de uma pessoa, já solteira, escolher viver sua sexualidade livremente. No entanto, aparentemente quando uma mulher decide expressar seus desejos aquilo é visto como um ato de promiscuidade.

O último relato que decidi vincular a esse bloco de análise, denuncia um traço da violência psicológica/emocional que está intimamente ligada à tentativa de diminuir a autoestima da vítima.

Meu primeiro namorado falava que eu era feia. Quando a gente brigava ele falava que eu era feia. Aí depois ele se corrigia, ele falava que as pessoas não iam ver beleza em mim. Muito esse negócio de que se a gente terminasse ninguém nunca mais ia me amar, apenas ele. (MELISSA, 2023)

Surpreendeu-me a brutalidade com que essa agressão emocional é deferida, pois essa é mais uma tentativa de manipulação e controle extremamente sutil, que não necessita da força física para ser consagrada. É uma espécie de constrangimento que contém um tom de

ameaça, visto que primeiramente o parceiro despreza a vítima, para depois reafirmar o seu desejo de posse sobre ela. É uma ameaça pois ele busca afirmar que longe dele, ela não conseguiria encontrar mais ninguém que a ame, então é isso que a faz permanecer no relacionamento independente de todos os conflitos. Essa é uma tentativa de mantê-la sob controle e desencorajá-la a romper a relação.

Além disso, notem que o parceiro visa desprezar o *self* de sua parceira apontando uma falha que não diz respeito à suas qualidades morais, à sua personalidade ou à maneira como ela se porta no relacionamento. Ele menospreza sua parceira apontando para sua aparência estética. E completa, não é que essa seja a opinião pessoal dele, mas frisa claramente que ela jamais encontraria a validação de outras pessoas sobre sua beleza. Nesse sentido, o olhar e a aprovação do outro assumem uma importância vital. Mais que uma agressão de ordem psicológica, essa prerrogativa apresenta-se essencialmente como um fato social relegado à condição feminina.

A fala dessa interlocutora carrega em si a emergência de tratar a especificidade dessa questão em um subtópico exclusivo, visto que todas as jovens entrevistadas mencionaram que o maior prejuízo emocional que tiveram na adolescência diz respeito à autoestima, à percepção de si e, sobretudo, à necessidade do olhar do outro para validação da imagem que tem de si.

4.3 Emoções e o corpo-para-o-outro: uma ferida aberta?

Até hoje eu carrego um pouco desse “será que eu sou boa o suficiente?” [...] Tanto no físico, quanto [no] emocional, como um todo. E sempre tive um problema comigo, mas isso era um ponto bem mais acentuado durante a minha adolescência. Ainda tem, assim, mas é mais leve. Eu tinha muito problema com minha auto imagem, se eu era inteligente suficiente, se eu era bonita o suficiente pra todo mundo (MARIANE, 2023)

Quando estruturei o roteiro de entrevistas, no eixo em que trato sobre a adolescência, considerei válido abordar sobre a questão da autoestima, pois essa pareceu uma maneira interessante e provocativa de explorarmos o sentimento que as jovens tinham de si nesse período. Minha intenção era verificar se essa maneira de enxergar e sentir a si mesmas teria provocado conflitos em relação a autoimagem, uma insatisfação que poderia ser denunciada através das emoções dolorosas e repercutida até os dias atuais. O que não esperava é que esta

seria uma grande virada de chave na produção da pesquisa. Nas falas de nossas interlocutoras, notei que todas elas deram enfoque sobre a sua relação com o corpo.

Essa foi uma agradável “surpresa”, visto que de antemão — tendo conhecimento sobre os escritos de Le Breton (1992) e do próprio Pierre Bourdieu — sabia que abordar a relação do indivíduo com o corpo e a sociedade é uma questão cara para a antropologia e a sociologia das emoções, visto que “é difícil falar de emoções sem falar do corpo”¹⁷. Isso porque,

O corpo, do ponto de vista sociológico, é compreendido como signo das relações sociais, que encerra um conjunto de representações da vida individual e coletiva, e que compõe uma gramática que se tornou objeto particular de uma sociologia especializada constituída contemporaneamente e que já consolidou diferentes frentes de pesquisa. As emoções, por sua vez, não estão separadas do seu suporte, seu veículo expressivo, o corpo. Estas, em sociologia ou antropologia, frutos da observação e análise das relações sociais, também não podem ser tratadas como substância, entidade que antecipa ou contradiz as ações humanas, mas sim como uma dimensão da vida afetiva que se modifica constantemente por conta da infinidade de possibilidades de interação humana. (ZARIAS, LE BRETON, 2019, p. 1)

No trecho da entrevista que utilizei para introduzir esse subtópico, é possível notar que a insegurança — tanto física, quanto emocional — é encarada como um problema da adolescência que ainda perdura nas circunstâncias atuais. Mais uma vez fica explícita a necessidade de validação de outras pessoas sobre as suas qualidades, principalmente em relação à beleza. Essa realidade se reproduz entre outras entrevistadas:

Eu sempre fui uma criança e uma adolescente muito comunicativa, mas eu não sei porque, é um pouco estranho falar disso... Acho que eu só conversei sobre isso profundamente com a minha analista. Eu sempre me achei bonita, talentosa, simpática, mas eu tinha certeza que as pessoas não achavam [...]

¹⁷ Antes de conhecer e optar por seguir a linha da sociologia das emoções na minha monografia, eu sempre tive um enorme interesse pela sociologia do corpo. Posso dizer que essa é uma paixão que nutro desde que entrei no curso de Ciências Sociais, para ser mais exata. A princípio meu interesse era explorar a relação das universitárias com o corpo e o significado da beleza para o sexo feminino, mas abri mão disso pois parecia difícil delimitar um recorte, uma maneira de estruturar a pesquisa nesses parâmetros. Por ironia do destino, no decorrer da pesquisa sobre emoções, as questões referentes à condição corporal se fizeram presentes quando fui a campo. Isso foi muito animador.

Eu sempre fui uma adolescente que buscava muito aprovação do outro [...] (MELISSA, 2023)

Aqui podemos ver que a interlocutora até possuía uma certa segurança sobre suas qualidades. Ela de fato acreditava que era bonita, talentosa e simpática, mas o que fazia ela questionar sobre a procedência desses fatos, era se as outras pessoas também faziam essa leitura sobre ela.

Minha autoestima ficou boa quando eu tirei o aparelho [dentário]. Eu acho que eu tive mais problemas quando adulta do que na adolescência. Mas eu lembro que quando eu tirei o aparelho, e acho que até por isso eu terminava e voltava com meu namorado, eu comecei a me achar mais bonita e as pessoas começaram a me achar mais bonita. Aí eu tinha muita gente em cima de mim, e eu ficava “será que eu não vou aproveitar isso agora?”. Então eu acho que isso influenciou também (LARISSA, 2023)

A quinta entrevistada relata que sua autoestima melhorou mediante o fator estético, quando tirou o aparelho dentário. Foi assim que ela passou a se enxergar com mais confiança, mas também porque as pessoas ao redor comprovaram que, de fato, ela havia ficado mais bonita.

Em termos sociológicos e de acordo com Bourdieu, esse aspecto da condição feminina em relação ao corpo e à aparência estética atua por si só como uma forma de dominação. Isso porque,

Tudo, na gênese do habitus feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. [...] A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros.” (BOURDIEU, 2015, p. 79 e 82)

Esse incessante processo de certificação do apreço alheio resulta na maioria das vezes em uma insatisfação com o próprio corpo, que é o corpo real. É quando as garotas se

veem imaginando como seria um corpo ideal — aquele que detém todos os olhares — que surge as manifestação mais claras de insegurança, que pode vir a se transformar em vergonha ou até mesmo na culpa sobre a sua condição.

Tendo a necessidade do olhar do outro para se constituírem, elas estão continuamente orientadas em sua prática pela avaliação antecipada do apreço que sua aparência corporal e sua maneira de portar o corpo e exibi-lo poderão receber (daí uma propensão, mais ou menos marcada, à autodepreciação e à incorporação do julgamento social sob forma de desagrado do próprio corpo ou timidez). (BOURDIEU, 2015, p. 83)

Quando Lipovetsky (1997) disserta sobre o valor social que é atribuído à beleza feminina, podemos perceber que corpo e emoções são duas categorias que se intercalam na medida em que pensamos a esfera dos relacionamentos entre os sexos — mais especificamente se tratando das técnicas de sedução que envolvem o experienciar da sexualidade — haja visto que

Para as mulheres a sedução apoia-se na aparência e estética. Para os homens os meios são mais amplos: posição social, poder, dinheiro, humor. [...] A beleza não tem o mesmo valor sedutor entre os sexos. A beleza feminina é estratégica. A beleza do homem é algo facultativo. (LIPOVETSKY, 1997, p. 59-60)

É devido a alta expectativa social que é atribuída das mulheres quanto sua aparência estética, juntamente com a perspectiva que Bourdieu apresenta, sobre a mulher ter a necessidade do olhar do outro para se constituir, que a argumentação de Simone de Beauvoir sobre a condição da jovem se apresenta como uma resposta contundente à tudo o que nos foi relatado:

Num movimento complexo, ela visa a glorificação de seu corpo através das homenagens dos homens a quem se destina esse corpo; e seria simplificar as coisas dizer que ela quer ser bela para seduzir ou que busca seduzir para se assegurar de que é bela: na solidão de seu quarto, nos salões em que tenta atrair os olhares, não separa o desejo do homem do amor ao seu próprio eu. (BEAUVOIR, 2009, p. 442)

Vemos ainda, na fala de duas de nossas interlocutoras, que o desenvolvimento do corpo no período da adolescência esteve estreitamente ligado à uma hipersexualização precoce.

Eu desenvolvi meu corpo e eu sempre dancei, então eu tive um corpo bonito antes do meu rosto ficar mais bonito. Eu escutei muito que os meninos que queriam me beijar só queriam passar a mão em mim, e eu não queria isso. Eu sou a última romântica, eu queria que as pessoas se apaixonassem por mim, então eu reprimi muito os meus desejos e as minhas vontades (MELISSA, 2023)

Notem que novamente o julgamento alheio se faz presente e serve para categorizar uma diferença entre a sexualidade e o romantismo. Aparentemente por ela ter desenvolvido um “corpo bonito” antes de um “rosto bonito”, isso servia como justificativa de que os meninos só iriam querer se aproveitar dela, tocá-la como um objeto sexualmente disponível. O fato de querer ser amada e valorizada, e não meramente desejada para satisfação do prazer masculino, é algo que resultou numa repressão de suas vontades.

Hoje eu percebo questões muito problemáticas. Essa questão do sexo, por exemplo. [...] Eu tinha 15 anos e ele 23. Aí eu percebi o quanto eu era apenas sexualizada, com um corpo de menina. Extremamente sexualizada num corpo de menina. Mas tirando essas questões foi tranquilo (ERIKA, 2023)

Por fim, outro fato que foi amplamente relatado pelas interlocutoras diz respeito à comparação com outras mulheres. Como se não fosse suficientemente doloroso a insegurança de depender de terceiros para a validação de sua autoimagem, se acrescentamos uma outra mulher nesta equação, o resultado desse preterimento é sentido mais profundamente. Com isso, não se pretende afirmar — como é propagado pelo senso comum — que as mulheres são inimigas umas das outras devido a um sentimento de rivalidade, algo inerente à "natureza" feminina. Na verdade, os dados revelam uma realidade mais complexa, vejamos

Eu sempre me achei o patinho feio do grupo de amigas, por mais que eu soubesse que eu não era (MELISSA, 2023)

Minha autoestima na adolescência sempre foi muito ruim. Porque nunca era eu, era sempre as minhas amigas. Então eu me sentia mal com isso, sempre aceitei qualquer coisa por causa disso, pra tentar me sentir melhor. [...] Ela era minha melhor amiga na época, só que o menino que eu tava gostando gostava dela. Então meio que ela ficava... falando pra mim que não ia querer nada com ele, mas pra ele dava bola. Aí ficava meio paia, eu me sentia perdendo. Eu me sentia bem mal, feia e essas coisas (ALINE, 2023)

Até eu fazer uns 20 anos, eu tive muito problema de autoestima. É engraçado porque... engraçado não, na verdade é triste. Porque eu me sentia muito amiga de todos os meninos da época da escola, até eu perceber que não era porque eles queriam ser meus amigos, eles queriam se aproximar de mim pra poder se aproximar das minhas amigas. Pra poder ficar com elas e tudo mais. Quando eu percebi que era realmente isso o que tava acontecendo, eu desabei. [...] Eu nunca fui de me comparar. Só que eu acabava me afastando, porque eu não queria ficar num espaço em que eu não tivesse tanta validade quanto as pessoas que estavam perto de mim. Isso atrapalhava minhas relações. Mas a gente sempre acaba comparando, mas acho que não no sentido de querer ser outra pessoa. Eu só ficava me perguntando “por que não eu?” (ERIKA, 2023)

Na época parecia que o mundo tava acabando, mas eu olho pra trás e fico rindo. Então assim, não causou um dano até hoje, mas na época foi bem doloroso. E nas duas relações em específico eu fui trocada por outra pessoa, então esse sentimento de preterimento, hoje não me afeta mais, mas na época parecia que o mundo tava acabando (ROBERTA, 2023)

É possível perceber que hora alguma as interlocutoras se referiram a outra mulher com um tom de hostilidade, até porque em grande parte dos casos a outra mulher era inclusive uma amiga próxima. Contudo, de uma forma ou de outra, essa necessidade de ser escolhida e a sensação de se sentir “perdendo”, simboliza uma competição velada. Nesse certame, aparentemente existem vencedoras e perdedoras e cabe ao juízo masculino decidir quem triunfará. Não sendo a escolhida, tende-se a pensar que a outra possui mais atributos e por isso merece ser prestigiada: cabe a perdedora o fardo de não se sentir boa o suficiente, ou até mesmo a certeza ilusória e angustiante de que é menos bonita se comparada às demais.

A mulher busca uma afirmação absoluta de sua beleza, de sua elegância, de seu gosto: de si mesma. [...] Submete-se assim a uma dolorosa dependência [...] Ela procura uma valorização definitiva de si mesma; é uma pretensão ao absoluto que torna sua busca tão exaustiva; condenada por uma só opinião; um cumprimento a lisonjeia mas um desmentido a arruína; eis porque a coquete é tão suscetível; eis porque também certas mulheres bonitas e aduladas podem estar convencidas de que não são nem belas nem elegantes, que lhes falta precisamente a aprovação suprema de um juiz que não conhecem. A desgraça está em que esse êxito não serve para nada nem para ninguém. (BEAUVOIR, 2009, p. 305)

Uma outra explicação para esse fenômeno de ser escolhida como a mais bela, é descrita por Wolf (2018),

A beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro [...] e consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com o padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir por recursos dos quais os homens se apropriam.” (WOLF, 2018, p. 29)

Portanto, listei até aqui alguns pontos que revelam as angústias da adolescência, em se tratando do corpo e das emoções expressas por ele. Buscamos explorar mais profundamente as causas das aflições da idade ingrata, mas quais são as maiores consequências dessas experiências? Cabe-me agora investigar a prevalência desses conflitos internos no decorrer da experiência feminina até o presente momento.

4.4 A condição da jovem universitária

Chegando ao presente momento, indaguei às minhas interlocutoras sobre a entrada no campo universitário e suas impressões sobre esse novo espaço onde viveriam uma nova fase da vida, num exercício de lembrar como foi a experiência de calouras. Esse processo implica, na maioria dos casos, desvencilhar-se do seio familiar e partir para uma nova cidade, tendo os estudos como meta. É nesse momento que há uma ruptura entre a vida que viviam na adolescência (no ensino médio) rumo às novas experiências enquanto jovens adultas.

Por mais que na concepção dos estudantes antigos, os calouros são como tábulas rasas que ainda tem muito a aprender sobre as regras do campo, as circunstâncias passadas inevitavelmente moldaram as percepções de cada um até ali. No caso, elas sinalizam esse transição como um processo de descoberta da autonomia e experimentação da liberdade

Eu acho que foi um processo de descoberta de mim mesma, de perceber como eu posso ser dentro desses espaços. É muito doido observar que por mais que você tenha liberdade dentro da sua casa, você não é a mesma pessoa lá que você é aqui. Nesse processo, ao mesmo tempo que era assustador, era libertador (ERIKA, 2023)

Eu acho que eu me senti mais livre. No ensino médio a gente é muito preso ainda. Pelo menos no meu ensino médio as pessoas eram padronizadas, na faculdade eu conheci tanta gente diferente. [...] A faculdade foi o lugar que eu me descobri, porque não tive a oportunidade de me descobrir enquanto estava naquele espaço fechado. Ser bixete é bom demais, eu era feliz e não sabia. Agora é TCC, é porrada, é professor chato (MARIANE, 2023)

Esta liberdade implica também a capacidade de gerir uma vida conciliando estudos e lazer — conciliar as obrigações acadêmicas com os momentos em que desfrutam da vida “festeira” que a universidade proporciona — sem que os pais estivessem ali para orientar e impor limites. Uma das interlocutoras relata que no início teve dificuldades para se ajustar a essas responsabilidades, algo que reverberou inclusive em sua saúde e quanto a esfera das relações sexuais.

Foi a liberdade que eu não tinha, então eu não tinha limites. Eu queria sair todos os dias da semana, queria beber todos os dias da semana e aí eu fiquei muito doente. Minha imunidade começou a baixar, eu comecei a passar mal. Em questão de relacionamento também, eu não tinha muito conhecimento. Não usava camisinha, não me cuidava. Aí isso também gerou problemas. [...] Eu queria estudar, porque eu fazia [nome do curso] na época. Aí eu falava “nossa, eu amo isso” mas eu esquecia totalmente por causa da vida que eu tava tendo. Eu não tinha maturidade pra fazer uma faculdade e hoje em dia eu tenho. Tem o meu estudo e o meu lazer e eu preciso me dedicar nos dois (LARISSA, 2023)

Ainda, no processo que envolve a conquista da autonomia, Melissa relata que esta ruptura com os limites que até então eram impostos pelos pais, também teve consequências que extrapolam a relação estudos-lazer. Junto a isso, menciona que as experiências emocionalmente conflituosas que experienciou no ensino médio, aparentemente foram somatizadas para seu corpo. Como vimos, este é o suporte das emoções, então as consequências mais visíveis do sofrimento tiveram evidência comprovada após o estado emocional ser refletido na condição corporal. Concomitantemente, a insatisfação corporal resultou em mais conflitos emocionais e de autoimagem, que prejudicaram diretamente seu rendimento nos estudos

Eu sou uma mulher muito vaidosa e eu cheguei aqui após um terceiro colegial lixo que eu tive. Então eu simplesmente entrei numa de comer miojo de tomate, guaraná antártica e brigadeiro todos os dias. Então eu engordei mais de 10kg, eu estava irreconhecível. Nenhuma roupa minha cabia em mim. No meu primeiro semestre da faculdade eu peguei duas DP por falta porque eu não saía de casa, porque eu morria de vergonha de estar no meio de outras pessoas por causa desse complexo com a minha imagem (MELISSA, 2023)

Um aspecto que foi bastante mencionado na socialização das adolescentes foi a questão do julgamento dos outros sobre suas ações, já na universidade, uma das interlocutoras — caloura, que ingressou neste ano de 2023 — relata que aparentemente nesse espaço as pessoas não estão preocupadas em serem juízes da conduta alheia

Ah, aqui ninguém tá ligando muito pro julgamento das pessoas. Acho que passou essa fase do ensino médio das pessoas se importarem com tudo o que você faz, então as pessoas fazem o que dá na cabeça e o dia de amanhã é outro dia (ALINE, 2023)

Entretanto, outra entrevistada relata que desde o início sempre esteve vinculada à uma das entidades, à coletividade da experiência em um determinado grupo, mas este processo de inserção não foi caracterizado estritamente pela afetividade.

Eu amava, mas eu achava uma loucura no começo. Desde o começo eu tive muito contato com [nome da entidade]. Existe uma parte muito boa dessa

dinâmica, como tudo. [...] Eu sempre fui muito bem recebida pelos meninos e pouquíssimo bem recebida pelas meninas. Então eu me sentia muito ameaçada num ambiente que tinham outras meninas, porque é uma competição. Mas os meninos, sempre muito receptivos e calorosos. Eu lembro dessa sensação, de me sentir ameaçada com outras mulheres, não me sentia bem recebida (MELISSA, 2023)

Junto às experiências positivas que a entrada na universidade proporciona, uma das interlocutoras descreve que também houve sofrimento abarcado à sua entrada no campo. Aqui conseguimos ter mais um exemplo de como os sistemas de dominação exteriores ao campo — que categorizam os indivíduos como inferiores ou superiores, entre outros binarismos de distinção — também se reproduzem dentro dele. Aqui ela menciona os marcadores sociais de classe e raça como norteadores da violência simbólica, experienciada desde o momento de sua inserção.

O processo de bixete, de sofrer também. Eu não queria que ninguém passasse por experiências ruins, mas elas te ajudam a crescer. Em questão de se sentir menor, por ser diminuído pelos outros por causa de condição financeira, por questão racial também foi horroroso. Questão de relacionamentos, de estar com pessoas mas sempre em rolê, mas nunca ter um vínculo de verdade. Mas não que eu esperasse isso das pessoas, mas é um baque quando você percebe (ERIKA, 2023)

Ela também abre margem para pensarmos a questão da afetividade que move os relacionamentos, quando descreve que houve um choque ao perceber que a integração com as pessoas nos momentos de lazer, não necessariamente significa que estes vínculos seriam aprofundados para além das conveniências festivas.

Quando perguntei se as garotas observaram mudanças em sua vida sexual após entrar na universidade, observamos um traço daquilo que Giddens (1992) vai chamar de “sexualidade plástica”, uma autonomia quanto às escolhas sexuais e as experiências eróticas num caráter mais maleável — algo que emerge do contexto de transformação social dos ideais da sociedade moderna, para os ideais suscitados pela modernidade tardia, ou pós modernidade. Na esfera da sexualidade, isso reverbera sobre o caráter flexível dos vínculos que os agentes estão dispostos a cultivar. É quando a sexualidade passa a ser desvinculada estritamente do matrimônio e da função reprodutora, mas também abre-se a possibilidade de

escolher o número de parceiros, sem que haja necessariamente uma relação de compromisso entre as duas partes: algo que para as normas sociais modernas — com seus vínculos rígidos e uma “sexualidade fixada” — seria caracterizado como uma atitude promíscua pré-marital, na pós-modernidade assume a forma de escolhas individuais guiadas para satisfação do prazer.

Mudou muito. Tipo, no ensino médio a minha vida sexual era só com meu namorado. E eu não me sentia nunca a vontade pra ter relação sexual com outras pessoas: “ah não é meu namorado, vou ter relação só porque acho ele bonitinho?” Mas depois que eu entrei na faculdade eu meio que tirei essa ideia da cabeça, comecei a ter relações sexuais com outras pessoas mesmo não sendo meu namorado, por querer mesmo, vontade (MARIANE, 2023)

Com certeza. Tive uma vida sexual muito mais ativa e muito mais consciente do que eu estava fazendo também, porque foi um momento de “poder de escolha”, porque às vezes eu queria sair com alguém, saía. Se eu só queria ficar no role, ficava. Às vezes também não queria ninguém e tava tudo bem. Muito livre de uma pressão de ter que fazer alguma coisa. Em relação a me sentir com vontade mesmo. [...] Hoje tenho muito mais autonomia, às vezes passo semanas sem nem pensar nisso e as pessoas não acreditam. Só que tem semanas também que eu preciso, que eu quero. E tá tudo bem (ERIKA, 2023)

Novamente, a questão da liberdade e do distanciamento da família é abordado como um fator marcante. Neste relato, a interlocutora afirma que houveram algumas mudanças positivas, mas também negativas, pois acredita que a autonomia sem limites contribui para a vivência de situações perigosas quando está num estado vulnerável. No caso, quando está alcoolizada em festas.

Mudou porque eu tenho muito mais liberdade e não preciso ficar dando satisfação pros meus pais. Mas também em questão de eu estar mais suscetível a correr perigo, tipo quando você fica bêbada em uma festa. Às vezes você acaba indo pra casa e não lembrando do que aconteceu. Então você fica muito suscetível a essas coisas. Então mudou tanto pra melhor quanto pra pior (LARISSA, 2023)

Portanto, estas foram algumas das rupturas e transformações que as universitárias se depararam ao adentrar nessa nova estrutura de funcionamento que é a universidade, bem como todas as relações que se estabelecem a partir dali, tendo em vista o processo de adaptação, socialização e experimentação da sexualidade em seu sentido mais geral. Nos cabe agora investigar mais a fundo o caráter de suas interações íntimas com o sexo masculino e quais foram os maiores prejuízos emocionais que enfrentaram nas relações a dois.

4.5 “A violência física foi a que menos me machucou”: sobre a persistência das emoções dolorosas

Ao longo do quarto capítulo, com o intuito de comprovar a hipótese levantada em meu trabalho, debrucei-me a fazer um apanhado das experiências passadas de minhas interlocutoras. Afinal, meu objetivo era verificar se os conflitos emocionais da adolescência ainda repercutem no tempo presente, agora como jovens-adultas.

Na adolescência muitas delas foram alvo de agressões emocionais por seus parceiros dentro do namoro, mas também houveram circunstâncias dolorosas de insatisfação corporal, comparação com outras mulheres e julgamento de terceiros sobre suas condutas. Vejamos como esses fatores se manifestam na experiência universitária, quando perguntamos sobre os relacionamentos que as marcaram de forma negativa:

Teve alguns que eu cheguei a ter relação sexual e que eles só queriam isso comigo. Eu ficava muito “nossa, eu não tenho mais nada pra oferecer pra essa pessoa? Só sexo?” Me senti como um objeto, quando ele quer ele me chama, quando não quer, foda-se. E o pior é que eu achava que tinha algo a mais, mas não tinha. Era só sexo. (MARIANE, 2023)

Neste caso não se observa uma agressão emocional, mas a insatisfação repousa num sentimento não correspondido da mesma forma pela outra pessoa. Enquanto ela nutria uma emoção pela pessoa, a outra parte envolvida estava mais interessada no sexo.

O mais interessante é que ela fala sobre a questão da objetificação do corpo, o fato de se sentir como um objeto passível de ser utilizado quando o outro bem quisesse, na hora em que era mais conveniente: essa afirmação nos lembra os escritos de Bourdieu sobre a

dominação masculina, que muitas das vezes constitui as mulheres como um objeto receptivo¹⁸.

Ah, os que foram ruins eram só “travequeiros”, que tipo, adora beijar travesti às escondidas e aí só quer sigilo, assim. Entra naquela questão do preterimento. É isso, nunca vou ser a primeira opção, sempre vou estar como última opção ou nem como uma opção, só assim como step. (ROBERTA, 2023)

Sobre as vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais, Monteiro (2020) disserta que é comum que essas experiências perpassem um tipo afeto que é aprisionado entre quatro paredes, onde a expectativa de ter seus relacionamentos assumidos e tornados públicos, por vezes não se concretiza. A autora argumenta que essa é uma circunstância dolorosa, geralmente carregada de uma violência psicológica e emocional, na medida em que as demonstrações de afeto ocorrem na clandestinidade da experiência, algo que não é assumido publicamente devido ao estigma.

Quando a interlocutora relata que as experiências negativas vieram de um envolvimento com homens “travequeiros”, compreendemos que essa expressão carrega um tom de fetichização sobre essas mulheres. Moira (2016) vai argumentar que “travequeiros” são homens que só assumem seus desejos na calada da noite e longe dos olhares públicos.

Outra interlocutora revela sobre seu primeiro relacionamento quando entrou na universidade. Um relato tão intenso, que escolhemos uma de suas falas como título deste subtópico.¹⁹

Meu primeiro relacionamento que eu tive na faculdade, foi muito parecido com o meu primeiro relacionamento [na adolescência] e também com o namoro dos meus pais [...] Eu tive um relacionamento péssimo, horrroso. Ele me bateu e tal. E não só isso. Eu costumo falar muito pras pessoas e eu fico muito chocada com o quão difícil é entender isso, porque a violência física foi a que menos me machucou. [...] E tipo assim, eu gosto de falar que quando você é mal tratada, abusada, é uma ferida que fere na alma. Essa

¹⁸ Eu entendo que a teoria de Bourdieu, quando compreende a condição da mulher frisando sobre o processo de objetificação, já recebeu diversas (e válidas) críticas por talvez “desconsiderar” o poder de agência das mulheres. Em minha interpretação, não acredito que o que Bourdieu teorizou seja uma verdade absoluta — assim como nenhuma outra teoria — mas nesse caso, realmente as jovens apontam para essa questão e não há como fugir dela.

¹⁹ Me emocionei enquanto ela contava sua experiência e chorei enquanto transcrevia a entrevista.

parada com [ele] na minha vida, ela me marcou pra sempre. Pra sempre. [...] Você ser agredida moralmente, a pessoa falar que tem pena de você, que namora com você por dó. Ele falava que não postava foto comigo porque tinha vergonha de mim. Ele falava pra mim que ele não me levava pra sair com os amigos dele porque ele não queria que as pessoas soubessem que a gente tava namorando. [...] Então esse é um lugar de abuso que diminui a tua dignidade. Você perde o valor como pessoa. (MELISSA, 2023)

Além de estabelecer uma ligação direta de semelhança entre o primeiro namoro da universidade, o namoro da adolescência e o relacionamento dos pais, a interlocutora frisa que nesta relação ela foi vítima de violência física. No entanto, confessa que esta foi violência que menos causou danos.

Visto que as agressões psicológicas e emocionais podem ser caracterizadas como um tipo de violência invisível, elas não deixam marcas físicas e materiais no corpo, mas é algo tão doloroso que pode ser sentido até na alma — como ela mesma narra. É algo extra-corporal. Notem também que há uma tentativa do agressor em menosprezar o self da vítima, o que atua como um tipo de agressão moral à sua integridade enquanto pessoa.

O problema não é você passar por essas violências, o problema é que além de passar por isso, ainda existe um esforço gigantesco que é viver socialmente com elas. Porque o que mais doeu em mim, além das coisas que ele falava pra mim... Foi a violência de tipo assim, de ninguém acreditar no que eu tava falando [...] Isso é o mais difícil, porque já viraram pra mim e falaram “eu sei que fulano já foi muito babaca com você, mas eu sei que ele não te bateu”. Aí eu vou falar o que? Eu vou ficar brigando? Eu olhei e falei “ta bom”. (MELISSA, 2023)

Como se não fosse suficientemente doloroso ser vítima de um ato violento, ela retrata que o julgamento das outras pessoas sobre a veracidade dos fatos foi algo bastante presente. Após sofrer a agressão, conta que houve uma inversão dos papéis e as pessoas passaram a vê-la como a verdadeira culpada, como se estivesse mentindo sobre o que realmente aconteceu. Ou seja, as pessoas de fora pareciam ter uma certeza assertiva e mais autoridade para constatar os fatos, num claro ato de defesa ao agressor, do que a própria vítima. Nessa situação repousa a hierarquia de forças de poder simbólico entre homens e mulheres, visto que mesmo praticando tais atos, aparentemente o agressor não precisou

despender muita força para contar sua versão, visto que as pessoas ao redor estavam dispostas a defendê-lo sem nem mesmo ouvir a história pela perspectiva da mulher.

De acordo com Hirigoyen (2006)

a violência psicológica é negada pelo agressor, bem como pelas testemunhas, que nada vêem, o que faz a própria vítima duvidar daquilo que a magoa tão profundamente. Nada vem lhe dar provas da realidade do que ela sofre. É uma realidade "limpa". Nesse estágio, nada é visível. (p. 42-43).

É interessante destacar que após viver essa experiência no campo universitário, a interlocutora relata que deseja se formar e sair desse espaço o mais rápido possível, devido aos traumas que repercutem até os dias atuais. De fato, bem como também presenciou no ensino médio, o julgamento alheio é um dos motivos que fazem as consequências da violência psicológica serem ainda mais dolorosas. São situações como estas que corroboram para as mulheres passarem a se sentir culpadas pelas agressões que sofreram, quando na verdade foram as vítimas da violência.

Quando você falou pra mim que você queria fazer a entrevista, eu me sinto num lugar de emergência pra falar sobre isso, porque isso me marcou, o que eu vivi na UFU me marcou pro resto da vida. Eu nunca mais vou ser a mesma pessoa, o que é muito bom porque eu cresci muito, mas a que custo? Eu sofri muito aqui. Eu saio aqui e eu sei que tem lugares em que eu não sou bem vinda, eu sei que tem lugares que as pessoas falam de mim. Eu não sou nenhuma santa não, veio pra cima de mim eu me defendia mesmo, eu surtava. Já fiz um monte de coisa errada, que hoje eu reconheço. Foram inclusive as minhas fraquezas que me fizeram questionar que se eu não tivesse feito essas coisas, tudo teria dado certo. Mas não teria dado certo, entendeu? Não tinha como dar certo. [...] Eu entendi que meu lugar já não é mais aqui. Eu não quero mais ficar brincando de casinha, eu cresci, eu sou uma mulher. [...] Toda vez que eu vejo essa galera [os amigos dele] minha boca trava, porque eu começo a tremer de ansiedade, de dor. [...] É muito doloroso e eu to nesse lugar de querer terminar o meu TCC pra ontem, porque eu quero encerrar esse ciclo, sabe? Eu sinto que eu já aprendi o suficiente. Eu sinto que eu já aprendi que a principal coisa é que eu não posso duvidar de quem eu sou e dos meus valores (MELISSA, 2023)

Outra interlocutora relata que o relacionamento abusivo que viveu ocorreu quando já era universitária, no entanto, se sucedeu fora do ambiente universitário. Foi no período da pandemia, quando estava em sua cidade natal.

Eu entrei em depressão porque ele me segurava muito. Por exemplo, eu tava lá na minha cidade na pandemia e a minha melhor amiga tava lá também, eu fiquei 6 meses sem ver ela porque ele não gostava. Ele me ameaçava psicologicamente, tipo “se você for na casa dela hoje...” é porque ela tinha irmão mais velho e ele ficava com ciúmes “... a gente não vai conversar mais, eu vou terminar”. E eu tava muito dependente emocional, minha cabeça eu não sei o que aconteceu. Parece que foi outra vida. E foi difícil. (PAOLA, 2023)

Ela revela sobre o ciúmes excessivo e o caráter possessivo de seu companheiro, que através de ameaças psicológicas tinha como objetivo controlar sua vida e suas ações. Logo de início, ela já retrata qual foi a maior consequência desse abuso: a depressão.

Através de um estudo com mulheres que sofreram violência de seus parceiros, Bittar (2011) verificou que depressão e ansiedade são as principais consequências entre mulheres que passaram por situações abusivas. Ela especifica mais a fundo quais são os sentimentos mais presentes, entre eles está a solidão, culpa, desânimo, passividade, tristeza crônica, desamparo, déficits em habilidades sociais e perda de apetite. É sobre o último fator que iremos nos atentar, visto que este é outro relato em que as consequências de um envolvimento emocionalmente doloroso, pôde ser percebido mais visivelmente quando o corpo passou a denunciar essas circunstâncias.

Isso começou a me afetar, eu comecei a me privar, as minhas amigas começaram a ver o que é que tava acontecendo. Começaram a tentar fazer alguma coisa, mas não adiantava. Até que teve um dia que a minha mãe chegou em mim e disse que se eu não mudasse a minha vida ela ia me internar. Eu tava com 48 kg, eu não comia, não saía de casa, não fazia nada. Não colocava o pé pra rua, porque eu estava extremamente depressiva. (PAOLA, 2023)

Sobre esse tema, tivemos uma enorme dificuldade em encontrar pesquisas e artigos científicos que comprovem a incidência da perda excessiva de peso em mulheres em

relacionamentos violentos. É do conhecimento da psicologia o processo denominado como “somatização” (MACÊDO, 2021), isto é, quando por meio de um estado emocional em conflito, o indivíduo pode vir a manifestar estes sintomas no corpo físico. No entanto, buscamos tratar dessa questão em termos sociológicos.

Para isso, Zarias e Le Breton (2019) compreendem o corpo como um espelho do social (Le Breton, 1992; 1998; 2001) “refletindo os aspectos afetivos da vida, dentro do conjunto variado de emoções humanas”. Eles também fazem referência aos estudos sobre a sociologia do corpo e das emoções na América Latina, onde há uma abordagem crítica dos sistemas de dominação e controle. Posto isto, o autor cita Koury, Scribano e Tijoux (2013, p. 2) quando afirmam “o corpo é o meio mais direto para conhecer, revelar e denunciar a lógica política e cultural da dominação”.

Para citar algumas dessas frentes, utilizando como base uma categorização empregada por Scribano (2007), pode-se dizer que os estudos de “corpos e emoções” englobam as seguintes dimensões: i) a da estrutura conflituosa da sociedade, que faz do corpo um espaço de disputas; ii) a das mediações institucionais, nas quais o corpo entra em cena como um viver-saber caracterizado por modos de pensar, agir e sentir; iii) a das metamorfoses e transformações corpóreas baseadas no prazer e no consumo; iv) a de gênero, que implica tanto subjetividades quanto desigualdades sociais; e, finalmente, v) a do saber, em que o corpo não é concebido apenas como espaços que organiza o conhecimento em diferentes áreas sendo, nesse caso, objeto, mas também como um elemento ativo de aprendizado e saber do mundo, ou seja, sujeito. (SCRIBANO apud ZARIAS E LE BRETON, 2019, p. 27)

Portanto, isso abre espaço para vislumbrarmos que os impactos na condição corporal de nossa interlocutora, é reflexo de um sistema de controle e dominação sobre sua condição da mulher, atravessado por uma experiência afetiva conflituosa e emocionalmente dolorosa. Mais adiante iremos tratar de outra entrevista que faz menção a esse aspecto do corpo e das emoções como uma via de mão dupla, mas antes, é interessante mencionar que o desfecho da situação da Paola toma um rumo contrário daquilo que foi retratado por Melissa.

No meio disso tudo, ainda teve um dia que eu consegui terminar aí passou uma semana, ele fez tanta chantagem emocional que eu voltei. Depois quando eu vi que realmente, aquilo tava acabando com a minha vida, eu

falei “eu vou voltar pra Uberlândia hoje”. [...] Se eu tivesse ficado lá, provavelmente eu estaria nisso até hoje (PAOLA, 2023)

No primeiro caso, Melissa relata que tem expectativas de sair da UFU e talvez ir para outra cidade, pois acredita que o ambiente da universidade já não é mais seu lugar, visto que passou por momentos de muito sofrimento aqui. Já no caso de Paola, a jovem conta que voltar para a vida que vivia na universidade é o que a libertou do relacionamento abusivo, dado que aqui possui um grande grupo de amigos na entidade a qual integra.

Quando perguntei às interlocutoras quais foram os maiores prejuízos emocionais que essas relações conflituosas acarretaram, elas destacam o seguinte

Por muito tempo eu fiquei... Eu tenho que te dar um exemplo, porque eu não sei explicar... Quando eu fiquei solteira, assim que eu via que algum ‘ficantezinho’ tava começando a ficar permanente, começando a ficar sério, eu fugia. Durava um mês e eu não queria mais. A ponto de nem olhar na cara da pessoa, sem motivo nenhum. Acho que por medo mesmo, daquilo se repetir. Eu me fechei muito tempo com isso. (PAOLA, 2023)

Esta entrevistada relata que após romper com seu ex namorado, o que prevaleceu foi o sentimento de medo para se relacionar com outras pessoas. Uma espécie de bloqueio emocional, pois temia que a mesma situação se repetisse.

Eu acho que a humilhação, que é o sentimento que hoje em dia ainda perdura, medo eu não tenho mais não. [...] Porque esses são os sentimentos. Você falou dos sentimentos negativos, todas essas emoções eu já senti e não foi em relação ao outro, foi em relação a mim. Eu fazia alguma coisa que depois eu me arrependia, eu ficava com medo de mim. Eu ficava me sentindo humilhada porque eu ficava com vergonha de mim mesma. Eu ficava com ódio de mim, por isso que eu me machucava, que eu queria acabar com a minha vida, que eu queria desistir de tudo [...] Não tinha como saber que com 17 anos eu ia passar pelas coisas que eu passei. Eu tava num momento muito vulnerável com o meu corpo, com a minha aparência, com as minhas vontades. [...] Eu fui acolhida por essa pessoa num momento em que eu tava muito vulnerável e de repente ele se tornou uma casa, que na verdade não era uma casa, era uma prisão. Me isolou de todas as pessoas à

minha volta que eu podia recorrer se alguma coisa desse errado. (MELISSA, 2023)

Sobre a humilhação, outra emoção dolorosa referenciada por Bourdieu, Katz (2013) vai dissertar sobre este fenômeno emocional e seu discurso vai diretamente de encontro ao relato de Melissa, quando descreve que a agressão emocional é um tipo de abuso que fere a alma

[...] A humilhação e a ira são sentimentos holistas, vivenciados como algo que transcende os limites corporais. Na humilhação, a pessoa é tomada por um desconforto intolerável. A humilhação a forma a sentir-se como alma, a ganhar uma intensa consciência de que seu ser é espiritual e não está protegido por limites físicos entre o interno e o externo [...] a humilhação toma conta da alma invadindo o corpo inteiro. O corpo humilhado é insuportavelmente vivo; a essência do ser está humilhada. (KATZ, 2013, p.236 *apud* BENÍTEZ, GADELHA, RANGEL, 2021)

Haroche (2020) nos fornece outra perspectiva parecida sobre a humilhação e nos ajuda a compreender o porquê de Melissa ter canalizado sua revolta sobre si mesma. Isso se dá porque a humilhação é algo que fere a dignidade do indivíduo no mais íntimo do ser.

A humilhação é uma história longa e imemorial, oculta, muitas vezes recalçada e silenciosa. Pontuada pelos eventos, essa história contém constantes antropológicas que se traduzem ao longo dos séculos sob a forma de signos, de gestos, de posturas, de olhar de submissão, de humildade. Mas também de ausência de consideração por parte de quem pretende envergonhar aqueles que ele deseja humilhar. Que nasça da afronta ou da indiferença, infligida deliberada ou involuntariamente, a humilhação sentida coloca em questão o orgulho, a honra, a dignidade. [...] A humilhação parece, todavia, ultrapassar a vergonha: ela toca o íntimo, o mais profundo do indivíduo, e pode preludiar o seu aniquilamento. Ela supõe a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e o afeta profundamente. (p. 465 e 468)

Ademais, Haroche também nos convida a pensar o sentimento da humilhação como aquilo que está por trás de certos fenômenos sociais, em se tratando das relações de poder e das formas de dominação e subordinação de uns sobre outros. É quando a humilhação pode

ser experienciada pelos agentes sociais e “infligidas por um superior, por um especialista, por uma direção mais ou menos anônima, pelas condições de existência miseráveis; [...] a uma desqualificação, profissional, social, psíquica, ou seja, que tocam o próprio estatuto de ser humano.” (p.467)

Outra interlocutora revela que o maior prejuízo emocional ocasionado por uma relação violenta também foi sentida na condição corporal e diretamente relacionada à sua autoestima, mas também frisa que desenvolveu o transtorno de ansiedade

Nossa, acho que minha autoestima. No meu último relacionamento minha autoestima foi pro chão, na questão de se relacionar e isso impactou muito em tudo na minha vida. Aí você começa a tentar se sentir bonita, você não sabe qual é o padrão de beleza e vai atrás de exercício. Eu desenvolvi ansiedade também por conta de relacionamento. Eu acho que foi ansiedade e problemas com autoestima o mais forte. [...] Eu me sinto insuficiente. É como se eu não fosse boa o suficiente. E eu sempre me culpo, qualquer fim de qualquer relacionamento, por mais que o cara tenha feito merda, eu sempre vou colocar que acabou porque eu não fui boa o suficiente. [...] Mas por questão sexual, por exemplo, no meu último relacionamento aconteceu que a gente não transava mais porque ele broxava. Eu ficava pensando que eu sou feia. Ele ficava falando que eu emagreci muito, ficava falando pra eu comer. Então isso mexeu muito comigo. Eu pensava, “eu não to bonita o suficiente e é por isso que a gente não ta transando”. Isso mexeu muito comigo. (LARISSA, 2023)

Além das emoções dolorosas que foram citadas, tal como a culpa, a vergonha e a humilhação, o que aproxima a experiência das jovens é que todas essas emoções não foram direcionadas ao outro. Ao parceiro que, com atitudes violentas e silenciosas, era o causador de todo este desconforto. Na verdade toda essa gama de emoções foram internalizadas pelas mulheres, na medida em que concebiam que estavam passando por essas situações unicamente por culpa delas mesmas.

Ademais, visto que estou tratando sobre a persistência das emoções dolorosas vividas na adolescência, recordamos que uma das queixas das garotas sobre este período dizia respeito a comparação com outras mulheres, algo que nos remete a um tipo de competição. Quanto a isso, também comprovamos que é um fenômeno que se repete na vida universitária e nos faz chegar a novas conclusões.

Ele tava comigo mas tava com ela também, mas na minha cabeça ele gostava mais dela do que de mim, e eu me sentia muito mal por ta pensando isso da outra menina, sendo que ela também só tava ficando com ele. Mas eu me rebaixava, eu ficava me sentindo muito triste, insegura comigo mesma, achando que “por que ele nao ta só comigo? Por que ele tá comigo e com ela? Será que eu sou menos inteligente? Será que eu sou menos bonita? Será que ela é mais tudo que eu e por isso ele ta com ela? Me sentia bem mal (MARIANE, 2023)

Já aconteceu de ter briga por causa de homem. De eu ficar com um cara que uma pessoa ficava e a pessoa vir brigar comigo. Não que eu estava competindo, mas gerou um clima de rivalidade. [...] E eu tenho muita mania de ficar me comparando inconscientemente. Por exemplo, até quando eu começo a gostar de um cara, eu vou vendo os tipos de menina que ele fica. Ver se eu sou boa o suficiente ou preciso mudar alguma coisa. Eu faço muito isso. Não que eu queria, mas eu faço [...] Sempre que eu vou ficar com outro cara, aí vamos supor que ele escolhe outra mina, eu fico pensando que não sou bonita o suficiente (LARISSA, 2023)

Vemos que este é um conflito que ocorre de maneira interna. Nesse movimento em que as garotas se comparam com outra mulher, o que podemos perceber é que elas sempre fazem uma interpretação de si como sendo menos que a outra, e nunca melhor que ela. É com autodesprezo e rebaixamento que elas encaram essa situação: uma insegurança que resulta em mais insegurança. Mais que isso, elas colocam em outras mãos — no caso, mediante a escolha do homem — essa validação sobre si mesmas.

Já este conflito entre mulheres ocorreu de forma mais explícita:

Ele ficava comigo e ficava com ela também. [...] Era praticamente um triângulo amoroso e era meio foda porque o cara era um babaca. [...] Ela ainda se humilha bastante, eu sei que eu também, mas ela bastante. Ela ficava me mandando mensagem, se me via na rua ficava comentando de mim pras pessoas. [...] E era tudo por causa dele. E eu não queria viver isso, mas acabou que eu me coloquei num local de rivalidade com ela. [...] Eu sempre me retiro dessas situações, se me desgasta eu abro mão. Mas nessa vez eu me humilhei, no sentido de saber que eu sempre tava no lugar de

opção. De que se não desse certo com a outra, dava comigo. E quando não dava certo comigo, ele tinha ela. Pra ele tava suave, ele tava em paz. Mas ela ficava me enchendo o saco, eu ficava surtando, e ele tava de boa (ERIKA, 2023)

Quando ela demonstra que ambas estavam se humilhando no meio dessa rivalidade, isso diz respeito a estarem deliberadamente se colocando em uma posição que degrada a honra e a dignidade. Até porque enquanto as duas se colocavam em um cabo de guerra, o maior beneficiado era a terceira parte — o homem — que desfrutava da companhia das duas quando bem entendesse, sem a necessidade de disputar ou despender muita energia para a satisfação de seu prazer.

Finalmente, para fechar este último bloco de análise sobre a vida afetiva das universitárias, compreendemos que seria enriquecedor questionar nossas interlocutoras se elas conseguem fazer uma conciliação saudável entre estudos e relacionamentos — da mesma forma que anteriormente abordamos sobre a questão da conciliação dos estudos com o lazer. Esse interesse é inspirado na alegação de Simone de Beauvoir sobre a condição da jovem

Os devaneios da mulher orientam-se de maneira inteiramente diversa: ela pensará em sua aparência física, no homem, no amor; só dará o estritamente necessário a seus estudos, a sua carreira, quando nessas áreas nada é tão necessário quanto supérfluo. Não se trata de uma fraqueza mental, de uma incapacidade de se concentrar, e sim de uma partilha de interesses que se concilia mal (BEAUVOIR, 2009, p.471)

Duas delas responderam que a esfera dos relacionamentos não influencia nos estudos:

Eu sou uma pessoa que realmente sei separar muito bem faculdade de vida social. As vezes obviamente não tem como, você passa por um problema pessoal e acaba influenciando na sua faculdade, mas com relação a namoro, gostar de alguém, eu não deixo isso influenciar. São coisas separadas (MARIANE, 2023)

Acho que depende. Porque por exemplo, quando eu voltei pra cá pós pandemia, eu ainda tava com o meu ex e ele não gostava disso aqui. Ele não

gostava que eu sáisse, então acabou atrapalhando bastante meu rendimento na atlética. Nos estudos foi tranquilo. Tirava muito o meu tempo não, mas com a atlética foi complicado porque ele não gostava (PAOLA, 2023)

As outras acreditam que há uma influência negativa e suas respostas são um pouco semelhantes. Notem que ambas falam sobre a questão da dependência emocional:

Olha, daquelas vezes influenciou bastante porque, enfim, autoestima baixa é um buraco para dependência emocional, então acabava que eu tentava estar o tempo todo com ele, minha vida era ele e acabou. Eu não sei como seria hoje, porque agora eu estou um pouco mal da cabeça, não sei como seria. (ROBERTA, 2023)

Nossa, muito. Eu acho que eu fico, eu tenho propensão a ter uma dependência da pessoa. Aí isso fica na minha cabeça por muitas horas no dias. Há uns tempo pra trás eu tava gostando de um cara e eu ficava o tempo todo pensando nele e não conseguia focar nos meus estudos. Ficava “será que eu vou ver ele hoje?” “será que eu chamo pra fazer alguma coisa?”. Então eu sinto que isso ocupa muito a minha cabeça. (LARISSA, 2023)

Muito. Hoje é melhor porque eu trato, mas eu tenho uma tendência à dependência do outro muito forte. Quando eu estava namorando, ele sofreu um acidente um dia, aí eu simplesmente virei babá, faxineira e mãe. Eu parei de ir pra UFU durante 1 mês e meio pra cuidar dele. Eu dava banho, eu cozinhava, eu limpava a casa. Fazia absolutamente tudo. Eu tenho uma coisa que eu descobri com a minha psicanalista, mas eu encontro uma forma de existir através do outro. (MELISSA, 2023)

Eu paro de viver mesmo, e quando eu to mal o meu rendimento cai drasticamente [...] eu ainda fico muito refém do que eu to sentindo. Por exemplo, no ano passado eu tava me relacionando com uma pessoa e rolou um puta problema envolvendo essa pessoa, aí eu ia pro trabalho e meu chefe me falava que eu não tinha vida. O meu olhar era um olhar de uma pessoa morta por dentro. Parece que eu fico num estado meio anestesiado, dormente, que a vida tá passando por mim. (MELISSA, 2023)

É possível perceber que há um sobreinvestimento emocional por parte das jovens quando estão apaixonadas ou em um relacionamento. Ancorados nas perspectivas de Simone de Beauvoir (2009) e Lipovetsky (1997), ocorre que há uma dessemelhança dos papéis afetivos e um diferente grau de importância que homens e mulheres conferem à esfera das emoções e dos relacionamentos. Enquanto Beauvoir vai argumentar que o amor para o homem é apenas uma ocupação entre outras, para a mulher o ato amoroso exige uma profunda alienação de sua individualidade. Para elas, o amor é uma vocação, um ideal de vida e uma necessidade: e apresenta-se enquanto um dom, quando na verdade é uma tirania. Segundo a autora, é através do amor que a mulher estará condenada à subordinação, num impulso de auto-aniquilamento do seu eu, pois é o outro que ela considera enquanto absoluto e a razão pela qual ela dedica sua existência.

Apesar de utilizar a obra *O Segundo Sexo* como uma de nossas principais referências, não concordamos totalmente com essa perspectiva extremamente fatalista. É verdade que há uma diferença na maneira como homens e mulheres amam, mas reduzir a experiência feminina do amor a um caráter de servidão, alienação e abolição do eu é algo que Lipovetsky vai tentar enxergar sob outra ótica. Ele argumenta que o erotismo feminino é diferente do erotismo masculino, visto que no primeiro caso há uma continuidade da proximidade emocional. Também propõe uma reinterpretação do valor atribuído ao amor pelas mulheres, numa via em que possibilita o reconhecimento da autonomia feminina. Segundo o autor,

Por se associar demasiadamente o culto feminino do amor a um desejo de auto-aniquilamento do eu, oculta-se uma dimensão essencial do problema. É o não ver que, através do amor, a mulher visa um reconhecimento e uma valorização de si mesma enquanto indivíduo não permutável [...] aquilo que está subjacente a sobrevalorização feminina do sentimento amoroso é menos um desejo de destruição de si mesma do que o desejo de ser reconhecida e valorizada. (LIPOVETSKY, 1997, p. 42)

Quando as interlocutoras relatam que em um relacionamento, a autoestima baixa em conjunto com a dependência emocional são grandes obstáculos para as demais áreas de sua vida, é possível perceber que seus interesses se conciliam mal pois esta é uma sombra da dependência simbólica a qual aprenderam a se constituir desde sua adolescência: uma necessidade de ser para o outro e se adequar às circunstâncias que validam o seu reconhecimento através do êxito na esfera íntima dos relacionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha monografia, busquei apreender os aspectos sociais e culturais que envolvem a experiência feminina no período da juventude, onde a adolescência assume importância vital para a constituição desses sujeitos e por isso deve ser levada em consideração para melhor compreender o processo de se tornarem jovens adultas. Através do método etnográfico, foi possível verificar que o campo universitário é um campo movido pela afetividade, mas também pelas disputas e competições que ali são travadas entre os estudantes. Concomitantemente, tais conflitos provenientes das disputas são observados também na esfera íntima dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Vimos que as emoções dolorosas que se fazem presentes nos relacionamentos íntimos, são algo que acompanha nossas interlocutoras desde a experiência familiar, passando pela adolescência, até chegar no presente momento enquanto universitárias. Portanto, minha hipótese foi comprovada na pesquisa, visto que as interlocutoras relataram que a adolescência foi um período turbulento e de muitos conflitos internos, além de que parte deles ainda reverberam até a entrada no campo universitário. As maiores questões que foram levantadas neste período dizem respeito à violência simbólica no namoro, os problemas de autoestima, a comparação com outras mulheres e o julgamento de terceiros sobre suas ações, cujas consequências puderam ser sentidas através da culpa, da vergonha e da humilhação. Todas essas etapas geracionais de socialização corroboram para fazer da experiência feminina em sociedade um local onde a dominação simbólica opera de forma invisível e sendo passível de naturalização, além de que foi possível constatar também que as vítimas das agressões emocionais geralmente tendem a acreditar que elas próprias são as culpadas pela violência a que são submetidas.

A maior descoberta de nosso trabalho é que as categorias “corpo” e “emoções” não devem ser compreendidas separadamente. Quando tratamos da presença de emoções dolorosas como um indicativo de conflito nas relações afetivas, percebemos que o corpo é ao mesmo tempo vetor e delator da violência simbólica de gênero. Dito isso, estou confiante e disposta a estender essa discussão para o mestrado futuramente.

Ainda que o recorte que delimitamos na pesquisa diga respeito às mulheres universitárias que se relacionam com homens, acreditamos que logicamente esta não é a única configuração possível para investigação das relações que se estabelecem nesse espaço. Nem mesmo que as emoções dolorosas só possam ser experienciadas por mulheres. Portanto, fica em aberto para as pessoas que se interessam pelo tema, a possibilidade de explorar essas questões sob novas hipóteses, objetivos e outros referenciais teóricos.

Quando decidi teorizar sobre as relações afetivas tendo como foco a violência simbólica e o sofrimento, isso se deu pela emergência de pôr à luz aquilo que atua na fronteira do invisível e por isso não é facilmente identificável. Mais que isso, encontrei na teoria sociológica uma forma de compreender a razão de todas as emoções dolorosas que senti na adolescência, cujas consequências reverberam até o presente momento. Quando fui a campo, percebi que não estava sozinha e que muitas garotas haviam vivenciado situações parecidas: imersas a um sentimento de culpa, reféns da humilhação ou simplesmente enxergando a si mesmas com profunda insegurança.

Não se pretende concluir que amor e dor são sinônimos, ou que toda e qualquer experiência afetiva resultará no sofrimento inescapável. Tento me manter otimista, ancorada por exemplo à perspectiva de bell hooks, quando diz que o amor é, sobretudo, um ato que exige extrema coragem. Também aos escritos de Simone de Beauvoir, que não se deixa levar unicamente pelo pessimismo, ao demonstrar que “o fracasso do amor absoluto só é uma experiência fecunda se a mulher é capaz de recuperar o domínio de si mesma” (2009, p. 863). Com todas as marcas e cicatrizes, se hoje consigo enxergar minhas potencialidades — enquanto mulher, filha, irmã, amiga e cientista social — foi porque passei por dolorosas provocações emocionais até enfim descobrir que, se decido me mover em direção àquilo que traz dor e sufoca a alma, este com certeza não é o caminho que leva ao amor. Ter domínio sobre si mesma significa honrar a história de todas àquelas que vieram antes de mim. É construir um futuro onde o sofrimento não seja a regra, mas um fenômeno passageiro que inevitavelmente conduz à transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACS. Violência psicológica contra a mulher. *In: Direito Fácil*. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDF, 7 ago. 2019. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/violencia-psicologica-contra-a-mulher>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ANDRADE, Thais Afonso; LIMA, Albenise de Oliveira. **Violência e namoro na adolescência: uma revisão de literatura**. *Desidades*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-35, jun. 2018

BARBALET, J. M. **Emoção, teoria social e estrutura social : uma abordagem macrossocial** / trad. Paula Taipas. - Lisboa : Instituto Piaget, D.L. 2001.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009

BITTAR, Danielle Souza. **Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica**. 2012. 30 f. Monografia (Graduação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *Coisas ditas*. Brasiliense. São Paulo. 2004.

_____, P.; PASSERON, J.C. *Escritos de educação* Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. (1989). **La Noblesse d'État. Grands Écoles et esprit de corps**. Paris: Ed. Minuit.

_____. **Homo academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers : les étudiants et la culture**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas**. São Carlos: EduFSCAR, 2015.

BRASIL. Lei nº. 11.340 de 07 de agosto de 2006. Lei da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Lei Maria da Penha). Brasília, DF: Senado Federal. 2006.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC).
Understanding Teen Dating Violence. Estados Unidos, Atlanta, 2016.

CARMO, Nádia Amaro do, RODRIGUES, Ozaias da Silva. **Minha carne não me define: a hiperssexualização da mulher negra no Brasil**, 2021.

CATANI, Afrânio Mendes. 2013. **Origem e destino: pensando a sociologia reflexiva de Bourdieu**. 116 pp. Campinas, SP: Mercado de Letras

_____, A. M., et. al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHILAND, Colette e DOUEK, Sybil Safdie. **A construção da identidade de gênero na adolescência**. Rev. bras. psicanál [online]. 2014, vol.48, n.4

CRENSHAW K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Rev Estud Fem [Internet]. 2002Jan;10(1):171–88. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. In: Revista Brasileira de Educação. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. “**Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola**”. In: Anais do I Congresso de Educação Inclusiva”. SP. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977. FOUCAULT, Michel.

GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editora Estampa, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

GRENFELL, Michael (ed.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Editora vozes, 2018.

GUEDES, M de C. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino**. Hist cienc saude-Manguinhos [Internet]. 2008;15:117–32

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Revista Estudos Feministas [online]. 2006, v. 14, n. 1 [Acessado 14 Setembro 2022] , pp. 43-59.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>>. Epub 31 Ago 2006. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>.

HOOKS, Bell. A teoria como prática libertadora. *In: Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*. 7. ed. rev. Sao Paulo: WMF, 2020. cap. 5, p. 83-104.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**.2015;

JAGGAR, A. M. (1997). Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. Em A. M. Jaggar & S. R. Bordo (Orgs.), **Gênero, corpo, conhecimento** (pp. 157-185). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

JARDIM, Steffany Costa; BRAGA, Cícero Augusto Silveira; LIRIO, Viviani Silva. **Violência e Gênero no meio universitário: estilo de vida, características pessoais e probabilidade de vitimização**. Oikos: Família e Sociedade em Debate, v. 32, n. 2, p. 01-26, 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Cultura emotiva, disposições morais e tensões cotidianas em uma comunidade de afetos**. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v2 n4, p. 15-34, março de 2018. ISSN 2526-4702.

_____, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia das emoções**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo** 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **D. As paixões ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LINDNER, Evelin Gerda. **“O que são emoções?”**. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury].RBSE–Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 36, pp.822-845,Dezembro de 2013. ISSN 1676-8965.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Lisboa: Epistemologia e sociedade, 1997.

LORING, M.T. **Emotional Abuse**. New York: Lexington Books, 1994.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MACÊDO, K. B.. (2021). **Corpo e sintoma no paciente somatizador: uma visão psicodinâmica**. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 24(2), 1–11.

MACHADO, D. V. **Delatando Segredos: a análise bourdieusiana do campo acadêmico**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem , v. 4, p. 99-102, 2013.

MAFFESOLI, M. **Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social**. Porto Alegre: Revista FAMECOS - quadrimestral - nº 23 abril, 2004.

María Elvira Díaz-Benítez, Kaciano Gadelha et Everton Rangel, « **Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social** », *Anuário Antropológico*, v.46 n.3 | -1, 10-29.

MARQUES, Tânia Mendonça. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. 2005. 300 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2005.33>

MARTINS, Alline. Saúde lança o Violentômetro para conscientizar sobre violência: É importante denunciar os casos de agressão.. *In: SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. Notícias. [S. l.]*, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/web/guest/w/saude-lanca-o-violentometro-para-conscientizar-sobre-violencia>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MATON, Karl. Habitus. *In: GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Conceitos Fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018, pp.73-94

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*, New York, William Morrow and c. 1935 (Trad. Bras. Rosa R. Krausz. São Paulo, Perspectiva, 2000)

MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (ed.). Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica da América Latina. *In: DE HOLANDA, Heloíse buarque (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 96-115.

MONTEIRO, F. P. **Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2020.

MOORE, Rob. Capital. *In GRENFELL, M. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

OLÍMPIADA UFU - 10ª edição. *[S. l.]*: Canal da UFU, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mNL2c8hZEUc>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PAPPÁMIKAIL, L. (2011). A adolescência enquanto objecto sociológico: notas sobre um resgate. *In J. Pais, R. Bendit & V. Ferreira (Eds.), Jovens e rumos* (1a ed., pp. 81-97). Lisboa: ICS.

PEREIRA, M. (2008). **A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso.** Universidade de Málaga.

PORTAL PROAE. Relações Afetivas Saudáveis. In: ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (org.). **Acontece.** [S. l.], 11 jun. 2018. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/acontece/2018/06/relacoes-afetivas-saudaveis>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 7 jun. 2023.

REDAÇÃO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. Centro Acadêmico: para que serve e como. In: UNE. **União Nacional dos Estudantes.** [S. l.], 11 dez. 2013. Disponível em: <https://www.une.org.br/2013/12/aprenda-para-que-serve-e-como-se-forma-um-centro-academico/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

RIBEIRO, M. **A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem.** Rev esc enferm USP [Internet]. 1999 Dec;33(Rev. esc. enferm. USP, 1999 33(4)):358–63. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0080-62341999000400006>

SAFFIOTI, H. I. B. (1997). **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade.** *Lutas Sociais*, (2), 59-79. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18789>

SANT'ANNA, T.C., & PENSO. (2017). **A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal.** *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33427>

SCAVONE, L. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, p. 173-186, 2008.

SCHUBERT, J. Daniel. Sofrimento/violência simbólica. In: GRENFELL, Michael (org.). BOURDIEU, Pierre. *Conceitos fundamentais.* Petrópolis: Vozes, 2018, p. 234-252.

SCOTT, Joan. (2019) “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, in Hollanda, Heloisa B. (org.): *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: GRENFELL, M. (org.). Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais, tradução de Fábio Ribeiro, Petrópolis/RJ: Vozes, 2018, pp. 95-114.

TRINDADE, W.R., & FERREIRA, M. de A (2008). **Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres.** *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(Texto contexto - enferm., 2008 17(3)), 417–426. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>

WACQUANT, L. (2007). **Esclarecer o habitus.** In: *Educação & Linguagem.* Ano 10, n. 16, jul-dez, pp. 63-71.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

ZARIAS, Alexandre; LE BRETON, David. **Corpos, emoções e risco: vias de compreensão dos modos de ação individual e coletivo**. Sociologias , v. 21, n. 52, p. 20-32 , 2019.

ZELDIN, T. **Os franceses e o amor. In: Amor e sexualidade no Ocidente**. Trad. Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1991.

ANEXO A - Roteiro de entrevistas

EIXO DE VIDA/FAMÍLIA

Idade

Com que gênero você se identifica?

Qual a sua orientação sexual?

Qual é a sua cor ou raça/etnia?

Você é solteira ou namora?

Como é seu núcleo familiar? (irmãos, família divorciada, junta, etc)

Como é a relação dos seus pais?

Em termos de oportunidades, você acha que as suas experiências de vida se assemelham com as experiências da sua mãe?

Você consegue dizer algo sobre as vivências de relacionamento da sua mãe?

EIXO PASSADO - Adolescência

Como você lembra do seu “eu” na adolescência?

Idade com que começou as atividades sexuais. Como foi essa experiência?

Você namorou na adolescência?

Como foi essa experiência?

Nesse período, você destaca alguma relação que te causou prejuízo emocional?

Nesse período, você destaca alguma relação/situação que prejudicou sua autoestima?

Você teve uma rede de apoio nesse processo?

EIXO PRESENTE - UFU

Em que ano você ingressou na UFU?

Mudou de cidade para entrar na UFU? Como foi esse processo?

Se a gente for revisitar quando você entrou na UFU e era bixete, quando conheceu a vida universitária, o que você percebeu de diferente nesse novo espaço?

Você participa de alguma entidade estudantil?

Me fale um pouco sobre como ela se organiza aqui na UFU. Os motivos que fizeram você integrar nessa entidade.

EIXO PRESENTE - A vida emocional das universitárias

Sua vida sexual mudou quando você veio para a UFU? Em que sentido?

Se é solteira, como é a vida de solteira pra você? Quais são as vantagens e desvantagens?

Se namora, qual a diferença entre namorar e ser solteira pra você? Quais são as vantagens e desvantagens?

Quando você gosta/está ficando/tem um relacionamento, você acha que isso influencia no seu rendimento nos estudos/trabalho?

Como é o “ficar” com outras pessoas pra você? (no sentido de ficadas em festas e tal)

Você consegue identificar uma lógica do jogo nesse ficar, flertar?

Você já se sentiu competindo com um homem na relação?

Você já se sentiu competindo com uma mulher?

Algum relacionamento (mesmo que seja só ficantes) depois de entrar na universidade te marcou de forma positiva?

E de forma negativa?

Você consegue perceber um padrão que se repete nessas experiências negativas?

Qual o prejuízo emocional que isso te causou?

Nesse período, você destaca alguma relação/situação que prejudicou sua autoestima?

Você teve uma rede de apoio nesse momento?

Suas amigas já passaram por situações parecidas?

CONCLUSÃO

- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos até aqui ou destacar algum ponto?